

Lina Maria de Oliveira Azoubel

FOME: IDEOLOGIA E CAPITALISMO

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

1988

Lina Maria de Oliveira Azoubel

Este exemplar corresponde à redação final
de **Dissertação** defendida por **Lina Maria**
de Oliveira Azoubel e aprovada pela Comis
são Julgadora em:

Data: 04/04/88

Assinatura: 

FOME: IDEOLOGIA E CAPITALISMO

500 e 700

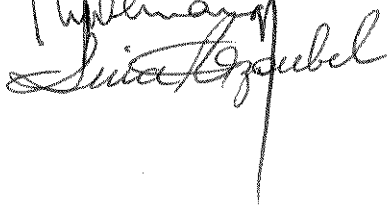
Faculdade de Educação
Universidade Estadual de Campinas
1988

Dissertação apresentada à
Faculdade de Educação - De
partamento de Administra-
ção e Supervisão Escolar
como parte dos requisitos
para obtenção do Título
de MESTRE em Educação.

Orientador:



Mestrando:



COMISSÃO JULGADORA:

Alfama

Gabriela C. Saravira

James F. Maher.

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos
aqueles que de uma forma ou
de outra passam fome ou sofrem
as suas consequências.

"conto os que morrem de bouba,
de tifo, verminose
conto os que morrem de crupe
de cancro e xistossomose
mas todos estes defuntos,
morrem de fato é de fome
quer a chamem de febre
ou de qualquer outro nome"

FERREIRA GULLAR.

Para:

Reinaldo,

meu esposo, companheiro e amante,
pela força de um Hércules na persistência
dos princípios morais e intelectuais,
todo meu amor.

nossos filhos,

Maria da Penha, Reinaldo, Alexandre, Sérgio
e Paulo Roberto, a razão de minha vida,
minha gratidão pelas madrugadas despertadas
para me levar na Rodoviária.

genro e noras,

Nick, Marineide, Aparecida e Daniela,
meus filhos adotados,
pelo carinho especial.

netinhas,

Melaine e Caroline,
motivo de minha renovação e da
minha existência.

" O poder total, a libertação completa chegam
a nós, depois de mil combates e feridas
sem conta."

INÁCIO LARRANAGA.

Agradecimentos

"No mundo há dois tipos de seres: os que arrastam os outros e os que se deixam arrastar... É preciso escolher. Se queres ser forte, não te satisfaças somente com o apoio dos olhos. Sê aqueles com quem os outros contam".

A Samuel, meu pai, Penhinha, minha mãe, quem primeiro nos arrastou, levando-nos à descoberta de que o Trabalho é um dom de Deus. Que o homem trabalhe, pois, com sabedoria, ciência e colha os frutos do seu labor.

A todos, presentes nesta jornada, que infundiram energia e confiança em nosso trabalho. Falo de nossos pais, sogros, irmãos, cunhados e cunhadas, amigos, alunos e Instituições.

Nilson Joseph Demange, meu muito obrigada, pela sua confiança, orientação, paciência e capacidade de compreender as pessoas e as coisas.

Esperamos que continue sendo mais que um orientador:-
o Mestre e Amigo,

Minha gratidão.

Entre todos os Professores da Faculdade de Educação, que direta ou indiretamente, contribuíram para meu crescimento, um agradecimento muito especial aquele que sem ainda me conhecer profundamente, acreditou em nós e em nossa proposta de trabalho.

Obrigada, James Patrik Maher.

Ao Prof. José Eduardo Dutra de Oliveira, pela oportunidade na definição do meu posicionamento como profissional de Nutrição,

Ao Dr. Genésio A. de Paula e Silva, da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral, pela presteza e paciência nos fornecimento e esclarecimento dos dados de Agricultura.

A UNICAMP, através da Faculdade de Educação, que não se opôs em receber uma Nutricionista na sua Pós-Graduação, tendo como tônica procurar nos ouvir, apoiar, incentivar, acreditar nas pessoas e seus projetos.

A CAPES por ter sido bolsista no seu programa de PICD.

A Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto por não ter criado problemas para que viajasse toda semana para Cmapinas;

Ao Departamento Materno-Infantil e Saúde Pública, ao qual pertenco, por confiar em mim.

Ao CERT/USP na pessoa de seu presidente Prof. Walter - Colli que entendendo as dificuldades de quem faz Pós-Graduação fora da cidade, sem ser afastada das atividades impostas pelo regime de RDIDP, prorrogando meu estágio probatório.

A Tese

Tese é um voo alto...

Um voo até a verdade!

Verdade que sempre existiu e paira sobre nós,
apesar de quase sempre nos a ignorarmos.

Ela, a verdade, sempre existiu apesar das leis,
dos costumes, do nosso certo ou errado, está sobre
nós esperando que cheguemos a ela...

Muitas vezes, por vários motivos
nos afastamos da verdade, criando e acreditando
que estamos sendo verdadeiros.

E o tempo vai lapidando em nós a verdade
num processo que pode durar até anos, séculos...

A tese é as vezes pouco compreendida,
pois muitos de nós passamos pela vida
sem saber o que é a vida, a verdade...

Que Deus abençoe todos aqueles que chegam
até a verdade.

E que a verdade chegue um dia a todos nós...

R.A.F.

Varginha 26/02/88

Fome: Ideologia e Capitalismo

SUMÁRIO

	pg.
SUMÁRIO	1
I - INTRODUÇÃO	7
II - A INDÚSTRIA DA FOME COMO PROCESSO SOCIAL ABRANGENTE	13
- Descomprometimento em relação à Fome	14
- Diversidade dos condicionantes da Fome	21
- A fome e o (sub) desenvolvimento	29
- A política da Fome	37
III - A INDÚSTRIA DA FOME E SUAS SUBSIDIÁRIAS: NÍVEL REGIONAL	47
- Seca e enchente como formas de exploração	48
- A Indústria da exploração da propriedade da terra	62
IV - A INDÚSTRIA DA FOME E SUAS SUBSIDIÁRIAS: NÍVEL NACIONAL	70
- Fome e Educação excludente	71
- Fome e salário mínimo	89
- Exploração do trabalho	113
V - A INDÚSTRIA DA FOME E SUAS SUBSIDIÁRIAS: NÍVEL INTERNACIONAL	116
- Fome e dependência a nível Internacional	117
- As propostas dos Órgãos Internacionais	120
- A rede de Segurança	129
VI - ANEXOS	143
VII - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	160

Sumário

Procuramos realizar um estudo sobre a fome levando em conta a estrutura político-econômica-social vigente no país, com a preocupação de como ela se reflete na educação, alimentação e trabalho.

A fome é um tema pouco estudado e por nós considerado não apenas um fenomeno natural, mas principalmente resultado de uma determinação política, econômica e social.

Em outras palavras, procuramos dar uma visão a respeito da fome não só do ponto de vista biológico, em que é estudada como desnutrição, mas como estando altamente comprometida com um processo político-econômico-social mais abrangente.

De um lado temos conhecimento que ela se encontra nos países periféricos de todo o mundo entre eles o Brasil. De outro é sabido que o ano 87/88 foi contabilizado um sucesso da produção mundial, uma vez que na terra existe neste ano o estoque de mais ou menos 400 milhões de toneladas de grãos o que equivale a 7 vezes a última safra brasileira de grãos.

Segundo dados oficiais essa quantidade seria suficiente para suprir as deficiências calóricas, durante 2 anos, dos 730 milhões de famintos que povoam o planeta.

É fundamental dar conhecimento de que os armazéns comunitários da Comunidade Econômica Européia (C.E.E.) acumulam desde o ano passado: 16,4 milhões de toneladas de cereais

1,4 milhão de toneladas de manteiga

1,0 milhão de toneladas de leite
em pó

0,600 milhão de toneladas de car
ne bovina

0,250 milhão de toneladas de azeii
te de oliva, e para isto gasta

2 bilhões de dolares de aluguel para armazenar estes alimentos.

Por sua vez, no Brasil 85% da população ganha até 5 salários mínimos para sobreviver com seus dependentes, o que os coloca em uma das três fases da manifestação da fome.

Isso ocorre em consequência da política-econômica-social de um capitalismo dependente imposta aos brasileiros por um capitalismo desenvolvido e opressor.

Em vista disso, teceremos algumas considerações a respeito do descomprometimento do governo em relação à fome, assim como das diversidades dos condicionantes da fome, relacionando-a com o desenvolvimento e a política.

Trabalharemos também com as questões envolvidas com a fome a nível regional, nacional e internacional.

Consideramos que a fome é um processo organizado como uma grande indústria que por sua vez é subsidiada pelas indústrias da seca, enchente, exploração da propriedade da terra, educação excludente, salário mínimo e exploração direta do trabalhador.

Como não poderia deixar de ser terminamos com uma análise da fome a Nível Internacional e das propostas dos Órgãos Internacionais.

Summary

A study on hunger was conducted taking into consideration the political and socioeconomic structure of Brazil, focusing on its repercussions on education, feeding and work.

Hunger is a little studied topic which we consider not only as a natural phenomenon, but mainly as the result of a political, economic and social determination. In other words, our objective was to provide a picture of hunger not only from a biological point of view, which sees it as malnutrition, but also as a phenomenon involved in a more encompassing political and socioeconomic process.

On the one hand, we know that hunger exists in all peripheral countries in the world, Brazil among them, and on the other we know that year 1987/88 represented a great worldwide success in terms of grain production, since approximately 400 million tons of grains were stocked all over the world during this period, i. e. the equivalent of 7 times the latest Brazilian grain crop.

According to official data, this quantity would be sufficient to satisfy for two years all the caloric needs of 730 million individual suffering from starvation all over the world.

It is of fundamental importance to inform that the community storage sites of the European Economic Community have accumulated the following amounts of food since last year:

16,4 million tons of cereals

1,4 million tons of butter

1,0 million tons of powdered milk

0.600 million tons of beef

0.250 million tons of olive oil

and that 2 billion dollars in rental expenses are being paid to store this food.

In Brazil, 85% of the population earns an amount of money equivalent to up to 5 times the minimum monthly wage to support a full family, which means that this section of the population is in one of the three phases of hunger manifestation. This is the result of a socioeconomic policy based on dependent capitalism which has been imposed on the Brazilians by a developed and oppressive capitalism.

In view of the above, we comment on the lack of action on the part of the government with respect to hunger and on the diversity of the factors conditioning hunger, relating them to development and politics.

The questions involved in hunger at the regional, national and international level are also discussed.

We consider hunger to be an organized process similar to a large industry, which in turn is subsidized by the industries of drought, flooding, exploitation of land ownership, elitist education, minimum wage and direct worker exploitation.

Finally, we conclude with an analysis of hunger at the international level and of the proposals presented by International Agencies.

Resumée

Nous prétendons réaliser une étude sur la faim, considérant la structure politique - économique - sociale en vigueur dans le pays et ses reflexes sur l'éducation, l'alimentation et le travail.

La faim est un thème peu étudié. Elle n'est pas seulement un phénomène naturel, physiologique: la dénutrition, mais principalement le résultat d'une détermination politique économique-sociale.

Nous savons d'une part qu'elle est présente dans les pays périphériques du monde entier, Brésil inclus. D'autre part que les récoltes de la période 87/88 ont été reconnues comme une suclés de production mondiale cette année on/compte environ 400 millions de tonnes de grains, soit 7 fois plus que la dernière récolte brésilienne.

Selon des données officielles cette quantité 'serait suffisante pour compenser pendant 2 ans les déficiences 'caloriques des 750 millions d'affanés qui peuplent la planète.

Nous croyons fondamental faire savoir que les réserves de la communauté économique Européenne (C.E.E.) se chiffraient l'an dernier à:

16.4 million de tonnes de céréales.

1.4 " " de beurre

1.0 millions de tonnes de lait en poudre

0.6 " " de viande bovine

0.25 " " d'huile d'olive

la cee dépense 2 milliards de dollars de loyer pour conserver ces aliments.

Au Brésil 85% de la population gagne jusqu'à 5 fois le salaire minimum vital pour survivre avec ses dependants, ce qui les place dans une des trois phases de manifestation de la faim.

Cette situation est resultante de la politique économique et sociale d'un capitalisme dépendant imposé par un capitalisme développé et opresseur.

Pour les raisons exposées plus haut nous montrons le manque d'intérêt du gouvernement pour le problème de la faim ainsi que la diversité des conditionnants de la faim, établissant une relation avec le développement et la politique.

Nous considérons que la faim est un processus organisé comme une grande industrie qui, à son tour, est subsidee par les industries de la sécheresse, des inondations, l'exploitation de la terre, l'éducation, le salaire minimum vital et l'exploitation directe du travailleur.

Nous travaillerons aussi sur les problèmes de la faim, à niveau régional et national terminant par une analyse de la faim au niveau international et aussi des propositions des organismes internationaux.

I

Introdução

Em momento algum tivemos a pretensão de que o trabalho tivesse como seu ponto alto e nobre a pureza metodológica, uma vez que a problemática enfocada e a natureza das questões envolvidas no texto englobam perspectivas e questões muito complexas, onde se entrelaçam as contradições sociais em contraposição com a essência do ser humano de forma muito clara e forte.

Dentro da Nutrição existem inúmeros assuntos a ser estudados, pesquisados e até mesmo desenvolvidos, uns bastante explorados e rendáveis, outros mais especializados e objetivos; existe, porém, um que há bom tempo não se falava nele: o estudo da problemática da fome.

Há várias décadas algumas pessoas, como Josué de Castro que assumiram essa bandeira, chegaram a fazer previsões, que hoje são realidade a esse respeito.

Recentemente existe uma retomada dessa problemática pelos estudiosos da área da Saúde, em consequência da estrutura político-econômica-social vigente no país, que ignora a Educação, Alimentação e seus vínculos com as condições de trabalho das pessoas. E considerando-se a dependência e inter-relação indissolúveis destes três setores, isso acarreta a im-

plicação intrínseca da problemática da fome.

A fome, não podemos esquecer, está intimamente ligada às contradições sociais em decorrência da política - economica do país.

Embora tenhamos uma forma de dependência em relação aos países capitalistas desenvolvidos, esta dependência passa por vários processos de libertação possíveis. Não podemos esquecer de que, a cada tentativa de maior controle, pelos mecanismos mais variados possíveis, como por exemplo - retalhação economica, a realidade nos mostra não ser mais possível recuar na luta pelo desenvolvimento e na retomada do processo as exigências de empenho são mais fortalecidas.

A força do poder do capital internacional já começa a se ressentir perante o esforço das classes trabalhadoras dos países dependentes, em questionar as suas intervenções externas nas condições de desenvolvimento, como as impostas pelo FMI que atingem diretamente as condições de vida daquela população.

Ao nível ideológico e acadêmico, por sua vez, necessário se faz dizer que não aceitamos ciência, técnica, saber e prática profissional absolutamente neutra ou descomprometida com as questões sociais; pelo contrário acreditamos que elas estão em grande parte comprometidas na escolha de suas técnicas e políticas com o capitalismo industrializado dos países desenvolvidos.

Não é por acaso que as ciências da saúde têm sua preocupação com uma prática voltada para a doença, com tratamento específico e interiorizado para cada doença, sem uma visão holística. Daí porque não estão interessadas em discutir as questões mais complexas sócio-econômicas e educacionais que levam esta terra a ser um país doente.

A partir destes conceitos é que pretendemos estudar e conversar com aqueles que têm fome, não através de uma maneira específica e altamente especializada, mas promover uma reflexão e discussão bem mais ampla, uma vez que entendemos ser a fome, não uma questão apenas natural ou provocada pela natureza.

A fome, para nós, é muito mais uma questão arquitetada e engedrada pelas classes dominantes, onde são utilizados mecanismos político-econômicos de dominação e repressão, com a finalidade de garantir a manutenção desta monstruosa fábrica que é a indústria da fome. Essa indústria é sustentada por tantas outras indústrias subsidiárias, as quais pesquisaremos a nível regional, nacional e internacional.

Esperamos no entanto, que a nossa lógica seja concatenada no que diz respeito às idéias e reflexões que vão conduzir o trabalho, como já dissemos, não pretendemos tratar o assunto de maneira especializada, mas tecer algumas relações entre o discurso acadêmico, o político e a realidade social vigente no país.

Trabalharemos, enfim, com a problemática do real e do concreto da fome, para não continuar a deixar passar a idéia de que a fome é apenas natural e que depende da natureza.

Impõe-se afirmar ser a fome também ideológica. Ela é produzida a fim de atender às exigências de uma classe dominante, detentora do poder político-econômico.

Quando dizemos que ela é produzida, queremos dizer algo mais, que ela é industrializada e que seus dividendos são para a classe dominante e serve de sustentáculo a sua dominação.

Toda grande indústria gera indústrias outras

subsidiárias, dessa forma, a indústria da fome pode manter em diversos graus de dependência mais de 85% da população a nível nacional, presos aos condicionamentos de uma política salarial que obriga aos trabalhadores e seus dependentes a sobreviverem com 1 a 5 salários mínimos e sujeitos ao desemprego e subempregos frequentes.

Ademais, estas pessoas sofrem as conseqüências das indústrias subsidiárias que colaboram de diversas formas para a fome como as das secas, enchentes, propriedade da terra, educação excludente, exploração da doença, do trabalho e da dependência internacional.

A indústria da fome também é, como indústria, uma forma de produção que utiliza processos abrangentes de alcance global, uma vez que atua em vários níveis da realidade humana a começar pelo biológico, passando pelo econômico, social, político, até o ideológico.

A nível biológico toda a humanidade possui um condicionamento hereditário através da fome, voltado para as necessidades básicas de consumo de alimentos.

Do ponto de vista econômico, historicamente a humanidade tende a suprir as suas necessidades básicas, entre elas a biológica da alimentação, através do sistema produtivo.

Ligado ao econômico se desenvolvem os processos sociais que organizam as formas do trabalho e da participação humana nos benefícios do sistema produtivo, dando origem às diferentes classes sociais.

Esses processos de organização e divisão do trabalho sempre foram alicerçados numa articulação de interesses de diferentes grupos sociais, que pressupõem diferentes formas de poder político.

A defesa organizada desses pressupostos políti

cos cria um âmbito de luta no nível ideológico gerando várias práticas e discursos alinhados com as diversas formas de poder.

Mediante esses níveis da realidade social as necessidades básicas da humanidade, dentre elas a da alimentação, podem ou não serem atendidas de maneira abrangente e universal, dependendo das formas históricas concretas em que cada sociedade esteja organizada.

As manifestações dos processos de produção da fome passam por todos esses níveis, articulando-se em mecanismos ou indústrias das mais variadas formas. Procuraremos neste trabalho analisar esta problemática.

A análise desses mecanismos será feita procurando demonstrar a sua presença em diversas dimensões geográficas ou amplitudes da sociedade.

No âmbito regional, encontramos indústrias subsidiárias à indústria da fome, atuando também nos níveis biológico, econômico, social, político e ideológico, os quais não poderiam deixar de ser tratadas por nós. Entre estas indústrias de âmbito regional, estudaremos as indústrias da seca, da enchente, e a da exploração da propriedade da terra, onde utilizam os mais variados processos em função da produção da fome.

Surgem também outras indústrias subsidiárias à indústria da fome, a nível nacional de maneira mais elaborada, como por exemplo as da educação excludente, política salarial da exploração do trabalho e da doença.

Essas indústrias nacionais utilizam mecanismos amplos e globais, podendo, porém, acentuar-se a nível local e regional. De uma maneira mais incisiva elas atingem as classes dominadas da sociedade para reproduzir uma estrutura

social que satisfaça os interesses mais diversos possíveis das classes dominantes.

Já a nível internacional os processos para manutenção da indústria da fome estão envolvidos num quadro estrutural de exploração das sociedades capitalistas baseado na dependência das sociedades capitalistas periféricas, sejam elas sub-desenvolvidas ou em desenvolvimento.

Destes fatos advém a necessidade de fazermos uma análise dos Órgãos Internacionais e de sua postura, assumida frente aos graves problemas, entre eles, a fome, incumbidos de trabalhar para solução da problemática da fome existente nesses países.

II

A INDÚSTRIA DA FOME COMO PROCESSO SOCIAL ABRANGENTE

Descomprometimento em relação à FOME

É imprescindível lembrar que inerente à existência do homem estão as necessidades básicas, entre elas a nutrição - alimentação - que é condição "sine qua non" de sobrevivência não só do homem como também, de qualquer espécie animada.

Durante muitos anos, ou melhor dizendo, durante muitos séculos, a história da humanidade atribuía a fome às secas, à guerra, às pragas (humanas e de animais, como a de gafanhotos).

Com o decorrer dos tempos, a seca continuou sendo chamada de seca, os dilúvios passaram a ser chamados de enchentes e as guerras se sofisticaram, em sua forma e nos seus aparatos.

Desta maneira, a fome sempre foi vista como um "fenômeno natural" provocado por esses flagelos, que são "inevitáveis" e que motivam a falta total ou parcial dos alimentos. Isso permitia que não fossem desvendadas as razões inerentes que envolvem a problemática da fome.

Por não aceitarmos as razões apresentadas para justificar a fome, refutadas, já, há várias décadas, com base em escritos como os de Josué de Castro (1), é que trabalharemos nas questões que a envolvem a fim de desmistificar sua existência apresentada como sendo "natural" e não "produzida", mas como sendo uma indústria para manutenção do poder político e econômico. Assim, procuramos analisar as principais questões envol

(1) Castro, Josué - Geografia Humana - Edit. Livraria do Globo - Rio de Janeiro - 1959.

Castro, Josué - Geografia da Fome - Edit. Brasiliense - São Paulo - 1959.

Castro, Josué - Geopolítica da Fome - I e II volumes - Edit. Casa do Estudante Brasileiro
Rio de Janeiro - 1954.

vidas na sua "justificativa ideológica".

De início, faz-se necessário deixar bem claro a diferença fundamental entre dois conceitos, comumente confundidos em estudos desse assunto:

- "Falta de Alimento" e "Fome"

A "falta de alimentos" diz respeito a determinado alimento, por determinado tempo e por razões as mais variáveis possíveis, que também discutiremos no decorrer do trabalho.

"Fome" é a falta de todos os alimentos e por muito tempo, levando as pessoas progressivamente ao desespero, apatia e morte.

A fome procura ser explicada pela reduzida quantidade ou até mesmo raridade dos alimentos em contraposição ao aumento incontrolável da população, baixa produção e exportação.

Convém alertarmos que, frequentemente, só há preocupação do governo com a - "falta de alimento" - quando esta falta atinge as camadas sociais mais favorecidas. Se assim não fosse, não haveria a fome, pois teríamos por parte do governo um planejamento (a curto, médio e longo prazo) político-econômico onde a agricultura estaria voltada para produzir alimentos para todos, o tempo todo.

No entanto, não se trabalha com alguns aspectos que envolvem a fome, como por exemplo: que ela atinge as classes sociais dependentes, de um lado, e de outro como sendo uma ideologia das classes dominantes. Não se procura demonstrar que a organização social implica necessariamente na desigualdade entre os homens e entre as sociedades, reforçando, assim, a implicação necessária de uma distribuição também desigual de alimentos.

Ainda hoje, "cientificamente" não se estuda a es sência da fome, mas a preocupação dos estudiosos reside nas suas consequências, por exemplo - a desnutrição. Chega-se a especialização de se estudar a desnutrição relacionada a macro e micro nutrientes, como desnutrição proteica (Kwashiorkor), a desnutrição proteico-calórica (Marasmo), as avitaminoses em especial da vitamina "A", sem que haja a preocupação de se trabalhar com as questões sociais básicas que levam à "desnutrição" que é a fome. Josué de Castro morreu em Paris, por denunciar desde a década de 40 a fome brasileira em seus livros, artigos, conferências, etc. (2). A fome era vista por ele, como parte de um conjunto de outros dados conforme encontramos no livro - Latin American in the Future World (3) onde foi revelada a seguinte realidade:

- "Dois terços, talvez mais, das populações da América Latina são de subnutridos, apresentando-se mesmo as populações de certas regiões em estado de fome absoluta. A maioria é mal nutri da, mal vestida e mal alojada.
- Três-quartos da população da maioria dos países da América Latina são de analfabetos; nos países restantes a proporção de analfabetos va ria de 20 a 60%.
- Metade da população da América Latina sofre de doenças infecciosas ou carenciais.
- Dois terços da população da América Latina não gozam dos benefícios da Assistência Social.

(1). Castro, Josué - Ensaio de Geografia Humana - Edit. Brasiliense - São Paulo - 1957.
Castro, Josué - Ensaio de Biologia Social - Edit. Brasiliense - São Paulo - 1957.
Castro, Josué - Homens e carangueijos - Editora Brasiliense - São Paulo - 1957.

(2). Soule, George, Efron, David; Ness, Norman Jr. - Latin American in the World, 1945.

- Cerca de um terço das populações trabalhadoras (especialmente milhões de trabalhadores índios), continuam sem participação alguma na vida econômica, social e cultural da comunidade latino-americana.

O poder aquisitivo do índio é, em muitas áreas, igual a zero; com exceção do México, ele é, politicamente, um cidadão de segunda classe.

- Dois terços da população latino-americana vivem em condições semi-feudais de trabalho.
- Uma surpreendente maioria da população rural não possui terra, dois terços senão mais, dos recursos agrícolas, florestais e do gado pertencem ou são controlados por uma minoria de senhores de terra nacionais e por organizações estrangeiras.
- A maior parte das indústrias extrativas da América Latina pertencem ou são controladas por organizações estrangeiras, sendo considerável parte dos lucros desviados dos vários países. Da mesma forma, muitas das instituições de produção e distribuição são controladas pelo capital estrangeiro ausente.
- As condições de vida da massa da população latino-americana são particularmente instáveis, dependem das flutuações do mercado estrangeiro. A concentração numa espécie de indústria extrativa ou a monocultura de produtos de "sobremesa" (café, açúcar, cacau, banana, etc.) - para o consumo externo mais que para o consumo

externo mais que para o consumo interno, arrasaram várias regiões, latino-americanas à beira da ruína econômica.

- O comércio interno e o intercâmbio comercial - dos países latino-americanos são essencialmente rudimentares. Existe grande desequilíbrio econômico entre diferentes zonas de um mesmo país, como também entre os vários países. As limitadas oportunidades de intercâmbio comercial nos países latino-americanos são semelhantes às do século XVI, quando a Espanha por intermédio da Câmara de Contratos de Sevilha, proibia as colônias latino-americanas de negociar entre si. O intercâmbio latino-americano representa apenas 7% do comércio total da América Latina.
- A estrutura semi-colonial da economia latino-americana reflete-se nos meios de transporte; as estradas de ferro e a navegação marítima - destinam-se na maior parte, ao transporte de matérias-primas do interior para os pontos de embarque para o estrangeiro e, ocasionalmente, para o desenvolvimento do mercado interno. Essa deficiência de transporte é fator importante do limitado intercâmbio latino-americano.
- Com exceção da Colômbia, Argentina, Brasil e Uruguai a percentagem de indivíduos produtivos ou dos bem-remunerados é muito mais baixa do que nos Estados Unidos ou na Europa (cerca de

31% enquanto a dos Estados Unidos, no tempo de desemprego, era de 39,8%). Essa alta produção de população não aproveitada constitui um gran de peso para a parte economicamente produtiva.

- A capacidade produtiva do trabalhador latino-americano é muito inferior à do americano ou a do europeu, pelas razões acima expostas - sub-nutrição, ignorância e falta de aparelhagem adequada.
- Se não são muito abundantes os estudos sobre as condições alimentares da América Latina, há -no entanto, alguns trabalhos que nos permitem ajuizar bem delas, podendo ser considerados do cumentos absolutamente idôneos".

Apesar da importância e da advertência das obras de Josué de Castro são outros os estudiosos que despontam com estudos que contribuem para a manutenção dos "status quo" tais como:

- implantação de programas "científico-tecnológicos" para combater este ou aquele tipo de des-nutrição: o mais comum é o do sal iodado, a incamparina, etc.
- culpar psicologicamente o desnutrido (aquele que sofre de fome) por ser desnutrido; pela sua preguiça, ignorância, sujeira e tantas outras razões como se fosse livre e consciente, a escolha dos que passam fome.

Diante do exposto, para nós é fundamental trabalhar com algumas questões que envolvem a fome, a fim de enten-

- der melhor o porque da existência e manutenção do que chamamos indústria da fome.

Diversidade dos condicionantes da fome

Diante de tais fatos parece ser uma questão ideológica nos meios científicos o não considerar as causas e relações sociais que levam à escassez ou falta dos alimentos. Estas questões passam por uma causa maior que é a exploração de uma classe social - dominada - por outra classe social - dominante como nos mostra Susan George (4).

A comunidade científica, em sua grande maioria, quando trata o problema da fome, sem denunciar a dominação econômica social, oferece as condições ideológicas e práticas para que a classe oprimida, apesar de suas péssimas condições de vida sub-humana, aceite que sejam mantidos o poder e a força das classes dominantes. Sob esta óptica, a fome deixa de ser causa de problemas sociais para ser sua consequência.

Quanto às consequências da fome, por sua vez, é visível aos olhos da ciência (ao nível biológico, psicológico e social) que no processo de seu surgimento haja fenômenos intermitentes, podendo ser agrupados, segundo Josué de Castro (5) em três fases:

1ª fase - No início a Fome provoca:

- uma excitação nervosa anormal
- uma grande irritabilidade, muitas vezes incontrolável.
- uma exacerbação dos sentidos, em

(4). George, Susan - Mercado de Fome (mimeografo) - Museu Nacional do Rio de Janeiro.

(5). Como descreve Josué de Castro em seu trabalho "Fome como força social: fome e paz" publicado, no número especial da Revista Pourquai de março de 1967, em País, e reproduzido no livro "Fome um Tema Proibido - Últimos Escritos de Josué de Castro" - Editora Vozes - Petrópolis - 1985.

- busca de alimentos (6).

Os doentes de fome têm estas mesmas reações. No Nordeste, nas áreas de seca e enchentes, a fome os leva a sair desesperados em busca de alimentação na vila ou cidade mais próxima, chegando a invadir os locais onde estão os alimentos (mercados, supermercados, etc.) que podem ser consumidos de imediato e levador ainda para garantir, posteriormente, a alimentação dos famintos e a dos seus familiares (7).

Desta forma, a fome leva o homem a se tornar um problema político-social, pois ao sair do local de flagelo, ele vai dividir seus problemas com os outros, sejam estes, os vizinhos, a cidade, o governo, ou até mesmo o Sistema Internacional.

É esta busca silenciosa de alimentos a principal responsável pela imigração para os grandes centros, dando origem às favelas. Estas, por sua vez, não resolvem o problema da fome, ao contrário, geram grande parte dos distúrbios sociais que nada mais são em sua origem do que distúrbios orgânico-fisiológicos, impostos pela sociedade (8).

A 2ª fase da Fome, tem como conseqüências:

- apatia
- depressão
- náusea
- dificuldade de concentração

(6). Para exemplificar esta 1ª fase lembramos:

- O choro é incontrollável do bebê, quando tem fome e que só silencia quando é satisfeita a sua necessidade.

- Nosso comportamento evidencia que quando estamos com fome (por atraso ou falta de uma refeição) o nosso humor se modifica pelas manifestações de irritação, falta de capacidade de raciocínio e até agressividade.

(7). Esta reação de base orgânica é rotulada como própria de "bandidos", "ladrões" e "saqueadores" sem que eles tenham invadido caixas registradoras, caixas econômicas e bancos, confundidos, assim, com os verdadeiros, aqueles que os levaram a esta situação (e como tal são punidos por esta justiça injusta).

(8). É nas favelas que, segundo Régis de Moraes "os indivíduos têm que perder a noção dos próprios rostos, pois não se podem reconhecer nas relações não consentidas e com isso (cont.)

Esta segunda fase serve para justificar a qualidade de nosso ensino, ao rotular as vítimas da fome de "vagabundos", "preguiçosos", "indolentes" ao ponto de Monteiro Lobato em seus descritos denunciar a desnutrição no Nordeste e caracterizar, ironicamente, o homem nordestino na figura do "Jeca Tatu".

Em 1984, havia dados reafirmando a validade das "profecias" e fatos reais denunciados, por Monteiro Lobato, como os de Maria Cecília de Souza Minayo (9) de que:

- "nos países do Terceiro Mundo é calculado em 450 milhões o número de pessoas que estão em grave estado de subnutrição.
- E que o Brasil, na década de 80, alcançava a posição de 4º exportador mundial de alimentos, mas em contraposição ocupava, segundo a FAO, o 6º lugar em subnutrição, perdendo apenas para a Índia, Bangladesh, Paquistão, Filipinas e Indonésia, apesar de ser considerado hoje a 8ª maior economia do "mundo capitalista".

Além destes dados, temos outros no mesmo livro revelando-nos que:

- em 1984 havia 86 milhões de subnutridos, ou seja, 64% da população brasileira.

Cont.: - eles passam a viver um sub-mundo, como um sub-espécie humana sem a mínima condição de vida (habitação, transporte, saneamento básico, educação, saúde, alimentação e lazer).

- Moraes, Regis - O que é Violência Urbana - 2ª edição - Editora Brasiliense - Coleção Primeiros Passos, nº 42 - 1981.

- Alimentando-se em sua grande maioria "da cata dos latões de lixo" das residências dos bairros ricos, dos mercados, açougues, feiras e supermercados. Esta "cata" é levada para a favela (depois de horas de percurso) e redistribuída com os membros da família, com os cachorros "o vira-lata" e outros animais que compartilham com a família, as sobras (aquilo que é impossível ingerir pelo avançado estado de putrefação) volta para o lixo e este "lixo do lixo" da favela já levou alguns pesquisadores à conclusão de que o favelado desperdiça no lixo, comida. São estes cientistas que estão a serviço da dominação, ao invés de denunciar o crime cometido pela sociedade capitalista, com a formação de favelas, que são a consequência desta sociedade em que vivemos, uma vez que ao lado do desenvolvimento progressivo a que se dá o nome de "milagre brasileiro", contraditoriamente existe também o progresso regressivo que se chama favela; marginalização e miséria com sua expressão máxima: - FOME.

(9). Minayo, Maria Cecília de Souza - Raízes da Fome - Edit. Vozes Ltda., com co-edição com - FASE (Federação de Órgãos para Assistência Social), 1985.

- de acordo com a UNICEF, no país, meio milhão de crianças morrem de fome por ano.

Outro dado muito importante da mesma autora é:-

- "segundo informações apresentadas por um Coronel da 10ª Região Militar, 48% dos rapazes alistados para o Serviço Militar foram desqualificados por baixa estatura, peso abaixo da média e arcada dentária irregular".

Donde conclui a autora, que essas crifas, confirmadas em termos nacionais em torno de 47%, mostram que a questão da fome em nosso país é não somente uma doença física e social mas um grave problema de soberania e de segurança nacional.

Enquanto alguns autores como: Francisco Pompeu do Amaral (10) lança a pergunta:

- "O que pretendem fazer de nosso povo esses "expertos" da FAO? Transformar-nos em nova Biafra?

Aqui cabe lembrar que existem duas maneiras de morrer de fome:

- a) não comer o suficiente e, definhar de maneira tal até chegar à morte.
- b) comer de maneira inadequada e em excesso que pode levar à carência ou doenças que ocasionam a morte.

Neste sentido, segundo Branca T. Ferrai (11):

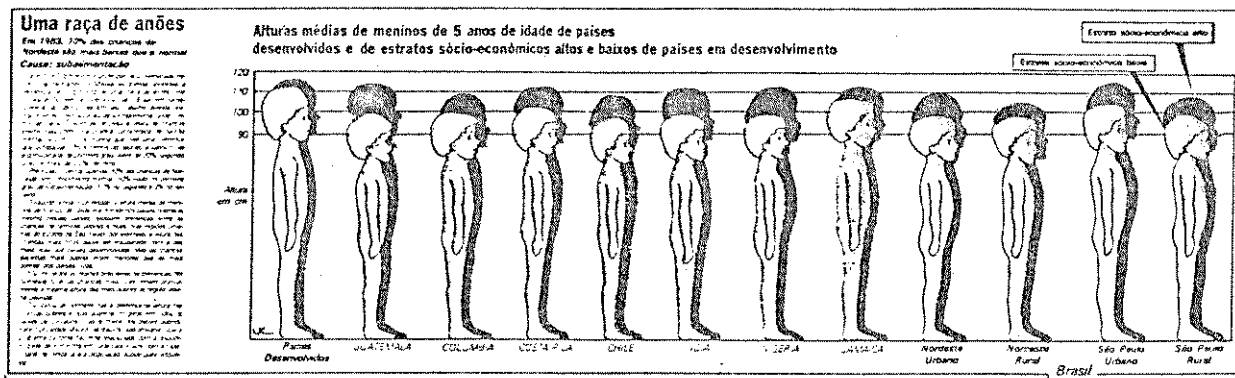
- "dados do Banco Mundial indicam que só 32,8% da população brasileira recebe uma alimenta-

(10). Amaral, Francisco Pompeu - Desmisitificação e Mistificação em Alimentação, A FAO, a OMS, etc. contra os povos subdesenvolvidos - Editora Alfa-Omega Ltda. - São Paulo - 1986.

(11). Ferrai, Branca T. - Desnutrição "A tragédia da Fome" - Rev. Bras. Clín. Terap., vol.XV, nº 3, p. 41 a 48 - março de 1986.

ção adequada.

- No Nordeste 69% das crianças apresentam nanismo irremediável, com déficit estatural de 80 a 90% abaixo do normal, como pode ser visto no gráfico que segue.



Pg.42.- Retrato do Brasil (Da Monarquia ao Estado Militar) - Editora Política - São Paulo - 1984.

Transcrição do texto "UMA RAÇA DE ANÕES": Em 1983, 70% das crianças do Nordeste são mais baixas que o normal. Causa: Subalimentação. Em 1981, o médico e professor da Universidade Federal de Pernambuco, Malaquias Batista apontava a tendência de surgimento de uma raça de anões nos países do Terceiro Mundo, inclusive o Brasil, em consequência da subnutrição. Em seu trabalho Batista utilizou critérios internacionais de antropometria, onde confrontam-se as diferenças de peso e altura de crianças examinadas com uma criança considerada de padrão normal. Assim numa criança que tiver uma diferença que ultrapasse 10% a menos do padrão, a subnutrição é considerada de primeiro grau. Além de 20% segundo grau, e mais de 30%, terceiro. Por esses critérios apenas 30% das crianças do Nordeste tem crescimento normal, 50% estão no primeiro grau de subalimentação, 17% no segundo e 3% no terceiro. Segundo ainda o professor, a altura média de meninos de 5 anos de idade era menor nos países pobres e, mesmo nesses países, existiam diferenças entre as crianças de famílias pobres e ricas. Nas regiões urbanas do Estado de São Paulo, por exemplo, a altura das crianças mais ricas podia ser equiparada com a das mais ricas dos países desenvolvidos. Mas as crianças paulistas mais pobres eram menores que as mais pobres dos países ricos. Mesmo entre as regiões brasileiras há diferenças. No Nordeste rural, as crianças mais ricas tinham praticamente a mesma altura das mais pobres da região urbana paulista. Constaou-se também que a diferença de altura nas crianças pobres e ricas aparece no geral, em todos os países pesquisados, mas é maior nos países pobres. Para o professor Malaquias Batista, isso provaria que o problema da fome não está relacionado com a disponibilidade de alimentos em cada país e, sim, com a capacidade de renda que a população dispõe para adquiri-los.

- Entre 1979 e 1984, o rendimento dos que trabalham caiu de 13,7% segundo o IBGE.
- 48% dos jovens são dispensados do Serviço Militar por deficiências dentárias, de peso e altura.
- Na região sul 40% das crianças, 20% das mulheres e 5% dos homens, apresentam as chamadas anemias carenciais.
- Por falta de alimentação adequada, nossa população infantil, estimada hoje em cerca de 25 milhões, está crescendo pouco e apresentando capacidade intelectual reduzida".

"Estamos nos transformando num país de nanicos e

retardados mentais" porque somos um povo desnutrido, gerados e nutridos pela fome.

Em face destes achados, fica evidenciado que grande parcela da população brasileira está vivendo nesta segunda fase, graças à política, aos programas de alimentação e nutrição existentes, dos quais falaremos mais adiante.

Existem, todavia, aqueles que não são atingidos por estes programas e se encontram na:

3ª e última fase - que se caracteriza pela:

- desagregação da personalidade;
- desintegração do "eu", perdendo em consequência:
 - . a autoproteção,
 - . o controle mental,
 - . todos os escrúpulos e
 - . inibições de ordem moral e social.

Nesta terceira fase estão incluídos, dentre outros, muitos daqueles que:

- são internados como "doentes mentais",
- são presos por provocarem "desordens sociais" e ou
- cometerem "atentados contra a moral" (12)
- e os andarilhos que retratam, muito bem o fantasma que é a fome, e denunciam por si só as prioridades da política econômica do país.

Esta última fase, se não tratada, adequadamente, com alimentação se torna irreversível e perdura até que a morte

(12). A experiência como Nutricionista em Hospital Psiquiátrico, me assegura o direito de afirmar que em muitos casos de "andarilhos" e "louco furioso", após algumas refeições e sem medicamentos os sintomas regrediram e as pessoas voltavam a se comportar como seres normais.

justifique a fome com um atestado de óbito de "parada cardíaca" ou outro diagnóstico qualquer.

Segundo dados de Josué de Castro (13):

- 2/3 da humanidade sofre, de maneira epidêmica ou endêmica, os efeitos destruidores da fome e que;
- o subdesenvolvimento é produto de má utilização dos recursos naturais e humanos, realizada de forma a não conduzir à expansão econômica e a impedir as mudanças sociais indispensáveis ao processo da integração, dos grupos humanos subdesenvolvidos, dentro de um sistema econômico integrado".

O mesmo autor em Geografia da Fome já fazia as seguintes afirmações:

- "2/3 da América Latina passa fome, sendo que em algumas zonas a fome alcança três quartas partes da população.
- 2/3 da humanidade vivem num estado permanente de fome, começando a mudar a atividade do mundo;
- 60 milhões de Latino-americanos sofrem de uma ou mais carências alimentares (14)".

A fome, conforme estamos sentindo é a falta de alimentos, e nos resta questionar se um país com a extensão territorial de 8.456.508 klm² e de com 55.457 km² de águas in-

(13). Castro, Josué: "Fome - um tema proibido" - op. cit.

(14). op. cit. Geografia da Fome.

ternas e 4º exportador mundial de alimentos tem ou não condições de produzir alimentos para satisfazer as necessidades nutricionais de toda a sua população, ou existem outras questões envolvidas na manutenção da fome, como as secas e enchentes que parecem, a primeira vista, obra da natureza, mas que podemos perceber fazerem parte de um contexto de uma outra indústria mantenedoura da fome, que é a indústria do (sub) desenvolvimento o qual questionaremos em seguida.

A Fome e o (sub) Desenvolvimento

Verifica-se, pois, que a fome é o resultado de um fracasso do processo de desenvolvimento de um povo. Nesse caso, em geral a preocupação é apenas com o crescimento econômico, sem que haja uma preocupação, mas sim uma exploração da classe dominada, sobretudo no sistema capitalista, onde o maior valor está na acumulação de capital e não no ser humano que é o produtor deste dinheiro. Passa-se, então, a exigirem medidas especiais e urgentes de ordem sócio-econômicas, não só políticas para superar esses fracassos.

Não podemos esquecer que as Nações Unidas coordenam e dirigem os trabalhos, no que diz respeito à fome. Esta, por outro lado, só se encontra nos países subdesenvolvidos, denominados contraditoriamente "em desenvolvimento". Partindo da ajuda externa diretamente de uma Nação Capitalista desenvolvida não se pode esperar muitos benefícios para com suas "colônias de exportação e exploração". Esse é o problema da gestão da fome, da manutenção do "status quo", assumida através dos seguintes Organismos Internacionais:

FAO - Organização das Nações Unidas, para Alimentação e Agricultura.

OMS - Organização Mundial da Saúde.

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância.

UNDRO - Gabinete Coordenador das Nações Unidas para Socorro em caso de Catástrofe.

ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas, para os Refugiados.

WFP - Programa Mundial de Alimentação

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

Estes sete organismos foram, em sua maioria, criados em meio ao caos deixado pela Segunda Guerra Mundial, a fim de dar uma solução à desoladora situação da Europa. Para sua própria manutenção, continuaram atuando nas áreas de calamidade social e exploração "dos países ditos do Terceiro Mundo", comprovando a finalidade de sua existência, pois até hoje não solucionaram o problema da fome, saúde, educação e habitação destes países. No entanto, os problemas da Europa foram solucionados em quatro anos e lá não existe mais nenhuma seqüela da Segunda Guerra Mundial, a não ser na neurose e memória das pessoas e Museus.

Não podemos esquecer, além disso, de que não existe coordenação entre esses organismos. Enquanto as Nações Unidas não exigirem o direito de total acesso, inspeção e prioridade às zonas de fome, a sua ação será sempre paliativa.

Será que as Nações Unidas têm este interesse?

E a qual desenvolvimento o PN^{UD} está servindo?

Não será o bélico e o da alta tecnologia?

A fome está presente nas populações mais pobres e estas são sempre mais duramente afetadas pelas catástrofes:- inundações, secas, terremotos, erupções vulcânicas, ciclones, acidentes industriais e de usinas nucleares, além da sua vulnerabilidade em relação à higiene, moradia, escolaridade e condições financeiras.

A fome é dos pobres, pois uma fome que afeta democraticamente todos os grupos sociais deixa de ser fome e passa a ser um mito, uma vez que nunca ouvimos falar que um industrial, militar, comerciante, político, religioso, morresse de fome, pois sabemos que nas vizinhanças da fome está a fartura

de alimento.

Paradoxalmente, nos países subdesenvolvidos, e entre eles o Brasil, onde há fome para uns, há excesso de alimentos para uma minoria poderosa, porque o impacto duradouro da crise na economia política capitalista se concretiza num desnível, cada vez maior, entre as populações ricas e pobres. Sabemos que com a fome é que se constroem grandes fortunas e projetos de pesquisa, somando-se o agravante de, historicamente, o empobrecimento rural vir a ser estímulo à criação de um novo proletariado industrial.

O que se precisa, de um lado, é uma base agrícola segura e forte, e de outro, um sério desenvolvimento urbano; do contrário, tanto os homens rurais como os urbanos ficarão ameaçados de privações ainda maiores.

Para isso, ao mesmo tempo, cumpre levar em conta: a produção inadequada, problemas de insuficiente exportação e importação, o grande crescimento demográfico, com o êxodo rural e depredação do meio ambiente.

A fome é uma questão muito séria, pois sabemos que no mundo existe o suficiente para alimentar a humanidade. A dificuldade está em que existem nações ou classes sociais onde, muitas vezes não se dispõe dos alimentos produzidos por outros, ou os meios de adquirí-los (15).

Josué de Castro afirmava que "os grandes descobrimentos do século XX foram a fome e a bomba atômica". A bomba atômica é um instrumento radical de suicídio coletivo, enquanto a fome engloba dois significados bem distintos: um de natureza fisiológica e outro de natureza social, denunciados por ele como calamidade social e como força social de extraordinária potência, responsável pela tensão do mundo presente.

(15). Minayo, op. cit.

Tensão que reina entre os povos pobres e famintos que vivem em sociedades e economias dependentes e os povos ricos e alimentados que habitam os países industrializados. É a tensão entre "aqueles que não comem e aqueles que não dormem com medo dos que têm fome" (*).

O Brasil é um país "rico", onde contraditoriamente grande massa da população vive em pobreza absoluta.

A desigualdade entre os ápices e as bases sociais faz com que num país como o nosso, grupos minoritários tenham uma fortuna e um nível de vida comparável aos dos países ricos, enquanto a grande maioria, vive numa miséria compatível à dos países mais pobres, como alguns da África e Ásia.

No Brasil, os ricos são também ricos em estatísticas sobre sua produtividade, enquanto os pobres aparecem em indicadores pobres de realidade e de valor científico.

O que vemos em nossas estatísticas, freqüentemente, é a preocupação, ao quantificar a riqueza, e esquecer de quantificar a pobreza(*)

É previsto para o Brasil no ano 2.000:- 179.486.530 habitantes (16). Embora a esperança de vida tenha aumentado, a pobreza tem também seus indicadores aumentados, tais como: taxa de mortalidade infantil e taxa de desemprego com níveis jamais registrados em certos períodos. Há milhares de pessoas que sobrevivem lançando mão de formas de trabalho que são inerentes ao mundo da miséria (17).

O desemprego tem outra conotação nas formas de subemprego e da perda de valor real do salário mínimo, o qual nem chega a corresponder às necessidades mínimas de sobrevivên-

(*) Castro, Josué - Fome - um tema proibido, op. cit.

(*) Minayo, op. cit.

(16). Anuário Estatístico do Brasil - 1985 - IBGE

(18). Ferrai, Branca R. - op. cit.

cia (18). Revelam assim o desemprego e subemprego a situação de marginalidade e marginalização desta parcela da população no processo produtivo. Passa a ser uma forma concreta e permanente de exílio social e político, dentro de um sistema que se dá o nome de Democracia, ou ainda de campo de concentração sem fronteiras, alimentado pela indústria da fome.

Nós não temos dados reais e confiáveis, que nos revelem o consumo da população brasileira, mas possuímos um vasto arsenal, da disponibilidade de calorias e proteínas(19). Temos, por exemplo, alguns dados regionais de que 65% dos brasileiros não consomem as calorias necessárias por dia que, segundo a FAO é de 2.300 a 3.100, dependendo da idade e atividade do indivíduo, e que 86 milhões de brasileiros são desnutridos. Esses dados se baseiam na conclusão das Nações Unidas de que na América Latina para um consumo fisiológico diário são necessárias 2.400 calorias; enquanto nossa realidade é que:

- a) os "mais pobres" consomem 1.700 a 1.800 calorias;
- b) os "pobres" consomem 2.100 a 2.300 calorias,
- c) os "médios" consomem 2.400 calorias,
- d) os "ricos" consomem 3.00 a 3.200 calorias e
- e) os "mais ricos" consomem 4.100 a 4.700 calorias.

Observe-se que o grupo "e" apresenta um "superavit" em relação ao consumo fisiológico "médio" de $(4.100 - 2.400 = 1.700)$ até $(4.700 - 2.400 = 2.300)$, ou seja, de 1.700 a 2.300.

Em relação ao grupo "a", o grupo "e" apresenta um "superavit" que vai de $(4.100 - 1700 = 2.400)$ a $(4.100 -$

(18). DIEESE

(19). Informação Semanal CACEX (Carteira de Comércio Exterior) - Inst. Economia Agrícola - Prognóstico 80/81 - 83/84 e 84/85.

1.800 = 2.900), ou seja, de 2.400 à 2.900.

Já em relação ao grupo "b", o grupo "e" apresenta um "superavit" de $(4.100 - 2.100 = \underline{2.000})$ a $(4.700 - 2.300 = \underline{2.400})$, ou seja, de 2.000 à 2.400 (20).

Essa escassez de alimentos para os grupos "a" e "b" é responsável pelo já tão anunciado e comprovado nanismo do Nordeste e diminuição da estatura da população brasileira nesses extratos sócio-econômicos (21).

O nanismo no Nordeste, já mencionado anteriormente, e a diminuição da estatura são devidos à falta do que comer, não pela falta de alimento, mas pela impossibilidade financeira de adquiri-los em consequência do arrocho salarial da aquele extrato sócio-econômico, agravado pela inflação e pela política econômica dependente.

O extrato sócio-econômico de baixa renda atinge 65% da população brasileira, segundo alguns dados (22) e, segundo outros 85% da população brasileira que vive com até 5 salários mínimos (23).

Paralelamente, o Brasil se tornou, graças a esta população, o 5º país exportador do mundo, 2º maior exportador de soja, 8ª potência econômica do mundo; entretanto com respeito aos índices de qualidade de vida, paradoxalmente é a 60ª potência social do mundo, pois a mortalidade infantil alcança uma das mais altas taxas em consequência da miséria e da fome (24).

Esse é um indicador do genocídio, praticado entre nós, sem que haja alguém diretamente responsável, nem a

(20). ENDEF (Estudo Nacional da Defesa Familiar) 1974-1975 - Edit. IBGE - Publicado em 1977 - Coord. Prof. Luiz Parga Minna.

(21). Castro, Josué - Geografia da Fome - op. cit.

(22). Carta, Mino; Pereira, Raimundo Rodrigues - Retrato do Brasil, São Paulo - Política Editora - 1984.

(23). Raízes da Fome - op. cit.

Fome - um tema proibido - op. cit.
DIEESE

(24). Ferrari - op. cit.

nossa legislação registre penalidade para tal crime; resta-nos a esperança de que os Constituintes se lembrem de contemplar este crime com a devida penalidade.

Não nos esqueçamos também de que no Brasil estamos tendo, por ano, quase 6 milhões de partos, meio milhão de nascimentos por mês (mais de meia Cuba por ano, que em 1985 tinha exatamente 9.952.699 habitantes).

A taxa de fecundidade do Brasil é de 4,4%, segundo o IBGE (25). Só que o genocídio a que nos referimos é praticado impunemente contra as crianças de famílias de baixa renda, conforme dados do UNICEF (26). Ainda não descobriram que são elas, esta camada social, que elegem os governantes e dão a classificação de 5ª, 2ª e 8ª potência ao Brasil, respectivamente.

Este genocídio no Brasil é fruto, em grande parte, de um capitalismo selvagem.

O Japão é um grande exemplo de que a inexistência de recursos materiais não se constitui, por si só, um fator de pobreza e miséria. Simplesmente, porque lá a preocupação é também com o bem estar físico-psíquico e social do seu homem e da sua sociedade, para que sejam mais produtivos - desenvolvendo-se, assim, uma das maiores economias do mundo (27).

Na China, a reforma econômica e o apoio à pequena agricultura, políticas dinâmicas de redistribuição de riqueza e um planejamento rigoroso vão fazer com que um vasto país venha a conseguir uma diminuição de 80% a 90% no número de seus pobres, até o ano 2.000 (27).

(25). Betting, Joelmir - Os Juros Subversivos - Editora Brasiliense - 1985 - 8ª edição.

(26). UNICEF - Situação Mundial da Infância - Relatório do Diretor Executivo da UNICEF 1985-1987.

(27). Fome, catástrofe provocada pelo Homem? - op. cit.

Se por um lado a fome é produzida por fatores sociais bem definidos, por outro, a riqueza é igualmente produzida por uma obra política, ao invés de ser um processo técnico.

Convém assinalar que, em primeiro lugar, vem o ato político, depois o econômico que, somados produzem o social. Este reflete a ideologia que permeia os primeiros.

Quando falamos de ideologia, lembramos que Marx não separava a produção das idéias das condições sociais e históricas nas quais são produzidas, e é exatamente esta separação que caracteriza a ideologia da fome entre nós.

Para entender melhor a ideologia dominante de nossos governantes, é necessário que se tenha uma visão da totalidade onde se colocam os interesses dos órgãos dirigentes, em oposição aos interesses das classes e camadas mais carentes da nossa população.

Faz-se necessário diante destes fatos tecermos alguns comentários a respeito da política e, em especial, da política de manutenção da fome entre nós, relacionando-a com outros países e as políticas adotadas para resolução definitiva da fome.

A Política da Fome

Na Grã-Bretanha a fome era observada antes de 1939, desaparecendo durante a II Guerra Mundial, segundo o Ministério da Saúde que efetuou um levantamento nacional. Ficou demonstrado que o consumo de calorias e proteínas era adequado, embora a dieta houvesse diminuído em variedade e sabor, e a maior parte dos elementos nutritivos aumentassem; por outro lado, ficou comprovada a diminuição da anemia e melhoria do crescimento infantil.

Surpreendemo-nos que em época de crise real - II Guerra Mundial - os ingleses operaram o milagre na Ilha de superpopulação e com insuficiência de produção de alimentos - dependentes de importação (28).

A importação antes da II Guerra Mundial era de 1/3 das calorias consumidas; 96% de manteiga, 88% de trigo e farinha, 87% de óleo e leite, 76% de queijo, 74% de frutas.

Na mesma época, ela era quase auto-suficiente em leite, e 50% de ovos e carne.

A dieta do inglês era considerada excepcional, variada e atrativa, embora 1/3 parte fosse de cereais e batatas.

Sucedeu que, na - crise da II Guerra Mundial, - houve austero controle na distribuição dos alimentos e uma maior igualdade entre as classes sociais, mediante difusão do **racionamento e controle de preços**. Destes fatores resultou um racionamento igualitário de alimentos para **todos** os habitantes

(28). Garrafa, Volnei - Contra o Monopólio da Saúde. Editora Achiamé - Rio de Janeiro - 1983.

do Reino Unido, simplesmente por uma única razão - d e c i s ã o
p o l í t i c a - inexistente nos países onde a fome reina por
 decisão política, sendo o Brasil um deles.

O Banco Mundial, em 1976, retomou este assunto
 relatando que..." somente políticas que sejam elaboradas deli-
 beradamente para redistribuir os alimentos e a renda podem eli-
 minar a fome".

Em 1981, o Presidente da República confessou em
 São Paulo a sua preocupação com a fome. Logo surgiram os ilu-
 minados, oportunistas de sempre, com a sugestão da "cesta dos
 pobres", quando sabemos que a solução não está na criação de
 Órgãos, Programas, Cursos, Doações que não passam de manipula-
 ção do sofrimento alheio, sem nada resolverem, a não ser os
 próprios interesses de quem articula e executa tais propostas.

Em verdade todos sabem, mas nenhum deles deseja
 uma real e efetiva mudança da situação, que levem a transforma-
 ções profundas - não as que se diz e faz na nossa Nova Repúbli-
 ca - com relação a toda e atual estrutura política, social e
 econômica.

Evidentemente que eles, os usurpadores do poder,
 não querem tais transformações, uma vez que elas vão implicar
 numa tomada de consciência nacional, e por sua vez a fome é
 algo concreto, sentido, sofrido e sufocante.

Deste modo, a população terá os elementos indis-
 pensáveis para fazer uma análise das causas da sua fome e das
 drásticas consequências; enquanto isso não acontece, fica ga-
 rantido o trabalho dos políticos que ganham eleições com a fo-
 me, através das caridades (dinheiro, comida, cargos, etc.) além
 das já tão decantadas promessas salvadoras, embora logo após
 e no decorrer dos mandatos, as atitudes sejam inversas:

- aumento do custo de vida,

- aumento do custo dos alimentos,
- diminuição real do salário,
- diminuição da capacidade aquisitiva,
- desemprego,
- aumento da fome,
- aumento da doença.

Seria até mais prudente uma reforma ministerial, não com a troca de ministros, mas com a troca do nome dos ministérios concernente à realidade que vivemos:

Ministério da Saúde	por	Ministério da Doença
Ministério da Irrigação	por	Ministério da Seca
Ministério da Previdência	por	Ministério da Imprevidência
Ministério da Agricultura	por	Ministério da Alcoolcultura
Ministério da Educação	por	Ministério da Deseducação
Ministério do Trabalho	por	Ministério do Desemprego, e

assim por diante, uma vez que um dos problemas mais sérios que afligem a população brasileira é a fome - enquanto que o problema mais sério para os políticos é a garantia de sua manutenção no poder e da aquisição ou manutenção de privilégios e acúmulo de capital.

Quando deveriam ser eles, representantes do povo, não representantes de seus próprios interesses, porque se representassem de fato o interesse do povo, eles já teriam dado soluções objetivas reais e práticas:

- aos salários,
- à doença (que chamam de saúde),
- à questão fundiária,
- à produção de alimentos (pois a ênfase é dada para produção e exportação, quando deveria ser produção interna e distribuição equitativa dos alimentos),

- ao armazenamento planejado e programado.

Teríamos como consequência, diminuídos os índices de mortalidade infantil e a ingestão de proteína animal de 19g aumentaria, pois nossos vizinhos argentinos consomem 59g, (dados do ENDEF). Além disso, 50% dos casos de cegueira, segundo o Prof. Hilton Rocha (MG) são evitáveis, apontando a desnutrição como responsável.

Outra política "intencional" é a das Universidades, graduando profissionais da doença com uma (de) formação, com vistas puramente para o biológico e totalmente a-social.

Esta política e políticos levaram o Banco Mundial e a CEPAL (Comissão Econômica para América Latina) a publicar em 1978 - que por volta de 1970, 49% da população brasileira vivia em nível de pobreza e 25% abaixo da linha de indigência. Tal relato, para um bom entendedor, foi uma denúncia.

O que diriam estes Órgãos, hoje, com todos os dados, por nós apresentados anteriormente?

Lembremo-nos de que, segundo a definição dos Órgãos anteriormente citados:

Pobre - são consideradas aquelas pessoas que não conseguem alcançar as condições mínimas desejáveis, para uma sobrevivência digna;

Indigente - são pessoas que não possuem qualquer forma de ingresso econômico estável para seu sustento.

O estadista britânico Harold Wilson afirmou em certa ocasião, segundo Volnei Garrafa: "para a grande maioria da humanidade, o problema mais urgente não é a guerra, nem o comunismo, nem o custo de vida nem os impostos; é o problema

da fome. E isso porque a fome é, ao mesmo tempo, efeito e causa, da pobreza e da miséria em que vegetam milhões de seres humanos".

O que vemos juntamente com tantos outros é que a nossa população nunca esteve tão mal alimentada, em quantidade e qualidade, como está hoje, apesar dos avanços tecnológicos, das escolas de Engenharia de Alimentos, e da maior capacitação de produção.

Tudo isto graças à Política dos políticos brasileiros que estão em sintonia com o Fundo Monetário Internacional, levando 85% da população brasileira à fome, através da "competência" de ascender a inflação a números incalculáveis, e a dívida externa a 60 bilhões de dólares.

Só existe um caminho - os sindicatos, entidades de classe, associações de bairros e todas as outras agremiações dos trabalhadores se organizarem e reinvidicarem - o fim da fome. É do conhecimento científico e é histórico que uma classe social e grupos populacionais só conseguem melhorias econômicas e sociais ascendendo do nível de organização e, conseqüentemente, da capacidade de defesa de seus interesses, através das suas entidades de classe.

Por que não copiar o modelo dos banqueiros, industriais e empresários que exercem pressão contínua e forte sobre as autoridades governamentais e políticas, quando desejam algo?

Ninguém é contra quem tem poder, mas contra o abuso do poder, e exploração e expoliação do trabalhador, em qualquer nível de trabalho e de relação de trabalho.

Cabe à população, através de seus sindicatos, entidades de classe, população organizada, negociar a efetiva-

ção das promessas, antes das eleições e a pressão durante o mandato.

O que não se pode mais silenciar, nem muito menos aceitar é o Brasil ter 17 milhões de menores de 6 anos com carências nutricionais, 20 milhões de crianças com suas famílias com renda mensal inferior a 2 Salários de Miséria, e 48% dos óbitos infantis em São Paulo, o Estado dito mais rico do país, provocados pela fome (29).

Segundo dados de Volnei Garrafa, de 1977 a 1980 o crescimento nominal do salário em Recife foi de 203%, enquanto em Belo Horizonte de 177%; paralelamente o aumento dos preços dos alimentos em Recife foi de 428% sendo em Belo Horizonte de 328%. Não podemos ainda deixar de mencionar a queda do poder aquisição de 1978 à 1980:

- feijão de 27,2 para 18,5 quilos/ano/pessoa,
- arroz de 73,5 para 68,2 quilos/ano/pessoa,
- mandioca de 310,2 para 22 quilos/ano/pessoa.

Porque, enquanto os políticos e administradores da economia do país contam vantagem ao anunciar um aumento da piada que é o novo nome "piso salarial" para Cr\$ 3.000,00, quando em fevereiro de 1981 Eduardo Suplicy demonstrava que uma família de 4 pessoas para morar em São Bernardo do Campo dispendia mensalmente Cr\$ 25.140,00.

Neste mesmo ano, o Ministério da Saúde em palestra proferida na Escola Superior de Guerra falou: "A obcessiva sofisticação que invadiu nossas Universidades, Hospitais e Serviços é, sem dúvida, uma das maiores responsáveis pelas 400 mil mortes anuais" (30).

Nós sabemos que todos esses desmandos são pagos com o trabalho, sangue e a própria vida dos trabalhadores, 85%

(29. Garrafa, Volnei - op. cit.

da população, para atender os caprichos de desumanidade, dos 15% restantes.

As coisas acontecem como se os economistas não soubessem que a economia como ciência social não permite experiências com vidas humanas; mas entre nós, elas vêm sendo feitas, praticadas e o trabalhador é a cobaia, gerando perdas brutais para a classe trabalhadora.

A Política contra a indústria da fome é viável desde que haja interesse, inevitável, contra a morte, os impostos, a dívida externa e inflação.

Berthold Brecht escreveu "As fomes não acontecem, elas são organizadas pelo comércio dos cereais, inundações ou secas podem ajudar ainda a criar as condições favoráveis ao aumento da fome, mas não criam a ação ou inação humana que garantem que somente o rico haverá de comer - aconteça o que acontecer" (31).

Ora, mediante tal fato, fica claro e evidente - que o problema da fome não é técnico-científico, mas pura e unicamente político, econômico e social deixando de ser vista como muitos desejam, como um flagelo, para ser entendida e denunciada sim como um escândalo.

O maior escândalo internacional é que, os países desenvolvidos consomem muito mais comida que os três continentes das chamadas Nações do Terceiro Mundo e são exatamente estas Nações que produzem a grande parte dos alimentos (32).

Para que se tenha uma idéia da indústria da fome, nos últimos anos, o mundo tem produzido cerca de 1.250.000 toneladas de alimentos e de cereais de forragem por ano. A me-

(30). George, Susan - Mercado da Fome, as verdadeiras razões da Fome no mundo - Paz e Terra - 1979.

(31). op. cit.

(32). George, Susan - op. cit.

tade é absorvida pelos países desenvolvidos e o mais grave - seus animais comem 1/4 de todo o cereal produzido - o equivalente ao consumo humano total da China e da Índia, chegando ao absurdo criminoso de utilizar 9 kg de cereais, para produzir cerca de 0,5 kg de carne de vaca, e 3,5 kg de cereais para produzir 0,5 kg de carne de porco.

Outro dado muito importante de George, para o conhecimento e denúncia nossa é o que o Secretário de União Nacional dos Agricultores dos Estados Unidos descreveu, em depoimento no Congresso, denominado - "ineficiência social" - a situação da Indústria de alimentos:

"No fim de semana, fui fazer compras do "Giant Supermarket". Verifiquei que a General Mills pedia US\$ 75,04 - por Bushel (35,23 litros) de milho (flocos de cacau, farinha de milho, açúcar, xarope de milho, cacau, sal, etc.). No entanto, os agricultores receberam em média US\$ 2,99 por Bushel de milho, no mês passado. O preço agrícola multiplicou-se mais de 25 vezes, antes de o milho chegar a ser oferecido ao consumidor."

"A atuação da indústria alimentar do café da manhã ilustra apenas o tipo de ineficiência social que caracteriza, a maior parte das nossas práticas de planejamento e comercialização de produtos alimentares".

Na realidade, em termos econômicos, podemos ver claramente que a produção de alimentos dos países está relacionada à procura do mercado monetário - e não às necessidades dos seres humanos. Isso nos leva a deparar com crianças "gordas" de carências, vitimadas pelo "kwashiorkor", ou pelas esqueléticas e enrugadas "crianças velhas" denunciando o Marasmus, além de alimentarem o zoológico parasitário de infestação pela falta de higiene e condições mínimas de vida humana. E se escapam da

morte inicialmente serão acometidas pelas doenças da infância como o sarampo, além do bócio, pelagra, beriberi, malária, dengue, febre amarela e tantas outras.

Precisamos indagar se de fato os que contribuem (cientistas e políticos) para que essas massas se mantenham famintas não saberão exatamente o que estão fazendo, uma vez que as pessoas famintas, aparentemente são letárgicas e incapazes de qualquer tipo de subversão, equivalente a que eles fazem com elas - vítimas da indignidade, praticada por eles.

Ora, todos nós sabemos que, para se comer, precisa se plantar e criar, ou ter dinheiro para comprar, ou as duas coisas.

No Brasil, quem pode produzir e consumir alimentos?

É válido ressaltar que o produto agrícola de exportação pode ser:

- não comestível - como álcool, algodão, flores, borracha e tantos outros,
- comestível, mas sem valor nutritivo - como chá, café, etc.
- comestíveis com valor nutritivo - banana, amendoim, laranja, milho, soja e outros.
- comercial - quando é ditado por alguma nação soberana, a outra subdesenvolvida, aquilo que ela deve cultivar e comprar pelo preço que quer, explorando desta forma o trabalho rural.

Não foi em vão que no século passado Lord Salisbury já escrevia, segundo dados de George:

"Já que as Índias têm que ser sangradas, a lan-

ceta deverá ser dirigida às partes onde o sangue se acumula ou que pelo menos seja suficiente". Isto está tão evidente até hoje, no mundo atual com a aquiescência de nossos governantes, podendo-se relatar:

- Em 1963, diz o governo da Tanzânia, "precisamos produzir cinco toneladas de sisal para comprar um trator e em 1970 nós precisamos produzir 10 toneladas de sisal para comprar o mesmo trator".

Por estas e tantas outras razões vemos que a fome não é responsabilidade de quem planta e de quem tem fome, muito menos é causada pelo crescimento da população, como querem alguns explicar. O Professor Roger Revelle da Universidade de Harvard, convincentemente, argumenta dizendo que a Terra pode manter uma população de 40 a 50 bilhões de pessoas, desde que as autoridades estejam dispostas a erradicar a fome.

A fome não é causada pelo clima ou tempo; - quem em poucas palavras desvenda essa questão é Bertold Brecht, quando escreve:

"O piro analfabeto é o analfabeto político. Ele não ouve, não fala, nem participa dos acontecimentos políticos. Ele não sabe que o custo de vida, o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do remédio dependem das decisões políticas. O analfabeto político é tão burro que se orgulha e estufa o peito dizendo que odeia política. Não sabe, o imbecil, que da sua ignorância política nascem prostitutas, o menor abandonado, o assaltante e o pior de todos os bandidos que é o político vigarista, pilantra corrupto..."

III

A INDÚSTRIA DA FOME E SUAS SUBSIDIÁRIAS: NÍVEL REGIONAL

Seca e Enchente

Como forma de exploração

As secas se dão nas regiões semi-áridas do Nordeste, abrangendo 75% do total daquela região, que conta com uma população de mais ou menos 20 milhões de habitantes. (33)

Para agravar a situação, o clima daquela região é seco e quente, além de contar, em torno de 125 dias de insolação, todos os anos.

A Região semi-árida é representada pelas nossas caatingas, variando com as diversas zonas, onde, dependendo da região, teremos desde o mandacaru até plantas de copas folhosas e nutritivas que servem para forragem dos rebanhos, madeira de lei para os mais variados fins, não esquecendo da exportação, até frutas como umbu e a siriguela.

No Nordeste só existem duas estações: o verão e a inverno.

O verão, como em toda parte do mundo, se caracteriza pela presença marcante do sol.

A inverno é (o verão com chuva), a esperança do sertanejo, a que eles chamam de "época das águas" caracterizada por chuvas torrenciais, variando seu início com chuvas, a partir de outubro com as conhecidas e famosas trovoadas, até março. Daí porque o sertanejo aguarda o dia 19 de março, o dia de São José, que generalizando a previsão, até mesmo com prejuízo, havendo chuva neste dia, o inverno vai ser bom; do contrário terão a seca, sucedendo que, muitas vezes, plantam e não chove, outras vezes não plantam e chove.

(33). Oliveira, Francisco - Elegia para uma Re(li)gião - Sudene, Nordeste. Planejamento e conflitos de Classe. Editora Paz e Terra - 4ª edição - 1985.

A seca é, na realidade, vivida e sentida como um flagelo que tem atingido a pobreza, a miséria total e absoluta das populações sertanejas e nunca se ouviu falar que houvesse atingido os latifundiários.

Ela tem sido muito discutida, estudada e responsabilizada por programas e orçamentos faraônicos nos últimos anos, principalmente quando em 1978, depois de um sério estudo, o Centro Tecnológico Aeroespacial (CTA) em São José dos Campos anunciou a previsão de seca para os próximos 5 anos (1978 a 1985). Isto vem se concretizando, levando "técnicos", "políticos", "governo", "Igreja" e "sindicatos" a uma polêmica que não sensibilizou os Dirigentes da Nação para tomarem uma decisão objetiva e compatível com a seriedade que o problema exige (34).

A indústria da seca tem vários produtos finais todos os anos, como sejam:

- queda da produtividade,
- queda da produção,
- aumento do preço dos produtos alimentares,
- êxodo rural,
- inchaço das cidades próximas,
- aumento da miséria no sertão e nas cidades,
- aumento da violência em quantidade e qualidade (crimes, fome, loucura, desnutrição, prostituição, morte final através de tantas outras formas),
- surgimento e ou aumento de favelas,
- doenças endêmicas e epidêmicas,
- outro biotipo para o nordestino e em especial para o sertanejo.

(34). Zaluar, Alba - A Máquina e a Revolta - As organizações populares e o significado da pobreza. Editora Brasiliense - 1985.

O problema permanece desde o descobrimento do Brasil, pois o solo, região e clima não sofreram nenhuma alteração, o que pode ser comprovado nos relatórios existentes, como relata Francisco de Oliveira. Assim, as fabulosas somas "destinadas" ao combate à seca não mudam e, paradoxalmente, o problema se agrava a cada ano e cada vez mais suas consequências são ampliadas:

- número de flagelados nas frentes de trabalho.
- miséria da população.

A seca tem a característica de aparecer em um mesmo ano, ou em anos consecutivos, dando origem à chamada "seca verde" onde a chuva é suficiente para verdejar a caatinga, e, dependendo da cultura e da quantidade de chuva, poder-se-á perder total ou parcialmente a produção.

Existem ainda áreas secas e outras sujeitas às secas. Áreas que sofrem, esporadicamente, deste fantasma e outras que anualmente são suas vítimas.

O sertanejo e a seca são irmãos por convivência, chegando ao ponto dele fazer uma previsão pelo que aprendeu no decorrer dos séculos com a mestra natureza.

Sem nenhum recurso técnico, nem trabalho metódico lógico ou científico, ele prevê a seca pelo canto de pássaros como a Asa Branca, a floração do mandaracu (que já deram até canção), desova do aruá, a posição do ninho do João de Barro e do marimbondo, mas faltam-lhes recursos políticos, técnicos e econômicos que sobram para outros que exploram sua boa-fé e os espoliam com e no trabalho, como num trecho de Paula e Benjamin: "A natureza confirma que aos deserdados da sorte (os sertanejos) cabe o sofrimento, no mais formidável aval que a injustiça dos homens já obteve" (35).

(35). Paulo, Sérgio Goes de; Benjamin, Cesar Queiros:- "... e o sertão de todos se impropriadou à vida..." um estudo sobre a fome e a seca no Nordeste. Editora Vozes - Petrópolis - 1986.

De outro lado, os autores da indústria da seca sabem também que ela tem ciclo mais ou menos regulares: normalmente de 2 em 2 anos sem muito rigor, mas que a cada 6, 13 e 20 anos a seca vem com impiedosa severidade.

Como já mencionamos o CTA previu 7 anos de seca (1978 - 1985) no que foi criticado; infelizmente o prognóstico se tornou realidade das mais desastrosas conseqüências, uma vez que o governo "não quis aceitar" as previsões de um Órgão de tamanha envergadura.

Não podemos culpar só o solo e clima pela seca, seríamos muito ingênuos se esquecêssemos de mencionar o papel do homem que, movido por toda uma estrutura capitalista, agravou a situação através dos desmandos, em relação aos desmatamentos, a poluição ambiental, modificação dos acidentes geográficos com aterros, barragens, deslocamentos de rios, além das explosões de bombas nucleares, com o gás carbônico queimado pelos veículos e aviões, as usinas nucleares, seus lixos atômicos e tantas outras formas de desagregação ou destruição da Natureza.

Cabe-nos lembrar que a ciência e as técnicas avançaram a tal ponto que todos esses e outros fenômenos são possíveis de previsão, demonstrando que dependem, unicamente, do interesse que se tenha - ou da demagogia política dos administradores das verbas da indústria da seca.

Aqui, nos vem à lembrança que nos últimos anos um Presidente da República (Médici) afirmou:

"... não, não me conformo, isso não pode continuar" mas nem ele, nem seus sucessores souberam combatê-la do flagelo da seca continua. Dessa forma, temos conhecimento da velha lição de que "a história quando se repete é farsa e não tragédia" (36).

(36). Paula, Sérgio Goes - op. cit.

Estamos certos de que o planejamento não pode ser mais confundido, como sendo o mesmo numa economia capitalista e socialista, uma vez que é uma forma técnica da divisão de trabalho. No sistema capitalista é uma forma técnica da divisão do trabalho em improdutivo - que comanda o trabalho e produtivo, enquanto que no sistema socialista, o planejamento é uma forma indiscutível do novo caráter da propriedade dos meios de produção.

Entre nós o planejamento nada mais é do que a expropriação e separação entre trabalhadores e meios de produção, quando deveria encarnar uma relação dialética entre - gestão e propriedade coletiva - dos meios de produção.

O que se tem feito é aumentar a indústria da fome, com o financiamento e projetos os mais aterradores possíveis como o da "chuva artificial", os projetos aprovados e aceitos pela Sudene como nos revelou Francisco de Oliveira, financiados até hoje. Ainda que se observe pelos resultados a não resolução do problema, por outro lado, ofereceram emprego para muita gente pesquisar, trabalhar e usufruir.

Não obstante, também, a Organização Meteorológica Mundial (OMM) reunida em Genebra, em 1980 pela décima vez, chegou à conclusão de que as experiências até hoje realizadas são decepcionantes, conforme seu próprio relatório.

Por que não se tentar outros programas para que não venhamos a ter outra seca como a de 1877 que ficou conhecida como a "seca de 77", onde morreram, pelos dados, 500 mil pessoas?

Já naquela época, a terra era dos latifundiários que nela podiam plantar e a fome estava presente e soberana.

Onde estão os programas, as verbas e as pessoas

responsáveis por resolver a seca, que traz consigo a fome e a miséria?

É de se pensar: "que seria dos caridosos se não fossem os miseráveis?"

Até hoje o fenômeno não mudou muito:

- muita terra ociosa e muita gente morrendo de fome,
- famílias desnutridas, famintas, miseráveis es tão no campo e na cidade, e paralelo a elas estão os projetos faraônicos e os estudiosos do assunto.

O Presidente Afonso Penna, eleito em 1906, já dizia em 1880 que "os grandes açudes de nada adiantariam, mas só para testar o desperdício de dinheiro público" e ele tinha razão, pois dezenas deles estão aí juntos com a indústria da se ca, da fome e miséria.

É tão grande o número de açudes e barragens e a quantidade de água neles, que poderiam ser chamados, sem medo de errar, de um "oceano doce".

Aqui cabe a pergunta que qualquer pessoa faz - A quem estão servindo todos estes açudes e barragens? E para que, se o povo continua convivendo com a seca, fome e miséria? Por outro lado, não podemos esquecer que ninguém e muito menos nenhuma ciência social poderá recuperar ou ressucitar as vidas perdidas em consequência disso.

As águas das barragens estão sendo utilizadas e usadas para alguma coisa - produzir energia para as cidades, fábricas tendo a CHESF como sua senhora, e o que é mais grave, que é denunciado no livro *Elegia de uma Re(li)gião* (37): quando a água se acumula nestas barragens, para controlar o seu volume na bacia, necessário se faz dar uma "descarga", que provoca as

(37). Oliveira, Francisco - op. cit.

- e n c h e n t e s - como é o caso das do rio São Francisco que apresenta todo ano sua enchente programada, sem que a CHESF avise aos teimosos que tentam produzir ou mesmo morar próximos a este local.

É importante considerar que essa energia produzida por tais barragens serve apenas aos latifundiários, ricos. A classe média e os pobres pagam caro para tê-la e dela tirarem proveito.

No campo, só o dono da propriedade tem direito à luz elétrica, enquanto os trabalhadores usam o lampeão de gás, o proprietário coloca eletricidade onde lhe interessa para maior produtividade como - para maior produção de ovos, para guardar melhor seus bens.

Estas medidas não são de desenvolvimento social e econômico como afirmam, deslavadamente, os governantes. E por que não são? - Por que o desenvolvimento econômico e social de um país só é real e verdadeiro, quando vem beneficiar todas as camadas sociais e, jamais, quando é em benefício de uma minoria, a elite privilegiada e dominante.

Tais obras servem, sim, ao desenvolvimento econômico de poucos e de grupos que detêm o poder e aumentam cada vez mais as diferenças sociais do país, isto sim, são discriminações sociais - porque germinam a revolta. Ao mesmo tempo que gerenciam as obras que foram construídas com o dinheiro ou muitas vezes com a vida do povo, sem que o povo tenha direito a opinar, pois os governantes e gerenciadores acham que nunca o trabalhador será capaz de dirigir a sua própria vida e os altos e injustos impostos que pagam. Para eles o povo será sempre incapaz e ignorante; acreditando ou usando esta premissa, dificultam o aprendizado à população, com medo de que sua premissa esteja errada ou seja falsa.

Outro fato importante a ser lembrado, é que to da obra faraônica tem sempre o mesmo programa: tirar quem está produzindo e ganhando a vida à margem destes rios ou represas, levando-os para fora e para longe, tornando-os miseráveis nas cidades onde são jogados.

São os técnicos da indústria das secas e enchentes que ganham cada vez mais com estas arquiteturas maquiavélicas, arrebatando com a vida e a família dos lavradores.

São os dirigentes dos órgãos que criam cada vez mais cargos mais rendosos para si, sem que se avalie o seu papel, real merecimento e competência.

São os construtores que fazem parte desta armadilha, ficando com a maior fatia do orçamento, mesmo sabendo que estes projetos não vão beneficiar a população e sim uma meia dúzia de interessados e interesses pessoais de latifundiários.

O mais grave é que as terras ao redor destas obras ficam ociosas, porque são produtivas e para que a população não faça o controle da ociosidade da obra faraônica, decretam que não podem ser utilizadas por serem "áreas de segurança", e nunca ninguém ousou perguntar: "segurança de que e de quem?"

Por que também nunca se questionou sobre a "área de segurança", criada para aqueles que lá antes habitavam?

O que é mais grave: a dita "área de segurança" torna-se a real "área de insegurança" produzida pelo sistema.

Desta forma vai se criando uma rede de irresponsabilidade, onde ninguém é responsável por nada nem por ninguém a não ser que haja interesses outros. Aí surge um "bode expiatório", tornando-se, pois, uma escola de desonestos apro-

vados com "distinção e louvor", e com este diploma se adquire mais prestígio e a corrupção que são pagas por milhões de brasileiros inocentes e miseráveis.

Como ilustração achamos importante relatar a respeito de um projeto de transposição das águas do Rio São Francisco, projeto este que vem sendo tentado desde 1879 após a "seca de 77" de autoria de um engenheiro cearense Tristão Franklin de Alencar Lima. Em 1913 se concluiu ser impraticável a realização, sendo considerada faraônica e desperdício de recursos, mas este projeto tramita e é do conhecimento de todos que a água do São Francisco não dá nem para o próprio desenvolvimento do vale.

Cada vez mais que este projeto é reapresentado, seu valor cresce e com ele os interessados, chegando hoje a obra a ser avaliada em 2 bilhões de dólares. Isso, segundo os seus defensores, geraria em torno de 2 mil empregos, onde a média de cada emprego seria de 2 mil dólares o que representaria o maior, em todo mundo, salário de empregado agrícola.' Ora, argumenta Oliveira (38), se esses 2 bilhões de dólares fossem utilizados para comprar terras, teríamos 25 hectares de terras para cada um dos 2 milhões de empregados, restando da aplicação daqueles 2 bilhões em aquisição de terras uma renda aproximada de 1 bilhão de cruzeiros, que poderiam reapplicar em irrigação, saúde, educação e até mesmo em energia e industrialização da produção.

O Brasil desaprendeu a aplicar recursos em pequenas obras, porque elas geram uma margem pequena de lucro, embora sejamos a 8ª economia do mundo, quando sabemos que as cisternas resolveriam o problema de água do Sertão, assim como

(38). Oliveira, Francisco - op. cit.

os poços artesianos nas propriedades, para o consumo do homem, plantação e animais. Por outro lado, os seis meses ou mais de seca daquela região passariam despercebidos, pois a água viria tanto do alto "pela chuva" como também de baixo da terra pelos poços e cisternas.

A reforma agrária fala em uso de terras não produtivas, e logo o latifundiário entende e faz o governo entender que plantando capim a terra está produzindo... alimento para o animal e para aquele que se faz de burro, porque o desenvolvimento neste país não é para o povo, mas sim para grupos nacionais e internacionais.

Para comprovar podemos solicitar informações sobre a qualidade de vida das famílias que moravam em Três Marias e Sobradinho. Se elas melhoraram de vida com a transferência obrigatória, sem receber indenização adequada e real pelos desapropriadores, ou se se tornaram miseráveis à beira da cidade, pois nada mais sabem fazer que a monocultura, principalmente de arroz e feijão.

Não existe respeito pelo indivíduo nem pelo seu trabalho; a ordem vem de cima e os tratores passam por cima das casas e roças, com a força da polícia e da "justiça", sem que se questione que e qual justiça.

Com a Reforma Agrária pasto virou lavoura, e lavoura virou canavial. Só o povo não entende que a reforma agrária já é uma realidade. Ele está querendo alimento para o Homem, e os "homens" querem alimento (Cr\$) para seu bolso. O canavial extrai do trabalhador a saúde, escola, habitação e alimentação, transformando-as em - vidas, gerando vida sem condição de vida; são vidas semi-vivas e semi-mortas.

A corrupção é a grande madrasta da seca com suas obras faraônicas e com as célebres frentes de trabalho,

onde os inescrupulosos enriquecem com a miséria, sangue e vida alheia.

Ora, quando vai se ter consciência de que a seca está diretamente ligada à estrutura social, que é a mais grave causa da seca?

Quando desaparecerão as falas "ingênuas por conveniência", a incompetência por sabedoria e a má-fé por ambição, caindo assim por terra a máscara da corrupção e com ela os corruptos? Isto, porém só acontecerá, quando o povo estiver unido para a luta pelos seis direitos e interesses. Enquanto ele se deixar unir para lutar pelo direito dos latifundiários (na hora de votar) ele ficará mais pobre e menos sem direitos.

É a "miséria" do sertanejo que elege seus governantes, através dos alistamentos fantasmas, dos salários mentirosos e dos eleitores moradores nas cidades, dos mortos nas catacumbas sem nome e sem número.

Ainda não saiu da memória de alguns brasileiros - daqueles que se beneficiaram e daqueles que se prejudicaram - os 94 milhões destinados à Frente de Trabalho e que foram contrabandeados em plena época de eleições de 1982. Daí os trabalhadores desejarem participar da moralização do "Programa de Emergência", mas a participação da defesa de seus interesses lhes é p r o i b i d a.

Rapidamente, o sertanejo passa de injustiçado para criminoso, quando no desespero de fome e na luta contra a morte, fazem saques nos armazéns onde há alimentos, não tocando na caixa registradora. Eles não saqueiam os bancos onde está o dinheiro, são mais imediatistas pela premência de vida. Eles querem o alimento e, se possível, aquele que seja de imediato consumo, sem que necessite ser cozido, os que necessitam de cozimento ficam para a fase seguinte, são aqueles que eles levam

para casa ou local onde se encontram.

Os empréstimos são feitos aos pequenos agricultores, mas frequentemente eles não podem plantar por falta de chuva, ou pelo Banco não ter liberado o dinheiro na época do plantio e por falta de semente na época certa. Assim, só lhes resta uma coisa, vender suas terras para pagar o que devem ou então ter suas terras confiscadas pelos próprios Bancos, os responsáveis pelo seu não pagamento, enquanto os grandes escândalos ficam impunes e a justiça está cega e insensível.

A verdade é que o Sertão e a Zona da Mata está denunciando a calamidade da corrupção, enfatizando a existência da indústria da SECA, com uma sub-raça de homens desnutridos e com uma estatura de menos de um metro e meio, desaparecendo a figura do Jeca Tatu de Monteiro Lobato para dar lugar aos nanicos, produto final da política sócio-econômica adotada pelo governo. Não podemos esquecer que esta estatura não é a mesma para o homem latifundiário da Zona da Mata e do Sertão, muito menos o seu estado nutricional. Provavelmente, sem medo de errar, deverão estar sofrendo de excesso de peso, por excesso de alimentação e morrendo de suas conseqüências: a obesidade e doenças cardio-vasculares, mas nenhum deles está morrendo de fome, inanição e muito menos de meningite e sarampo.

É necessário que se entenda que a "seca" só será resolvida, quando a terra tiver solução, quando o trabalhador rural for proprietário e com direitos iguais aos dos latifundiários sobre os empréstimos e insumos. Só então a água aparecerá, pois eles sabem onde ela se encontra e como trazê-la de forma permanente e em quantidade e qualidade suficiente para eles, animais e plantas.

A irrigação traz, segundo alguns especialistas, uma catástrofe à terra que é a "salinização" tornando o solo

estéril, o que agrava mais ainda as áreas do Sertão e da Zona da Mata.

Em breve, estas áreas tornar-se-ão um deserto; mais produtivo seria o uso de matéria orgânica destas regiões sob forma de húmus, especialmente na região semi-árida, evitando-se, assim, o uso de fertilizantes importados.

Se a irrigação fosse a salvação do sertanejo, a Índia não seria o país que tem a população mais pobre do mundo, pois ela é a segunda maior área irrigada da Terra.

Em contraposição, a Europa tem apenas 14 milhões de hectares irrigados e a população mais bem alimentada e melhor remunerada do mundo. O que nos leva a acreditar que em vez de irrigação impõe-se a verdadeira reforma agrária, onde o pequeno produtor se liberte da espoliação do capital financeiro, mercantil e industrial, com o compromisso de promovê-lo com o acesso à terra e lhes assegurar democraticamente e efetivamente a sua participação, não só no desenvolvimento, como também nos lucros, promovendo mais divisas internas, redimindo assim a maior dívida do país - a dívida social.

Uma reforma agrária só se dá num governo popular, jamais em um governo de grupos latifundiários; nunca vai se dar num país como o nosso, onde o modelo é concentrador de renda, onde 2% é de ricos que ficam cada vez mais ricos e 85% de pobres que cada dia ficam miseráveis.

É necessário uma democracia autêntica, onde o governo seja do povo, com o povo e pelo povo.

Entendemos como povo estes 85% e não como até hoje foi entendido como povo seus "representantes" 2%.

Fica claro que não é a seca o problema, mas sua industrialização, pois com os 257 açudes construídos até 1979, somados às barragens hidrelétricas, já se tem mais de 100

bilhões de metros cúbicos de água - um oceano doce. A miséria do sertanejo e nordestino está cada vez maior, o que comprova que o problema é social, político e econômico, embora São Pedro seja posto como o vilão.

Pode-se assim explorar uma indústria subsidiária como as secas e as enchentes, apresentando-as como responsáveis naturais pelo flagelo da fome. Dessa forma, as questões da política agrícola do país deixam de ser questionadas. Por essas razões aqui dedicamos um espaço ao estudo da exploração da propriedade da terra.

A Indústria da Exploração da Propriedade da Terra

Temos verificado na literatura que a maior parte dos estudos não questiona o fator fome sob o aspecto opção ou prazer, ou ainda se esta condição, muitas vezes, através de gerações, lhes é imposta. Aceita-se essa condição e seus pressupostos, como um fato consumado.

Desconsidera-se, por outro lado, que a fome endêmica (39) desorganiza ciclicamente a situação psico-sócio-econômica de um povoado ou de uma região e até mesmo de um país ou do mundo.

É nosso dever não só alertar, mas esclarecer que uma das razões para esta situação de fome é a área rural abandonada e esquecida, sucessivamente, pelos governos que dela só se ocupam em retirar divisas econômicas, esquecendo-se de que as regiões menos desenvolvidas logo se esgotam, quando a dívida social supera sua produção com o agravante de que tais divisas são então conseguidas com o sacrifício de vidas humanas. (V. Anexo I)

Não é outorgado ao trabalhador rural, em nosso país, o direito à terra, a incentivos, nem aos serviços do governo, uma vez que eles existem para atender às exigências dos grandes produtores rurais, dos latifundiários, do capital industrial e financeiro da zona urbana e dos interesses internacionais.

Aqui, podemos apresentar dados da Campanha Nacional pela Reforma Agrária, num cartaz denominado "Reforma

(39). Fome epidêmica - é uma fome transitória em uma determinada área, por determinado tempo.

Fome endêmica - é uma fome em uma determinada área, todo tempo.

Fome coletiva - é uma fome permanente ou cíclica que atinge todas as faixas etárias e classes sociais.

Agrária: Por que?" o qual resume assim a situação brasileira em 1984:

- "dos 5,2 milhões de proprietários rurais, 540 mil são donos da maior parte das terras do Brasil (80%).
- 42 milhões de hectares de terras aproveitáveis estão exploradas e 240 milhões mal-utilizadas.
- as multinacionais já se apropriaram de mais de 35 milhões de hectares de terras no Brasil.
- cresceu para 24 milhões o número de pessoas que migraram para outros Estados, em 1970/1980.
- existem cerca de 11 milhões de desempregados e subempregados nas cidades e
- 12 milhões de camponeses sem terra,
- 8,7 milhões de assalariados rurais recebem menos de um salário mínimo.
- a produção de alimentos por habitante tem caído nos últimos 20 anos, em razão do apoio governamental à grande propriedade.
- entre 1979 e 1983, foram assassinados camponeses, bóias-frias, garimpeiros, dirigentes sindicais rurais, advogados e religiosos na luta pela posse da terra e na defesa do direito dos trabalhadores.
- em 480 anos os indígenas foram reduzidos de 5 milhões para 220 mil pessoas e apenas 1/3 de seu território está oficialmente demarcado" (40).

(40). Minayo, op. cit.

Ademais, há prioridade para exportação dos alimentos produzidos no campo e sua distribuição interna não se faz de forma proporcional ao trabalho de quem os produziu. Os trabalhadores rurais recebem o mínimo para permanecerem produzindo, e beneficiarem, com sua produção as classes sociais dominantes. Isso explica bem o capitalismo tardio em nosso país, onde a exploração domina o meio rural, através da monocultura de exportação e da grande desigualdade na distribuição dos alimentos, e outros recursos provenientes da produção rural.

Quem sofre de fome é exatamente o trabalhador rural, aquele que produz o alimento e grande parte da riqueza - e a indiferença do governo (mais ligado aos interesses do grande capital) pelo trabalhador rural, está levando esta classe da sociedade a se tornar nômade em busca do trabalho e ganho mais justo, dando origem aos "bóias-frias" e/ou favelados, formando assim um exército de reserva de mão de obra barata e desqualificada.

Conseqüentemente, este movimento permanente está levando a própria desorganização dos trabalhadores rurais, como classe social. Ao invés de reivindicarem a posse da terra na própria terra, como forma de pressão, passam a ser na área urbana um problema administrativo para o governo, deixando, assim, de ser problema político do governo. O que transforma o Brasil num verdadeiro paraíso de doenças, da pobreza e da fome, como pode ser comprovado através de freqüentes noticiários de jornais, pesquisas, artigos e livros (41).

Uma vez estando o trabalhador rural na zona urbana, ele aqui vai reivindicar condições de vida e trabalho pa

(41). Silva, José Grazione - O que é questão agrícola - Col. Primeiros Passos, nº 18 - Edit. Bras. 13ª Ed. - São Paulo - 1986.

Abramovay, Ricardo - O que é Fome - Col. Primeiros Passos, 102, Edit. Bras. - 5ª Ed. - São Paulo - 1986.

Veiga, José Eli - O que é Reforma Agrária - Col. Primeiros Passos - Edit. Bras., 2ª Ed. - São Paulo - 1981.

ra os quais não está preparado, advindo daí as mudanças de comportamento, reagindo com agressividade e desajuste, em consequência de mais uma frustração na busca de seus direitos.

Podemos supor que se for dada à zona rural condições de igualdade com a zona urbana, desenvolvida no que diz respeito à saúde, habitação, educação, lazer, transporte, (além de gozar dos mesmos direitos da carteira agrícola, como os latifundiários que estão na zona urbana), e posse da terra, o trabalhador rural não procurará a zona urbana com a mesma intensidade, pois suas necessidades serão, em grande parte, atendidas.

Caber-lhe-á também o direito e condições de negociar a sua própria produção, sem exploração e expoliação (42).

Desta maneira, investindo no homem do campo, seria dada à fome o tratamento correto, desfavorecendo as críticas à inércia, tanto dos flagelados como do governo. Desapareceriam então oportunidades de ajudas caritativas paliativas que só servem para alimentar os "caridosos".

Torna-se fundamental a necessidade de se acreditar na capacidade e conhecimento acumulado do trabalhador rural no decorrer do tempo, atendendo suas reivindicações, a fim de que possa resolver seus problemas, dando-lhe condições para que administre sua produção, diretamente com o consumidor. Haverá, pois, lucro para o pequeno e médio produtor e preços mais baixos para o consumidor.

Determinações de gabinetes não têm atingido este objetivo, por estarem longe da realidade vivida e sentida daqueles a quem se destinam os recursos e programas.

(42). Moraes, Regis de - op. cit.

Singand, Ligia - A percepção do salário entre trabalhadores rurais - Museu Nacional - Rio de Janeiro - mimeografado.

George, Susan - op. cit.

Leal, Laurindo (Coord.) - Reforma Agrária na Nova República - Contradições e Alternativas Debate - Ed. Cortez - São Paulo - 1985.

Martín, Paulo S. - Agricultura Suicida - Um retrato do Modelo Brasileiro - Ed. Icone - São Paulo - 1985.

Uma das formas não mágicas para se salvar, resgatar e saldar a nossa dívida social (que é bem maior e mais grave que a economia) imposta aos trabalhadores e, em especial, ao homem do campo - é o governo voltar seus olhos para a população rural.

Constatamos duas "crises" por parte do governo:

- uma de negligência a uma realidade concreta e
- outra de persistência de uma política errada, como a dos incentivos agrícolas, que se destinam até hoje ao financiamento de culturas "rentáveis" ou de exportação, ao invés de atender interesse do consumo interno.

Em resumo, duas formas de administrar esses problemas são apresentadas:

1º). real: busca a sua solução, voltada para o real desenvolvimento da sociedade como um todo, e não de uma parcela da sociedade em detrimento das outras.

Promove o desenvolvimento, a exploração da agricultura dirigida, primeiramente, aos interesses internos, revertendo os impostos em serviços adequados, de saúde, escolas letradas e todos os demais serviços, relacionados ao campo e aos da cidade.

2º). paliativa ou assistencial, que se desenvolve de duas formas:-

I) a pura e simples doação de alimentos, roupas e remédios, feita de forma desorganizada em consequência da emergência.

II) aquela assistência governamental ou filantrópica de manutenção das condições em que se está prestando a assistência. Desta forma, são mantidas as condições mínimas para os indivíduos ou populações, com o fim de atender essen-

cialmente às exigências de exploração do trabalho, pela classe dominante.

A "assistência em forma de alimentos" (I), nos diversos programas aqui existentes é bastante criticada e controvertida.

De um lado, há os que julgam que ela:

- 1) desencoraja o trabalho, a autosuficiência e produção daqueles que a recebem;
- 2) é condenada por ser o meio mais cômodo de se fazer sair os excedentes para o estrangeiro e a elevação dos preços na sua origem, minimizando assim a fome.

Por outro lado:

- 3) é uma forma desleal de concorrência com quem está produzindo, que vê seu produto oferecido gratuitamente, sem que seus compromissos econômicos com o governo sejam cancelados;
- 4) é uma forma de assistência emocional e não racional, uma vez que o problema não é solucionado efetivamente.

Na realidade, precisamos chamar a atenção para que os alimentos não sejam oferecidos gratuitamente, porque foram adquiridos por altos preços, e com esses proventos o fornecedor pode aplicar no seu próprio desenvolvimento, seja o fornecedor aqui entendido como pessoa física, Estado, Governo ou outros países.

Ainda sob a visão de assistência de outros países o que ocorre é que "a doação" vem dos seus excedentes, e estes nem sempre coincidem com os hábitos daquele que é "beneficiado", criando-se assim uma forma de introdução sutil de

novos hábitos alimentares e conseqüentemente novos mercados de excedentes, relevando-se, então, que a assistência não é realmente ao necessitado mas, efetivamente, ao produtor com excedente de produção, não importando se é bem aceito por aquele que "vai receber".

Acresce-se que a distribuição é feita de modo desordenado e, muitas vezes, por razões políticas e econômicas, por vias que não chegam aos seus verdadeiros destinatários.

Numa crise de fome localizada, como é o caso das secas e enchentes brasileiras, de um modo geral, o preço dos cereais sobem abruptamente nas regiões de abastecimento vizinhas àquelas áreas, independentemente de qualquer alteração sazonal, enquanto que o preço da terra, e da criação de gado e ave dos flagelados cai vertiginosamente. Isso explica porque as pessoas vendem sua propriedade e criação a qualquer preço para obtenção dos alimentos que são de mais rápida preparação e de maior volume. Assim, aquele que é vitimado pela seca e enchente que os leva à fome, vê acrescido a esta injustiça a de ter os preços dos cereais aumentados, frente a sua necessidade, e ainda desvalorizado o que lhe resta - a criação e a terra. Este fato representa claramente a exploração da miséria, num sistema de mercado capitalista periférico.

É importante não esquecer de que muitas vezes a fome é provocada como forma de pressão, para obtenção de preços mais altos do produtor.

O intermediário, comerciante ou atravessador, que não deixam de ser especuladores, aqui devem ser entendidos como pessoas, órgãos ou países que armazenam o produto. Daí o governo poderia intervir no mercado, importando o alimento obrigando o especulador a baixar seu preço e vender seu excedente de reservas.

Entre nós, estes fatos só acontecem quando a falta atinge certas camadas sociais mais privilegiadas (dominantes); havendo falta de alimentos para a camada pobre, ou seja, por escassez dos alimentos, ou por falta de poder aquisitivo, o governo se mantém distante, ignorando o fato, comprovando-se pelos dados já mencionados.

Assiste-se, desta maneira, a um quadro paradoxal, vivermos num país que é 4º exportador mundial de alimentos e seu povo morrendo de fome ou sofrendo as suas consequências.

Uma vez analisado o tipo de desenvolvimento que o Brasil adota, nos deteremos nas indústrias que subsidiam a indústria da fome a nível nacional.

IV

A INDÚSTRIA DA FOME E SUAS SUBSIDIÁRIAS: NÍVEL NACIONAL

Fome e Educação excludente

Questionamos de início de que forma a educação está comprometida com a manutenção da Indústria da Fome?

Neste capítulo mostraremos as facetas pelas quais a educação está intimamente ligada e alimentando a fome.

Temos uma educação que, desde o século passado, com a corroboração da Revolução Industrial "avaint Première" do capitalismo - até hoje pode ser analisada como sendo um dos aparelhos que está a serviço de uma ideologia de exploração e expropriação (a qual hoje se dá o nome de capitalismo) e que só se preocupa com os problemas sociais, enquanto estes ameaçam a sua marcha desenfreada.

É esta educação que se dá em todos os lugares, o tempo todo, a todas as pessoas que estão intimamente comprometidas com a problemática da Fome (43).

Nosso ensino está longe de ser voltado para a sociedade como um todo, atendendo às exigências de todas as camadas sociais, visto que não garante direitos iguais de apren-

(43). Brandão, Carlos Rodrigues - O que é Educação - Coleção Primeiros Passos, nº 20 - Edit. Brasiliense - 1984.

"Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação, com uma, com várias: educação ?! Educações. Isto pode ser visto na carta dos índios americanos aos governantes do Estado de Virgínia, em resposta ao convite para que alguns índios frequentassem as escolas dos brancos de Virgínia, esta carta resposta foi divulgada muito tempo depois por Benjamin Franklin:

"... Nós estamos convencidos, portanto, que os senhores desejam o bem para nós e agradecemos de todo coração. Mas aqueles que são sábios reconhecem que diferentes nações têm concepções diferentes das coisas e, sendo assim, os senhores não ficarão ofendidos ao saber que a vossa idéia de educação não é a mesma que a nossa.

... Muitos dos nossos bravos guerreiros foram formados nas escolas do Norte e aprenderam toda a vossa ciência. Mas quando eles voltaram para nós, eles eram maus corredores, ignorantes da vida da floresta e incapazes de suportar o frio e a fome. Não sabiam como caçar o veado, matar o inimigo e construir uma cabana, e falavam a nossa língua muito mal. Eles eram portanto, totalmente inúteis. Não serviam como guerreiros, como caçadores ou como conselheiros. Ficamos extremamente agradecidos pela vossa oferta e, embora não possamos aceitá-la, para mostrar a nossa gratidão, oferecemos aos nobres senhores da Virgínia que nos enviem alguns de seus jovens, que lhes ensinaremos tudo o que sabemos e faremos, deles HOMENS". Esta equidistância existe nas nossas escolas em relação à nossa sociedade, pois nelas se fala de saúde ou melhor dizendo da sua ausência - da doença, da fome, dos direitos e deveres do cidadão, uns para com os outros.

dizagem, além de estar distante da nossa realidade.

Acrescenta-se o fato de ser - acrítico -, reproduzindo, assim, a ideologia do sistema capitalista devassador, ao invés de exigir o cumprimento de uma legislação, como a Lei nº 4.024 que diz: "A educação é direito de todos e será dada no lar e escola... À família cabe escolher o gênero de educação que deve dar a seus filhos... O direito à educação é assegurado: pela obrigação do poder público, pela liberdade de iniciativa particular de ministrarem o ensino em todos os graus, na forma da lei em vigor, pela obrigação do Estado de fornecer recursos indispensáveis para que a família e, na falta desta, os demais membros da comunidade se desobriguem dos encargos da educação, quando provada a insuficiência de meios, de modo que sejam asseguradas iguais oportunidades a todos".

Obedecendo-se a esta Lei nº 4.024 na sua íntegra, não haveria um contingente sempre crescente do "exército de reserva" da mão de obra desqualificada que, por sua vez, aumenta a porcentagem daqueles que sofrem de fome.

A questão maior é que as leis são feitas de tal maneira (e aqui valeria um estudo dos especialistas no assunto - legislação - no sentido de confrontar a formulação das leis e o momento histórico em que elas são criadas e a que interesse elas estão servindo) que elas têm uma abrangência muito grande de atender o populismo, embora se assentam nos direitos e deveres abstratos do liberalismo, já que a lei não é cumprida e a educação em momento algum se preocupa efetivamente com a saúde, fome, habitação, transporte, muito menos com o contexto social em que ela está inserida.

Mesmo nas Faculdades de Medicina e Ciências da Saúde, estuda-se, pesquisa-se e trabalha-se com projetos, na sua maioria, desvinculados do social, e sim atrelados aos in-

teresses capitalistas de multinacionais, que subvencionam as pesquisas de seu próprio interesse.

Despertemos, pois, a população e a Nova Constituinte para que imponham um novo enfoque e rumo a nossa educação, criando uma nova visão e uma nova escola, onde todos se façam presentes, em todos os níveis primário, secundário, universitário e técnico. Que sejam repensadas as questões, o que ensinar? para quem? e para que ensinar?

Estamos certos de, que a educação no capitalismo (colonizador), na realidade, não serve para o sistema capitalista (colonizado) oprimido. Dentro deste questionamento a escola em todos os níveis seria o "forum" de debates das questões sociais (44), dentre elas, no caso especial - a fome -, observando que ela "ajuda a pensar tipos de homens"; para tal, ajuda a criá-los e participa do processo de produção de crenças e idéias, constituindo, assim, tipos de sociedade (45). (Anexo III.)

... Ao invés de ser um meio de atender a ideologia dominante, reforçando a "capacitação" da classe dominante e a "incapacitação da classe dominada (46).

Ramalho, no seu trabalho, levanta algumas questões, atribuídas à questão da fome, como sejam:

- "Quais os marcos mais amplos, mais abrangentes, que legitimam e dão sentido a esse novo

(44). Pereira, Luiz; Forachi, Marialice - Educação e Sociedade - Companhia Editora Nacional - São Paulo - 1971.

"A educação não é, pois, para a sociedade, senão o meio pelo qual ela prepara, no íntimo das crianças, as condições essenciais da própria existência".

"A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social; tem como objetivo suscitar e desenvolver na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política no seu conjunto e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destina "sendo assim" - a educação consiste numa socialização metódica das novas gerações -."

"A educação não molda o homem em abstrato, mas em uma dada sociedade e para ela".

(45). Brandão, op. cit.

(46). Ramalho, Jether Pereira - Prática educativa e Sociedade - Zahar Editores - 1976 - Rio de Janeiro.

Paoli, Niuvenius Junqueira - Ideologia e Hegemonia - Edit. Cortez.

estilo de educação que chegou ao Brasil, no final do século passado, oriundo principalmente de grupos norte-americanos e que consegue aceitação em determinados setores da sociedade brasileira?"

- "Quais as intenções que se encontram por detrás da prática educativa?"

- "De que forma a educação aparece como um dos mais eficientes e eficazes instrumentos de uma certa versão da ideologia liberal?"

Prossegue relatando que a ideologia que vai legitimar a sociedade, é então, aquela que as classes dominantes produzem para, ao mesmo tempo, justificar seu controle e tornar opaca a dimensão de sua própria dominação.

A dominação na forma capitalista é oculta, dada como inexistente, é diluída em explicações que retiram da diferença o seu núcleo de antagonismo. Assim, fica claro que a função da ideologia dominante no capitalismo é principalmente ocultar, (pior que negar) as relações antagônicas entre as classes. Para nós, fica muito claro como o poder fala a linguagem "do povo" debaixo do manto da "democracia" onde todos são "livres" e todos são "iguais" e juntos constroem o "progresso da sociedade, porém, na prática, acentua cada vez mais as diferenças entre as classes, aumentando, assim, a fome exatamente pela acentuação destas diferenças, justificando, muitas vezes, que a diferença existente se deve à maneira como cada pessoa se apropria daquilo que a sociedade oferece "igualmente para todos".

Se hoje a fome e a miséria nos colocam como 60ª potência quanto ao atendimento social é porque do ponto de vis

ta da educação entre outros aspectos, todo o "esforço" e programas desenvolvidos desde a colonização até nossos dias (47) principalmente nas últimas décadas só atenderam às exigências de um capitalismo famigerado. Essa condição nos levou a uma dívida social que não há dinheiro que possa saldá-la, porque vidas não se compram com dinheiro nem mesmo deveriam ser vendidas, porquanto não se acredita que, investindo em educação e saúde, estaremos capitalizando e nos nacionalizando.

Citamos o exemplo mais recente - Cuba - que se encontrava em condições piores que as nossas (48), e hoje está na vanguarda, porque acreditou e não separa educação e saúde. Podemos ver que ambas se completam, são inseparáveis, porque é na escola que se aprende a cuidar da saúde e nos centros de saúde que se educa para que se tenha uma vida digna e condições de prática satisfatória dos direitos e deveres humanos.

Cuba só atingiu este ponto, devido a crença de seu povo que não suportava mais a sua própria exploração e as desigualdades; e foi só após 1959, com o triunfo da revolução, que Cuba pôde chegar a ser hoje considerada, em aspectos sociais, um país desenvolvido ou, segundo o próprio Comandante Fidel Castro (que é mais ambicioso e insatisfeito), em desenvolvimento, porque ainda tem muito a construir.

Segundo essa perspectiva cubana na escola se aprende as noções básicas de saúde, e em casa se cuida da saúde, cabendo aos centros de saúde avaliá-la, ficando, portanto integrados os vários aspectos das necessidades sociais.

Entre nós, quanto ao nível de ensino primário não se faz necessário mencionar os inúmeros trabalhos que demonstram a desigualdade e autoritarismo do mesmo na zona urbana,

(47). Cunha, Luiz Antonio - A Universidade Temporã. O Ensino Superior da Colônia a Era de Vargas. Co-edição: Civilização Brasileira - Edição UFC - Rio de Janeiro - 1980.

(48). Seminário Internacional em Atenção Primária da Saúde - Instituto de Saúde - Publicações 09 a 12 de junho de 1986, Havana - Cuba.

periférica e rural.

Romanelli fortalece estas comprovações em seus trabalhos (49), assim como Fleuri (50) e Ceccon (51) onde eles analisam aspectos fundamentais:

- Romanelli estuda o número de vagas e matrículas que não atendem ao número de crianças existentes em idade escolar.
- Fleuri aborda o autoritarismo e as diferenças sociais no campo da educação e,
- Ceccon avalia o que as crianças aprendem no convívio com a vida e o que eles aprendem na escola.

Os autores acima referidos nos ajudam a fazer uma leitura melhor e mais profunda das questões da educação e como estão relacionadas com a fome.

Segundo Romanelli a evasão e reprovação, ocorridas nos primeiros meses e anos da vida escolar, é por não conseguirem um bom desempenho (alunos e professores) pelas mesmas razões que mais tarde Fleuri e Ceccon também apresentam, pela necessidade de trabalhar, que as crianças e professores têm, para ajudar na manutenção do lar face aos salários baixos. Apesar disso, as crianças produzem tanto quanto o adulto, muitas vezes, sem serem registrados. Contribuem, desta forma, para minimizar a fome abandonando os estudos, sobretudo pela dissociação da escola com a realidade vivida e sentida dos alunos; neste aspecto, Pistrak (52) faz muito bem esta abordagem.

(49). Romanelli, Otaíza de Oliveira - História da Educação no Brasil (1930-1973) - Editora Vozes - 1984.

(50). Fleuri, Reinaldo Matias - Educar para que? Editora UGG - Universidade Federal de Uberlândia - Goiânia - 1986.

(51). Ceccon, Claudius; Oliveira, Miguel Darcy de; Oliveira, Rosiska Darcy de:- A vida na escola e a escola da Vida. Editora Lopes Ltda. em co-edição com IDAC - Petrópolis - 1983 - 7ª edição.

(52). Pistrak - Fundamentos da Escola do Trabalho - Editora Brasiliense - São Paulo - 1981.

De um lado Romanelli trabalha com dados estatísticos e tabelas, fazendo uma análise sociológica, que nos permite entender a ideologia que perpassa pela educação e transforma em uma indústria mantenedora da fome. Ceccon, por outro lado, trabalha com dados e resultados de uma pesquisa sobre escolas de 1º grau do Estado de São Paulo (o mais rico da Nação) onde podemos sentir a realidade que Romanelli apresenta e Pistrak fundamenta, através de uma caracterização histórica dos dados que os torna mais expressivos quanto à problemática do ensino versus a fome e a miséria.

Uma questão, entre outras importantes, levantada por esses e outros autores (53) é de que os projetos de mudança no ensino e na sociedade foram realmente para melhorar nossa educação, e, conseqüentemente nossa sociedade. Exemplo disso é a reforma universitária que procurava "modernizar" o ensino em função do interesse externo, sobretudo para dificultar o acesso de outras classes sociais, mantendo, assim, o privilégio desse ensino para a elite dominante, o que pode ser denunciado pelo documento anexo I.

Nossas Universidades e nosso ensino, de uma forma geral, até hoje professam o voto de fé e obediência aos preceitos descritos por Pablo Cassanova (54):

(53). Wanderley, Luiz Fernando - O que é Universidade - Coleção Primeiros Passos, nº 91 - Edit. Brasiliense.

Gianotti, José Arthur - A universidade em ritmo de barbárie - Edit. Brasiliense - 1984.

Fernandes, Florestan - Qual é a questão da USP - Editora Brasiliense - 1984.

Araújo, Braz José de - A crise na USP - Editora Brasiliense - 1980 (organizador).

Cunha, Luiz Antonio - op. cit.

- A Universidade Crítica - Livraria Francisco Alves Editora S/A - Rio de Janeiro - 1984.

Guimarães, Sônia - Como se faz a Indústria do Vestibular - Editora Vozes - Petrópolis - 1984.

Meier, Arthur - Sociología de la Educación - Editorial de Ciencias Sociales - 1984 - Havana, Cuba.

(54). Wanderley, Luiz Cunha, op. cit.

- 1º Preconceito - A educação superior deve ser para uma elite e não para as massas.
- 2º Preconceito - A educação superior diminui a qualidade, conforme se divide com maior número de gente...
- 3º Preconceito - Só uma proporção mínima é apta para educação superior (digamos 0,01 ou 1%).
- 4º Preconceito - Para a educação superior se devem selecionar os mais aptos.
- 5º Preconceito - Não se deve proporcionar educação superior, além das necessidades de emprego.
- 6º Preconceito - O Estado já está gastando demasiado em educação superior. A educação superior não deve ser gratuita ou semi-gratuita.
- 7º Preconceito - Não se deve querer que todos sejam profissionais. Seria horrível um Mundo que não houvesse operários.

Face a isso fica claro estar hoje a educação brasileira em íntima relação com a política sócio-econômica, que consegue de um lado ser a 6ª maior exportadora de aço e a 5ª maior exportadora de alumínio (55) e de outro ter um índice de mortalidade infantil de até 11%, além de 85% da população sofrer de fome.

É interessante notar ainda que, toda vez que a política vai mal, a educação e a saúde, que embora andem destreladas, entram em crise. Entre nós elas são sinônimos que se agravam a cada etapa política, que muda de etapa mas não de política, da nossa historiografia:

- nosso país se classifica como um potencial

social negativo em relação aos altos índices de mortalidade in infantil, analfabetismo, morbidade e tantos outros e coloca-se por isso como somente a 60ª potência do mundo em investimento social.

- o ensino não é uma empresa nem um quartel, daí merecer tratamento específico.

- que o ensino deva ser formal e informal, utilizando-se também para tal finalidade os meios de comunicação escritos e falados.

- a disparidade do ensino com a nossa realidade social é reforçada pela maioria dos professores e pela tecnologia adotada de caráter sofisticado.

Comprova estes argumentos que as condições básicas do direito de cidadania: habitação, alimentação, emprego, transporte e instrução estão cada vez mais distantes do povo.

Não obstante o número de diplomas em todos os níveis, todos os anos, a fome está presente para grande parcela da população com todas as suas seqüelas.

Fica demonstrado que no Brasil, um dos países mais ricos em leis e mais criador de leis, elas não atingem os objetivos explícitos, mas sim os implícitos para os quais foram criadas (manutenção e reforço da exploração e expoliação da classe trabalhadora).

Esperamos que esta nova Constituinte formule, através dos Constituintes eleitos pelo povo, uma legislação mais duradoura, eficaz e coerente, dando uma solução real para os flagelos que agridem a classe trabalhadora do país, como a fome, e abandonando-se os interesses pessoais dos constituintes e multinacionais.

É com base nesses fatos que a educação adquire fundamental importância para a inserção transformadora, crítica e revolucionária do indivíduo no seu contexto de trabalho, seja ele intelectual, braçal ou técnico. Advém daí a possibilidade de uma ação política efetiva e coletiva para a transformação de nossa sociedade em todas as áreas (56).

Como podemos ver, a Educação transformadora passa a ter uma proposta oposta e antagonica à vigente entre nós (57).

Ela está preocupada:

- com a socialização do conhecimento e não com a discriminação do conhecimento;

- com a perspectiva de ser um processo de dimensão social onde haja integração - homem, escola e meio ambiente - (58) onde a superação da fome ocuparia lugar de destaque.

Uma vez que o ensino nos moldes atuais está falido e levando, em consequência desta falência, gerações inteiras à miséria e à fome cada vez maior, uma das perspectivas de solução seria:

- criar condições de trabalho digno para todos e oferecer educação e alimentação adequada (59).

- oferecer escolar para todos, até a idade de 18 anos (não "obrigatória" como é hoje), em regime de semi-internato - 8 horas de perma-

(56). Pistrak - op. cit.

(57). Paiva, Vanilda Pereira - Educação Popular e Educação de Adultos. Temas Brasileiros II - (IBRADES). Editora Loyola - São Paulo - 1973.

(58). Werner, Bower - Aprendendo e ensinando a cuidar da Saúde - Edições Paulinas - São Paulo 1985.

(59). UNICEF - Situação Mundial da Infância - op. cit.

nência, como nas 7 potências econômicas do mundo, já que nós somos a 8ª potência, outros países da Europa e Estados Unidos. Como se trata do Brasil que é um país doente e famino, sejam servidas três refeições, e assistência médico-odontológica.

Esta experiência, foi por nós comprovada pelas leituras sobre a Inglaterra, Alemanha, Holanda, França e tantos outros países, em que são oferecidas duas refeições, lanche ou almoço e merenda da tarde ou jantar.

Estando as pessoas no trabalho ou na escola, terão que ser atendidas nestes locais com assistência à saúde do ponto de vista médico-odontológico.

Desta maneira o Estado estará cumprindo com seu dever e canalizando as verbas arrecadadas dos impostos para o seu verdadeiro e único destino - seu povo, o trabalhador - aquele que hoje produz a riqueza e passa fome.

Neste sentido, as creches devem estar anexas aos locais de trabalho e escolas, uma vez que na estrutura atual os pais ficam no impasse de perderem:

- os filhos - por ter que abandoná-los na casa, a fim de ganharem "o pão de cada dia" recaindo sobre o Estado as consequências de sua própria culpa, a "delinqüência" pela "negligência" e "marginalização" que ainda vão produzir o "menor abandonado".
- o emprego - por não ter com quem deixar os filhos, uma vez que ganham para sobreviver e minimizar a fome.

- tempo e dinheiro - para deixar os seus filhos nas creches que em geral, quando existem, ficam distantes do local de trabalho e da residência.
- de amamentar - por mais tempo os filhos, embora a Lei lhe faculte este direito.
- o convívio - com os filhos nos primeiros anos de vida, onde se dá a formação da personalidade e integração social do ser, além de destruir a unidade e estrutura familiar (60).

Aqui precisamos chamar a atenção para a questão da Educação como assimilação. Não é como muitos psicólogos e outros que afirmam ser ela algo apenas subjetivo.

É algo social - pois é através da assimilação que se tem um aprendizado de grupo e indivíduos. Assim, a educação é um processo ativo-social e não passivo-mental (como pensam e agem muitos sistemas educacionais), trazendo, logo a integração entre o saber e a inovação social.

Quem estaria interessado neste caminho?

O ensino e a educação são elementos e ao mesmo tempo, fatores do processo de reprodução, não no sentido econômico-utilitário, mas da praxis social, gerada da reprodução e transformação das relações sociais que levam a uma transformação da nossa sociedade.

(60). Pedro Block escreve um livro falando da "ausência" dos pais ricos na educação e formação dos filhos que intitulou: "Pai, me compra um amigo?" editado pelas Edições - Paulinas - São Paulo - 1985.

Qual o título que o autor daria para um livro que tratasse do abandono dos pais pobres em busca do trabalho expoliador que lhe dá o direito de sobreviver?

- "Uns escrevem com caneta e papel suas histórias, outros escrevem a História com sangue e ou com sua própria vida".

Educação e ensino são integrantes da força produtiva da sociedade e fator de reprodução da força de trabalho. Daí, a educação ser através do desenvolvimento de uma personalidade social, parte do processo de produção e reprodução e inseparável dessa relação dialética.

O ensino e educação universal não podem partir da "imagem do homem" normativo, onde se tem um catálogo de virtudes e defeitos (entre eles, riqueza e pobreza), mas sim devem partir das condições concretas e reais do processo de reprodução e transformação social.

Para nós, a educação é um todo e em qualquer momento uma função da sociedade, baseada em estruturas sociais bem determinadas, com funções no processo de reprodução e ou mudança da sociedade, em um momento determinado.

O indivíduo não só assimilará as forças e formas produtivas materiais, como também as relações de produção social e a experiência objetiva delas, as formas e forças de uma consciência social através da linguagem, da ciência e ideologia, da arte e literatura, do direito e da moral, da miséria e da fome (61) (Anexo II). Tudo constitui o processo espiritual ou mental (se mais preferir) da vida e da sociedade.

O ensino, a educação têm, entre outras, mil funções a ser unificada, é uma organização social - e não de classes sociais - não podendo a instituição pública ser um sistema autonomo, mas sim atender às necessidades dos indivíduos, da comunidade e da coletividade, ao mesmo tempo e em todos os lugares (62). Não haverá, assim, dificuldades de acompanhar o ensino, tanto para os alunos como para os professores, na ques

(61). Zaluar, Alba - A máquina e a Revolta - Editora Brasiliense - 1985 - São Paulo.

(62). Meier, Arthur - Sociologia de la Educacion, Editorial de Ciencias Sociales - La Havana - Cuba - 1984.

tão de transferência muitas vezes, na mesma cidade, de uma escola para outra. Desta forma obtém-se:

- grandes resultados na economia,
 - grandes resultados na estrutura social,
 - grandes resultados no sistema político e público,
 - grandes resultados na cultura,
 - grandes resultados nas condições de vida,
 - grandes resultados nas condições de trabalho
- consequentemente, acabando com o fantasma da fome.

Da mesma forma que a fome, a educação não pode e não deve ter por finalidade satisfazer determinadas necessidades, surgidas pelo desenvolvimento das forças de produção e das relações de produção, como ocorre entre nós, fortalecendo de um lado o capital e do outro a miséria e a fome daqueles que produzem com sua força de trabalho o capital (63).

É na escola que se aprende, segundo Meier, a se organizar através da divisão de trabalho, trabalhos em equipe, chegando a uma prática da divisão do trabalho que leve de forma específica a transformações práticas, mediante a aprendizagem do indivíduo e dos grupos.

É na escola que se deve ensinar e aprender a cuidar da saúde, a se alimentar, e é isto que exatamente entre nós não se faz, quando muito se reforça a subserviência e sobrevivência através da miséria e ou da fome da miserável merenda escolar que oferece 1/3 das necessidades do indivíduo, quando se sabe que este 1/3 é, na maioria das vezes, a única "refeição" que a criança tem e o único motivo que a leva a escola.

(63). Meier, Arthur, op. cit.

Assim a escola seria um "forum" de debates, por não aceitar esta migalha, e sim exigir - alunos e professores - que se recebesse uma refeição completa que cobrisse as necessidades diárias da criança.

Estas propostas para a educação no Brasil são baseadas na Sociologia da Educação Crítica, que tem conhecimento teórico-prático do que ocorre com as conseqüências das teorias do desenvolvimento da personalidade, teorias estas, castradoras, abstratas ou parciais, pois só se pode desenvolver em sua totalidade, uma personalidade, quando no trabalho com o homem:

- dentro da realidade,
- na sua totalidade material e social,
- sem normas pré-estabelecidas e idéias que são preconizadas pela burguesia, atendendo o aparelho ideológico que ela serve.

Tudo isto porque a produção seja ela qual for, intelectual, braçal ou técnica tem grande e profunda relação com o comportamento social e, ao mesmo tempo, com as relações sociais do indivíduo.

Como determinação da força produtiva e na relação de produção, a educação se projeta indiscutivelmente.

Para impedir e negar a socialização, os teóricos burgueses querem mostrar como normal, que o indivíduo aceite, sem crítica, as normas, os conceitos e técnicas, construindo dentro de si aquilo que lhe é passado, sem seleção e reflexão, numa atitude passiva e reprodutora.

Posicionamo-nos de acordo com a crítica elaborada pela psicologia da educação, visualizando a cultura de um povo como um conjunto de crenças, símbolos e valores, não im-

portados e ou impostos, mas como resultado de um trabalho de cada indivíduo no desenvolvimento de sua personalidade (o que presenciamos em nossa educação é a preocupação, desde os jesuítas, em destruir o "educando", os índios e costumes afro sendo depredados) para que a cultura não seja a-histórica e idealista, mas - a história - viva de seu povo - passado, presente e futuro, além de ser calcada na realidade que vive, entre nós de miséria, fome e doença.

Tanto o ensino como a educação assimilam as características do processo social:

- divisão do trabalho, cooperação, assim como racionalidade, controle e rendimento dos resultados.
- partindo sempre da necessidade mais imperiosa dos lares e da superestrutura da sociedade.

Convém reafirmar que o Ensino e Educação são também vítimas das formas de controle social, como todas as demais formas existentes, e ao mesmo tempo responsáveis e reprodutoras da fome e da doença.

O controle social é um elemento essencial de toda a existência variando conforme a sociedade.

A teoria do controle social em nossa sociedade nada mais é que uma apologia do sistema capitalista, devassador e expoliador.

Daí nos restam duas perguntas:

- 1ª - O que queremos e para onde queremos ir com a educação que está aí?

Consideramos que ela é fundamental, como um dos aparelhos a serviço de uma ideologia, de exploração e expolia-

ção, que se chama capitalismo selvagem, uma vez que ela atende às exigências, das classes dominantes, de aprendizado para garantia da dominação, através da "capacitação" da classe dominante.

Como consequência, alunos abandonando ou deixando de frequentar a escola para ajudar na manutenção do lar justificado por baixos salários (que deixam de ser chamados de Salário de Miséria para Piso Salarial, mudando desta forma o nome mas a essência é a mesma - fome e miséria), de outro lado professores mal preparados e mal remunerados, fazendo do magistério uma verdadeira maratona.

Já mencionamos que todas as reformas universitárias buscaram dificultar o acesso de outras classes sociais e atender interesses externos de multinacionais.

Necessário se faz que a Nova Constituinte e "Nova República" venham, de fato, com uma nova roupagem de preocupações e ações em favor de uma socialização do conhecimento, não com sua discriminação, permitindo uma perspectiva para que a educação seja um processo de dimensão social, onde haja integração - homem, escola e meio ambiente.

2ª - A educação, da maneira que se encontra no Brasil, está ou não sendo uma indústria - que alimenta a da fome?

As Faculdades diretamente ligadas à Saúde estão em sua maioria desvinculadas do social, atreladas aos interesses capitalistas de multinacionais, preocupadas em ensinar e fortalecer a doença em detrimento da saúde.

É nas escolas, primárias, secundárias e Universidades que se deve aprender as noções básicas de saúde e os cuidados primários de saúde; como isto não acontece entre nós,

temos os índices alarmantes de mortalidade infantil e morbidade.

A educação e os educadores estão alimentando a indústria da fome quando aceitam passiva e indiferentemente os programas de alimentação dirigidos à criança e, em particular, o da Merenda Escolar, e as Cantinas que nada mais são do que foco de deseducação alimentar e uma porta de entrada para os produtos industrializados, prejudiciais à saúde (64), mas valorizados pelos meios de comunicação, principalmente a TV (65).

Soma-se também o fato destas cantinas levarem a um outro problema, que é a necessidade da criança possuir dinheiro, para adquirir as guloseimas lá expostas.

Estas cantinas acarretam para os pais uma despesa desnecessária, uma vez que estas famílias já sobrevivem de um salário mínimo que não lhes oferece condições mínimas e dignas de vida de um ser humano.

(64). Bontempo, Márcio - Relatório Orion, denúncia médica sobre os perigos dos alimentos industrializados e agrotóxicos. Porto Alegre. L & PM, 1985.

(65). Boletim DIEESE - Ano V - maio de 1986.

Fome e Salário Mínimo

A fome como já dissemos é uma questão semelhante ao diamante, tem várias facetas, e quanto maior o número de facetas mais valiosa se torna para o sistema capitalista periférico.

Para atender e encontrar o caminho da democracia (entendida aqui democracia como existente para cada indivíduo e conseqüentemente para todas as parcelas da sociedade) temos que buscar o caminho da nutrição, pois o que vemos e temos hoje é a escravidão da maioria da população pelas amarras da indústria da fome, o que ainda nos leva a abordar outras questões (Anexo IV).

Por estas e tantas outras questões, discutiremos, no decorrer do trabalho, as condições do indivíduo na aquisição de alimentos.

Torna-se indispensável refletir sobre o que se entende por "salário mínimo" ou como se apelidou agora de "piso salarial", observando que, (não só para nós, mas para todos os brasileiros que dele dependem, deveria ser: "- o menor salário para uma família de quatro pessoas, que desse, a esta família (e não como está sendo interpretado hoje como sendo de uma pessoa) as condições de ter, compatível com os direitos humanos e a dignidade de: moradia, saúde, educação, lazer e alimentação (66).

Notamos, entretanto, conforme está demonstrado na Tabela I, os dados publicados pelo DIEESE, transformando o salário mínimo de 1940 em cruzados ele era de Cr\$ 1.543,83, a-

(66). Boletim DIEESE - Ano V - maio de 1986.

Não podemos nos esquecer de que cabe a responsabilidade aos dirigentes da nação pela tendência à queda do "salário mínimo", desde 1958, tendo como resultado a baixa qualidade de vida de mais de 85% da população brasileira; esta percebe, simplesmente, cinco salários mínimos, conforme aponta a tabela II.

TABELA II

**DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA COM RENDIMENTOS
- 1984 -**

		RENDIMENTO MENSAL EM	POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA	
		SALÁRIO MÍNIMO	%	% acumulada
85,0%	60,0%	Até 1/2 SM	12,8	12,8
		Mais de 1/2 e 1 SM	21,0	33,8
		Mais de 1 a 2 SM	26,2	60,0
	25,0%	Mais de 2 a 5 SM	25,3	85,3
	13,0%	Mais de 5 a 10 SM	9,1	94,4
		Mais de 10 a 20 SM	3,8	98,2
	2,0%	Mais de 20 SM	1,8	100,0

Fonte: PNAD (IBGE)

DIEESE - Publicação 02/86 - Plano de Estabilização Econômica tira salário mínimo de uma situação crítica.

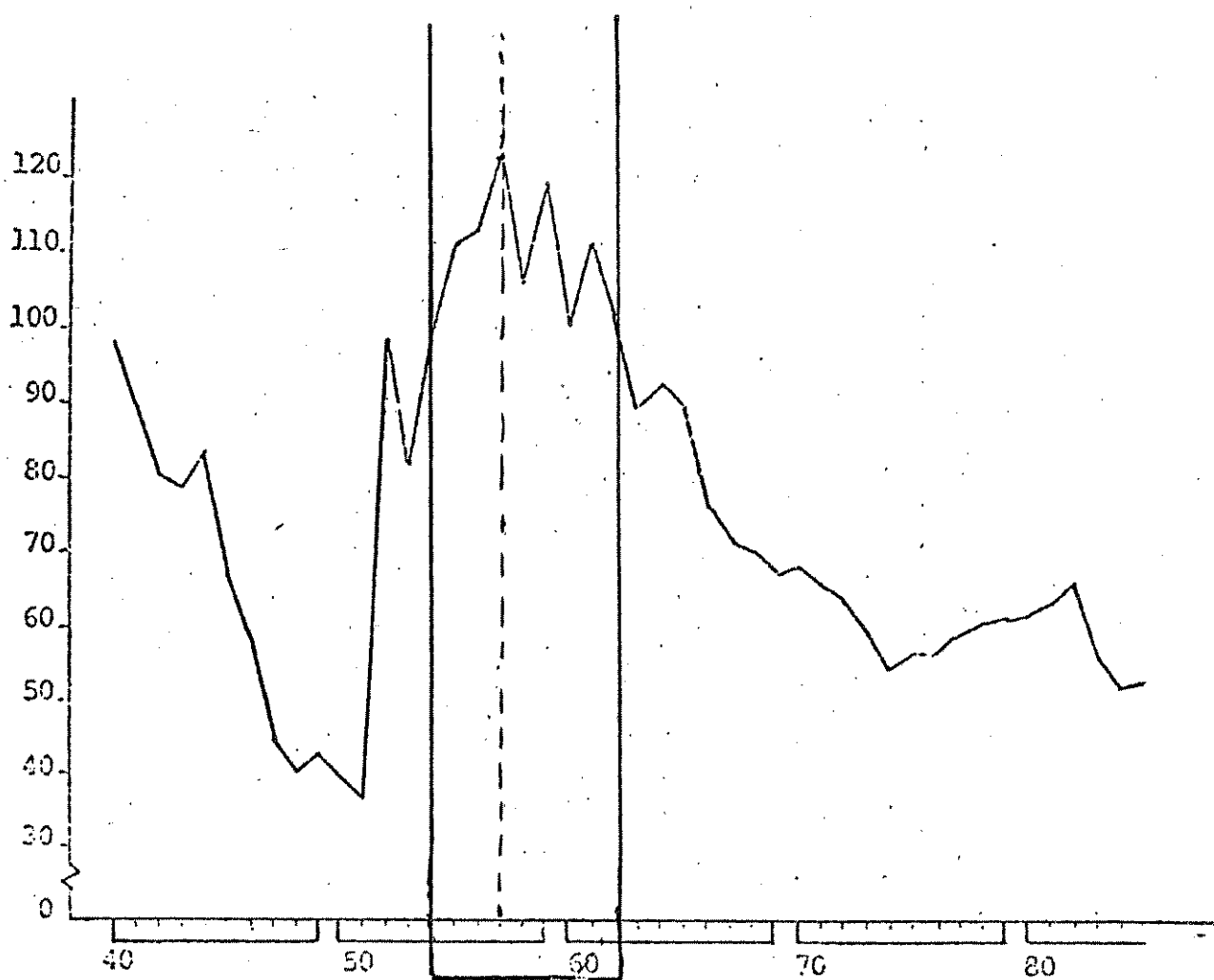
Vale lembrar, ainda, que estes 85% da população são exatamente aqueles, os trabalhadores brasileiros que ironicamente produzem a riqueza e o capital da Nação e parte do Capital Internacional, que vão se tornando inversamente problema social para o governo, através da fome e da miséria.

Esta realidade pode ser comprovada pelo Anexo IV, onde apresentamos um levantamento da alimentação no grupo A, B, C, em diversas faixas etárias.

Para que tenhamos melhor visão do que aconteceu com o "Salário Mínimo" de 1940 até hoje, apresentamos do DIEESE o gráfico abaixo.

GRÁFICO I

SALÁRIO MÍNIMO REAL - MÉDIAS ANUAIS - 1940/1985



Fonte: DIEESE

BASE: Julho/40 = 100

Ainda como resultado da degradação do Salário Mínimo, desde o seu estabelecimento e, especialmente desde o final da década de 50, o trabalhador em 1986 ganhava Cr\$ 2.640,00 por mês, cumprindo uma jornada mensal de 240 horas e gastava cerca de 73,10% deste tempo para adquirir a "Ração Es sencial Mínima", definida no decreto nº 399 de 30/04/1983, co mo podemos ver na Tabela abaixo.

TABELA III
RAÇÃO ESSENCIAL - MÉDIAS ANUAIS

ANO	TEMPO DE TRABALHO	% DA JORNADA MENSAL
1959	65h 10m	27,15%
1960	81h 11m	33,83%
1961	71h 41m	29,87%
1962	94h 46m	39,48%
1963	98h 20m	40,98%
1964	-	-
1965	88h 11m	36,74%
1966	109h 15m	45,52%
1967	105h 13m	43,84%
1968	101h 35m	42,33%
1969	110h 24m	46,00%
1970	105h 12m	43,84%
1971	111h 47m	46,57%
1972	119h 07m	49,63%
1973	147h 04m	61,28%
1974	163h 33m	68,14%
1975	149h 39m	62,36%
1976	157h 30m	65,62%
1977	141h 52m	59,11%
1978	137h 37m	57,34%
1979	153h 04m	63,78%
1980	157h 22m	65,57%
1981	149h 40m	62,36%
1982	131h 22m	54,74%
1983*	176h 33m	73,56%
1984*	194h 39m	81,10%
1985	177h 44m	74,05%
1986 - jan.	211h 52m	88,28%
1986 - fev.	242h 55m	101,22%
1986 - mar.	175h 28m	73,11%

FONTE: DIEESE

tingindo seu maior valor em 1957 de Cr\$ 1.931,77, caindo em março de 1986 para Cr\$ 0.804,00. Isto explicita o propósito ferrenho de manter e agravar a miséria, fome e doença do povo brasileiro.

TABELA I - SALÁRIO MÍNIMO REAL DESDE 1940

ANO	SALÁRIO MÍNIMO REAL VALOR EM CRUZADOS (1)	SALÁRIO MÍNIMO REAL ÍNDICES Julho/40 = 100	PIB/PER CAPITA
1940	1.543,82	98,02	100,00
1941	1.407,25	89,35	102,57
1942	1.283,44	78,78	103,30
1944	1.310,19	83,19	108,66
1945	1.065,07	67,03	109,38
1946	920,36	58,82	119,28
1947	707,80	44,94	119,38
1948	655,53	41,51	124,99
1949	654,37	42,19	130,47
1950	627,50	39,81	135,69
1951	579,52	36,80	139,60
1952	1.555,67	98,77	147,30
1953	1.281,24	81,35	146,65
1954	1.557,37	93,83	156,70
1955	1.748,87	111,04	162,56
1956	1.776,73	112,81	162,95
1957	1.931,77	122,65	170,92
1958	1.680,52	106,70	178,75
1959	1.891,28	119,45	183,18
1960	1.579,68	100,30	195,19
1961	1.756,48	111,52	209,27
1962	1.603,61 (2)	101,82	214,10
1963	1.400,71	89,51	211,23
1964	1.456,68	92,49	211,36
1965	1.404,70	89,19	210,97
1966	1.197,43	76,03	212,76
1967	1.132,77	71,92	216,89
1968	1.108,60	70,39	234,36
1969	1.066,76	67,73	250,40
1970	1.085,64	68,93	264,83
1971	1.038,92	65,95	291,91
1972	1.020,30	64,78	317,26
1973	934,99	59,36	351,59
1974	858,07	54,48	375,56
1975	896,26	56,91	386,24
1976	890,46	56,54	413,49
1977	927,94	58,92	426,58
1978	955,95	60,70	437,26
1979	965,25	61,29	453,82
1980	973,00	61,78	474,66
1981	997,64	63,34	455,96
1982	889,82	66,02	450,60
1983	883,59	66,10	425,67
1984	819,55	52,04	431,63
1985	838,53	53,24	456,66
1986 - Janeiro	691,14	43,88	
Fevereiro	608,99	33,66	
Março	804,00	51,04	

(1) A atualização monetária foi trazida a valores de março de 1.986.

O que pudemos observar até então é que o salário mínimo só teve seus valores mais altos entre 1954 e 1962, atingindo seu pico máximo em 1957, conquanto venha de 1962 o início de sua vertiginosa queda, chegando a níveis que denunciam a política salarial implantada pelo governo.

Fez-se um discurso de país rico, desenvolvido e até milagroso, o que não deixa de ser verdadeiro, mas para a camada que detém o poder e a riqueza, cabendo o inverso para os trabalhadores.

Foi exatamente em 1957 que sua média anual atingiu de Cr\$ 1.931,77 o que representa em termos reais mais que o dobro do em vigor, em 1986, enquanto tudo adquirido por este salário acompanhou a corrida desenfreada da inflação não mais se podendo chamar de "galopante", e sim "devastadora", tamanha a velocidade de crescimento.

O governo é o responsável por este "salário de miséria", pela perda do poder aquisitivo que se traduz na prática, na perda da vida ou de vidas, sem condições mínimas de existência e resistência, numa sociedade capitalista equivalente a uma colônia.

São os administradores do "salário mínimo" que de agora em diante chamaremos de "salário de miséria" - os responsáveis pela dramática ou trágica situação dos indicadores sociais como aqueles relativos a:

- mortalidade infantil,
- endemias,
- analfabetismo,
- morbidade
- violência rural e urbana e tudo mais como,
- dengue, febre amarela, paralisia infantil,
- além da expectativa da baixa qualidade de vi

da, quando o correto é investir no social através da educação, saúde e saneamento básico. Ao invés disso se desenvolveu a indústria da fome e em consequência a da doença no país e não se tem hoje hospitais e médicos para atender satisfatoriamente os doentes produzidos pelo sistema, mas não faltam os hospitais e médicos para atender os responsáveis por este sistema.

Tudo isto está intimamente ligado d relaciona-
do ao "salário de miséria" que hoje, por não se resolver o pro
blema em sua essência, muda de nome para " piso salarial". A ra
zão é muito simples para este desmando - este é um país das im
punidades para os crimes sociais (denunciados pelos indica
do res sociais), uma vez que a fome não aparece nos códigos pe-
nais como sendo crime ou qualquer outra infração penal.

Podemos, no entanto, observar que à medida em
que o (se dê o nome que quiser) "salário de miséria" aumenta,
a expectativa de vida também aumenta.

Resta aqui uma pergunta - é apenas um aumento
no número de anos ou a qualidade de vida realmente melhora, a-
tingindo níveis compatíveis com a dignidade humana?

Na Tabela que se segue teremos ocasião de ve-
rificar o papel do trabalho adicional para ocupados e assala-
riados - realmente pequeno, porque o trabalhador deve traba-
lhar mais horas, como vimos na Tabela III, impossibilitando-os,
desta forma, da procura de trabalhos adicionais.

TABELA IV

DISTRIBUIÇÃO DOS OCUPADOS E ASSALARIADOS, SEGUNDO TOTAL E 25%
MAIS POBRES, POR EXERCÍCIO DE TRABALHO ADICIONAL

GRANDE SÃO PAULO

1985

Em porcentagem

OCUPADOS E ASSALARIADOS	Total	EXERCE TRABALHO ADICIONAL		SEM TRABALHO ADICIONAL
		Com Remuneração	Sem Remuneração	
TOTAL DE OCUPADOS	100,0	6,3	0,3	93,4
25% Mais Pobres	100,0	5,4	0,2	94,3
TOTAL DE ASSALARIADOS ...	100,0	5,9	0,3	93,8
25% Mais Pobres	100,0	4,2	0,2	95,6

Para confirmar a Tabela anterior, vimos que sendo o "salário de miséria", opressor a ponto de não deixar o indivíduo procurar trabalhos adicionais, o que vai suceder é a procura de trabalho por outros membros da família (diga-se de passagem que eles deveriam por lei ser beneficiados pelo "salário de miséria" do trabalhador da família) onde o filho tem maior porcentagem que todos os demais membros da família juntos. Este achado confirma nossa fala a respeito da evasão escolar, no capítulo anterior, pode ser observada na Tabela abaixo.

TABELA V

DISTRIBUIÇÃO DOS OCUPADOS E ASSALARIADOS, SEGUNDO TOTAL E 25%
MAIS POBRES, POR POSIÇÃO NA FAMÍLIA

GRANDE SÃO PAULO

1985

Em porcentagem

Ocupados e Assalariados	Total	Posição na Família				
		Chefe	Cônjuge	Filho	Empregada Doméstica	Outras
TOTAL DE OCUPADOS	100,0	47,2	15,7	28,0	1,9	7,2
25% Mais pobres	100,0	22,2	25,2	37,5	6,2	8,9
TOTAL DE ASSALARIADOS ..	100,0	47,3	11,6	32,8	...	7,8
25% Mais pobres	100,0	23,6	13,3	52,1	...	11,0

FONTE: SEP - Convênio SEADE/DIEESE.

Nosso questionamento se deve ao fato de que as condições de vida hoje são mais trágicas do que a apresentada pelo Centro Demográfico de 1980, feito pelo IBGE. Podemos verificar pelos indicadores sociais e pela Tabela abaixo, se a questão da evasão escolar é em face de um acréscimo ao "salário de miséria" a fim de minimizar a fome.

TABELA VI

DISTRIBUIÇÃO DOS OCUPADOS E ASSALARIADOS, SEGUNDO TOTAL E 25%
MAIS POBRES, POR IDADE

GRANDE SÃO PAULO

1985

Em porcentagem

OCUPADOS E ASSALARIADOS	TOTAL	IDADE				
		10 a 14	15 a 17	18 a 24	25 a 39	40 Anos e
		Anos	Anos	Anos	Anos	Mais
TOTAL DE OCUPADOS	100,0	1,9	6,3	24,0	44,1	23,8
25% Mais Pobres	100,0	6,5	16,2	25,7	29,1	22,6
TOTAL DE ASSALARIADOS ...	100,0	1,5	6,9	27,7	45,1	18,8
25% Mais Pobres	100,0	5,7	20,9	35,0	25,3	13,1

FONTE: SEP - Convênio SEADE/DIEESE

Na tabela acima, fica mais nítida a exploração e expoliação do menor, quando ele tem um total de 8,2% de menores de 18 anos ocupados contra 22,7% dos menores, 25% mais pobres.

Referindo-se a assalariados temos um total de 8,4% do total contra 26,6% dos menores, 25% mais pobres.

Observamos que a porcentagem dos 25% mais pobres só diminui após os 40 anos, provavelmente porque esta parcela já deu, sem a mínima condição, toda a sua parcela de contribuição, restando-lhe agora a doença e/ou a invalidez.

Já a Tabela abaixo vem demonstrar a discriminação, influenciando como fator para o trabalho, onde há uma porcentagem maior de pretos e pardos no extrato de 25% mais pobres, tanto de ocupados como de assalariados. Além do estigma da cor eles carregam consigo o da fome e da miséria.

TABELA VII

DISTRIBUIÇÃO DOS OCUPADOS E ASSALARIADOS, SEGUNDO TOTAL E 25% MAIS POBRES, POR COR
GRANDE SÃO PAULO

1985 Em porcentagem

Ocupados e Assalariados	TOTAL	COR			
		Branca	Preta	Amarela	Parda
TOTAL DOS OCUPADOS	100,0	68,9	7,2	2,7	21,5
25% mais pobres	100,0	58,0	10,2	1,4	30,3
TOTAL DE ASSALARIADOS ..	100,0	70,1	6,5	2,5	20,9
25% mais pobres	100,0	61,2	8,7	1,3	28,8

FONTE: SEP - Convênio SEADE/DIEESE.

Já na próxima Tabela fica evidenciada a maior participação de mulheres 25% mais pobres ocupadas é quase o dobro da totalidade: 60,7% contra 37,9%.

O mesmo acontece com as assalariadas, sendo em menor proporção 43,7% do extrato de 25% mais pobres contra .. 33,0% de assalariadas.

É importante notar que na mesma Tabela quanto aos homens a proporção é sempre baixa, tanto para ocupados como para assalariados dos 25% mais pobres.

TABELA VIII

DISTRIBUIÇÃO DOS OCUPADOS E ASSALARIADOS, SEGUNDO TOTAL E 25% MAIS POBRES, POR SEXO

GRANDE SÃO PAULO

1985

Em porcentagem

OCUPADOS E ASSALARIADOS	Total	SEXO	
		Homens	Mulheres
TOTAL DE OCUPADOS	100,0	62,1	37,9
25% Mais Pobres	100,0	39,3	60,7
TOTAL DE ASSALARIADOS ..	100,0	67,0	33,0
25% Mais Pobres	100,0	56,3	43,7

FONTE: SEP - Convênio SEADE/DIEESE.

A Tabela IX nos permite fazer uma análise de como e quanto custa a hora de uma pessoa que ganha o "salário de miséria" e o quanto este salário representa para manutenção da fome de 33,8% da população que ganha até um deste salário.

TABELA IX

SALÁRIO MÍNIMO NOMINAL, RAÇÃO ESSENCIAL MÍNIMA E SALÁRIO MÍNIMO NECESSÁRIO

GRANDE SÃO PAULO

1984-86

MESES	SALÁRIO MÍNIMO NOMINAL		REAÇÃO ESSENCIAL MÍNIMA (1)		SALÁRIO MÍNIMO NECESSÁRIO (1)	
	Em Cr\$	% dos Ocupados com Rendimento Inferior	Em Cr\$	% dos Ocupados com Rendimento Inferior	Em Cr\$	% dos Ocupados com Rendimento Inferior
OUT-84 ...	97.176	13,1	100.827	19,4	655.464	82,4
NOV	166.560	23,2	107.574	15,2	712.428	82,2
DEZ	166.560	17,8	115.047	13,4	745.141	77,6
JAN-85 ...	166.560	17,4	127.028	14,5	819.480	82,1
FEV	166.560	13,8	134.101	11,8	886.397	79,1
MAR	166.560	16,5	145.358	14,3	988.260	78,0
ABR	166.560	15,6	150.699	14,9	1.029.418	77,6
MAI	333.120	23,1	165.672	10,7	1.141.815	75,0
JUN	333.120	20,5	176.080	12,1	1.212.019	76,7
JUL	333.120	15,6	209.108	10,8	1.428.649	74,8
AGO	333.120	15,3	252.237	12,5	1.705.859	76,6
SET	333.120	16,0	281.575	13,5	1.805.526	79,8
OUT	333.120	14,0	314.249	13,5	2.005.135	78,2
NOV	600.000	21,7	390.041	15,6	2.435.164	80,3
DEZ	600.000	16,0	425.685	13,1	2.655.000	77,7
JAN-86 ...	600.000	12,6	529.660	12,4	3.327.268	79,6
FEV	600.000	13,7	607.293	19,3	3.906.768	81,1

FONTE: SEP - Convênio SEADE/DIEESE.

(1) BOLETIM DO DIEESE, v.3, out-dez. 1984; v.4, jan-dez. 1985; v.5, jan. 1986.

Convém que os órgãos de decisão do "salário de miséria", não mudem o nome para piso salarial, uma vez que atualmente uma família não pode sobreviver com o próprio salário face à inflação, como revelam os dados da Tabela IX.

É necessário, além disso, denunciar a impunidade desses dirigentes, "ignorando" que o **salário mínimo** deva dar condições de direito a uma família de 4 pessoas para: alimenta

ção, vestuário, transporte, educação, saúde, habitação e lazer.

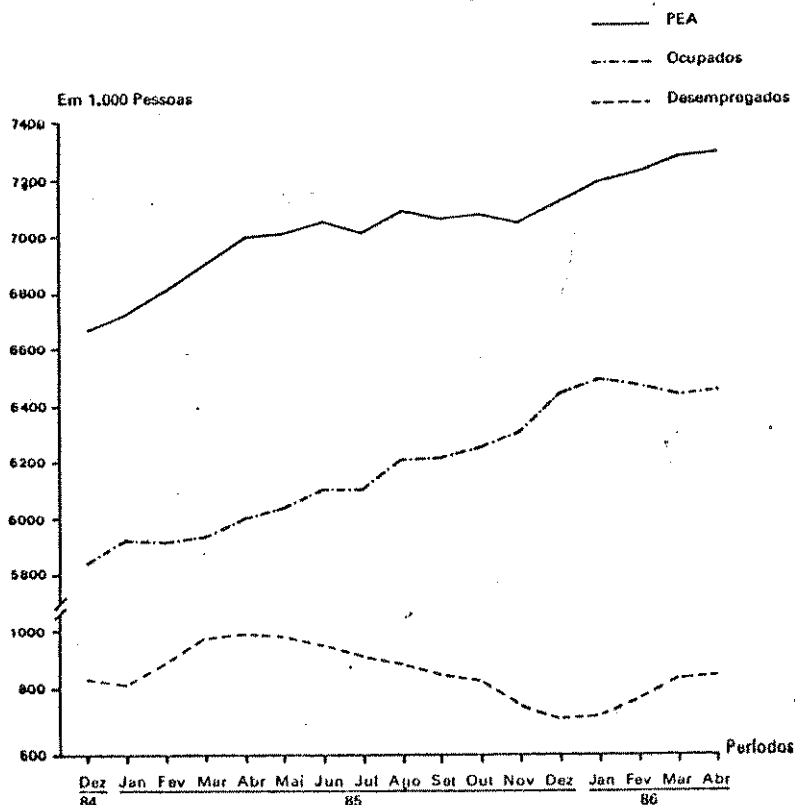
A realidade é uma só: os homens que detêm o poder econômico, político e intelectual perderam de vista a essência da existência da humanidade que é - a dignidade do ser em sua magnitude.

Acreditamos que o plano do governo, no decorrer do tempo de 1940 até hoje, tem sido de manutenção do "status quo", favorecendo uma minoria e massacrando a grande massa da população.

Esta população ou trabalha em qualquer tipo de emprego para não morrer de fome, ou morre pela forma de trabalho que lhe é imposta (67), ou ainda morre por não ter como e onde trabalhar, nem mesmo sob a forma de subempregos, como podemos ver no Gráfico II, onde a soma de ocupados e desempregados é quase igual ao número de pessoas economicamente ativas

(PEA). ESTIMATIVA DO NÚMERO DE PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS, OCUPADAS E DESEMPREGADAS
GRANDE SÃO PAULO
1984-86

GRÁFICO II



FONTE: SEP-Convênio SEADE/DIEESE.

(67). De que morrem os Trabalhadores.

De outro lado, como podemos aceitar que qualquer tipo de trabalho, seja ele braçal, intelectual ou técnico de uma pessoa tenha uma péssima remuneração que só lhe permita sobreviver, ao invés de viver, como outras tantas, com uma alimentação de qualidade inferior, além de uma quantidade que não responda nem reponha as suas necessidades nutricionais gastas diariamente pelo trabalhador e sua família, como podemos ver na Tabela a seguir.

SALÁRIO MÍNIMO NOMINAL E NECESSÁRIO

Abril de 1984 a Abril de 1986.

(Em Cr\$)			
PERÍODO	SALÁRIO MÍNIMO NOMINAL		SALÁRIO MÍNIMO NECESSÁRIO
	Norte, Nordeste e Centro-Oeste	Sul e Sudeste	
1984			
Abril	50.256,00	57.120,00	397.870,79
Maio	97.176,00	97.176,00	407.427,75
Junho	97.176,00	97.176,00	407.137,61
Junho	97.176,00	97.176,00	431.912,56
Julho	97.176,00	97.176,00	496.702,20
Agosto	97.176,00	97.176,00	587.918,98
Setembro	97.176,00	97.176,00	587.918,98
Outubro	97.176,00	97.176,00	655.464,00
Novembro	166.560,00	166.560,00	712.428,00
Dezembro	166.560,00	166.560,00	745.141,00
1985			
Janeiro	166.560,00	166.560,00	819.480,00
Fevereiro	166.560,00	166.560,00	886.397,00
Março	166.560,00	166.560,00	988.260,00
Abril	166.560,00	166.560,00	1.029.418,00
Maio	333.120,00	333.120,00	1.141.815,00
Junho	333.120,00	333.120,00	1.212.019,00
Julho	333.120,00	333.120,00	1.428.649,00
Agosto	333.120,00	333.120,00	1.705.859,00
Setembro	333.120,00	333.120,00	1.805.526,00
Outubro	333.120,00	333.120,00	2.005.135,00
Novembro	600.000,00	600.000,00	2.435.164,00
Dezembro	600.000,00	600.000,00	2.655.000,00
1986			
Janeiro	600.000,00	600.000,00	3.327.268,00
Fevereiro	600.000,00	600.000,00	3.906.798,00
Março (Cz\$)	804,00	804,00	3.793,10
Abril (Cz\$)	804,00	804,00	3.839,44

SALÁRIO MÍNIMO NOMINAL: Salário Mínimo vigente.

SALÁRIO MÍNIMO NECESSÁRIO: Salário Mínimo de acordo com o preceito constitucional "salário capaz de satisfazer as necessidades normais do trabalhador e as de sua família" (Constituição da República Federativa do Brasil, art. 165). Foi considerado, em cada mês, o maior valor da ra-

ção essencial das localidades pesquisadas. A família considerada é de dois adultos e duas crianças, sendo que estas consomem o equivalente a um adulto. Ponderando-se o gasto familiar, chegamos ao salário mínimo necessário.

É possível observar pela Tabela anterior como é a real remuneração do brasileiro e onde se encontra as grandes massas trabalhadoras, em termos reais de trabalho e salário.

Em percentuais, a grande maioria (85%) da população economicamente ativa ganha até 5 salários mínimos e para ganhar este salário de miséria, os mais pobres vivem a realidade apresentada na Tabela XI.

TABELA XI

O CUSTO DE VIDA DA FAMÍLIA ASSALARIADA EM SÃO PAULO
VARIACÃO MENSAL
ABRIL DE 1986

ITENS E SUBITENS	RENDA (Cr\$)			GERAL
	Até 2.900,00	De 2.900,01 a 5.801,75	Acima de 5.801,75	
ALIMENTAÇÃO	-0,35	-0,07	0,16	-0,06
Cereais, Massas e Farinhas	0,30	0,77	1,24	0,75
Leite e Derivados	-0,32	0,46	1,45	0,59
Carnes e Derivados	0,64	0,58	0,47	0,56
Gorduras e Condimentos	0,07	0,07	0,07	0,06
Artigos de Sobremesa	-5,01	-5,00	-5,14	-5,04
Hortaliças	-5,83	-6,17	-6,39	-6,14
Frutas	12,54	12,91	12,08	12,58
Peixes	7,16	7,51	7,71	7,49
Bebidas	-1,63	-1,32	-0,88	-1,21
Refeições Avulsas	1,98	2,09	2,03	2,05
Ovos e Enlatados	1,59	0,96	0,89	1,05
HABITAÇÃO	5,84	7,01	8,48	7,49
VESTUÁRIO	10,04	7,75	7,21	7,97
Roupas para Homens	8,16	8,19	7,95	8,09
Roupas para Senhoras	5,19	5,56	5,73	5,54
Roupas para Crianças	9,23	9,27	7,48	8,86
Calçados	-0,75	-0,85	-0,88	-0,84
Cama, Mesa e Banho	24,10	17,84	17,28	19,60
TRANSPORTE	0,00	0,00	0,00	0,00
EQUIPAMENTO DOMÉSTICO	0,16	0,21	0,22	0,22
Eletrodomésticos	-0,53	-0,36	-0,27	-0,39
Móveis	-0,20	-0,28	-0,09	-0,20
Utensílios Domésticos	1,50	1,30	1,05	1,31
RECREAÇÃO E FUMO	0,18	0,20	0,21	0,20
SAÚDE	3,91	4,78	5,36	4,86
Assistência à Saúde	7,03	7,19	7,08	7,11
Medicamentos	-0,56	-0,65	-0,50	-0,58
EDUCAÇÃO E CULTURA	0,00	-0,02	-0,08	-0,05
LIMPEZA DOMÉSTICA	2,95	2,86	2,84	2,87
HIGIENE PESSOAL	0,07	-0,07	0,77	0,28
TOTAL	-1,07	1,41	2,09	1,60

Considerando em particular o item Alimentação, o mesmo apresentou uma variação de 253,39% nos últimos doze meses e os conjuntos de produtos integrantes deste item com maiores aumentos foram: Hortaliças (628,15); Peixes(345,76%); Carnes e Derivados(297,93%); Artigos de Sobremesa' (295,50%) e Refeições Avulsas(282,86%).
BOLETIM DIEESE - Ano V - maio de 1986.

Enquanto 13% da população, economicamente ativa, ganha salários "condizentes" ou pelo menos próximos daquele ideal para enfrentar a realidade inflacionária, restam apenas 2% da população economicamente ativa que ganham salários e concentram rendas e poder para manter, juntamente com os interesses e economia internacional, esta realidade que ficou demonstrada na Tabela III na página 92.

A Tabela abaixo esclarece melhor as condições daquela população que perfaz 33,8% da nossa população, convivendo e morrendo de fome.

TABELA XII

QUANTO SE TRABALHA PARA COMER EM
SÃO PAULO
ABRIL DE 1986

PRODUTOS	Quantidades	GASTO MENSAL (*)			TEMPO DE TRABALHO (*)	
		Abril	Abril	Variação	Abril	Abril
		de 1985	de 1986	Anual	de 1985	de 1986
		Cr\$ 838,53	Cz\$ 804,00	%		
Carne	6 kg	44.334	175,20	295,2	63h 53min	52h 18 min
Leite	7,5 l	7.875	19,35	145,7	11h 21min	05h 47 min
Feijao	4,5 kg	13.757	47,70	246,7	19h 49min	14h 14 min
Arroz	3 kg	7.671	22,23	189,8	11h 03min	06h 38 min
Farinha de Trigo	1,5 kg	2.679	4,28	59,6	03h 52min	01h 17 min
Batata	6 kg	5.730	43,02	650,8	08h 15min	12h 51 min
Tomate	9 kg	10.998	122,13	1010,5	15h 51min	36h 27 min
Pao	6 kg	19.494	43,20	121,6	28h 05min	12h 54 min
Cafe	600 g	11.116	55,00	394,7	16h 01min	16h 25 min
Banana	7,5 dz	8.460	34,35	306,0	12h 11min	10h 15 min
Açucar	3 kg	4.710	11,61	146,5	06h 47min	03h 28 min
Banha/Oelo	750g/900ml	4.685	7,72	64,8	06h 45min	02h 18 min
Manteiga	750 g	9.190	29,81	224,4	13h 15min	08h 54 min
TOTAL		150.699	615,59	308,5	217h 09min	183h 46 min

(1) Tempo que o trabalhador de salário mínimo precisa para comprar a Ração Essencial (Decreto Lei nº 399, de 30/04/1938).
(*) Valores de Abril de 1985 em cruzeiros e Abril de 1986 em cruzados:
OBS: O valor total da ração pode não coincidir com a soma dos gastos mensais, por efeito de arredondamento.

Impõe-se não esquecer que a - alimentação - é um direito básico, estando prejudicada por estes "salário de miséria", porque estas pessoas se ressentem da falta, ausência total ou parcial de dentes, o que vem interferir diretamente na mastigação dos alimentos e em face disso na digestão e absorção dos nutrientes.

É de conhecimento de todos que uma pesquisa recente, realizada em São Paulo (68), Estado mais rico da União comprovou o "óbvio" que - "a população brasileira entre 20 e 30 anos já perdeu em média 10 dentes, dos 32, oito dos quais extraídos e os dois restantes encontrando-se deteriorados e com as extrações inadequadas".

"A incidência de doenças dentárias fica evidenciada, nesta pesquisa da qual estamos falando, quando se constata que "o brasileiro médio de menos de 30 anos já perdeu cerca de 30% dos dentes definitivos, apresentando-se cerca de 20% dos restantes, cariados e necessitando de tratamento imediato", e que dentre quatro trabalhadores com mais de cinquenta anos, três estão completamente desdentados". A pesquisa conclui afirmando que "hoje o que está colocado para o trabalhador, além do direito, é o dever de exigir o necessário de alimentos (para não continuar na situação que acabamos de apresentar) a fim de manter a si e a sua família". Além de exigir assistência real à doença deve exigir também a manutenção da saúde e a odontológica, para que tenha capacidade de mastigar os alimentos. Para atender essas exigências, segundo o DIEESE, o salário de miséria deveria ser (?) em abril de 1986 de Cr\$ 22.749,00.

(68). Trabalho & Saúde - Janeiro/março de 1984.
Revista do Departamento Intersindical de Estudos e Pesquisas de Saúde e dos Ambientes de Trabalho.
Ano IV - nº 1.

Na Odontologia brasileira, como ciência da Saúde, percebe-se que não há um trabalho ou preocupação quanto à prevenção, tanto por parte das escolas como por parte dos profissionais que refletem a educação ou (de)formação recebida nas Escolas.

Esta prevenção vai desde a proteção aos dentes que vão nascer até o combate efetivo à cárie, uma vez que os dentes estragados e os ausentes participam da má mastigação e facilitam as infecções crônicas e conseqüentemente diminuindo ainda mais a resistência do organismo já bastante comprometido pela fome, tratando-se de pessoas com péssimas condições de vida, provocadas pelo achatamento salarial, como foi mostrado anteriormente. Lembremos que estes dados representam as condições de uma pesquisa em São Paulo.

Temos conhecimento porém, de que alguns profissionais de saúde na odontologia, que se preocupam, não só com o fato de atender seus clientes, mas ainda, em fazer uma educação quanto à maneira de cuidar dos dentes, além de oferecer - lhes e aos familiares educação para os cuidados de higiene bucal.

Este trabalho reuniu grupo que foi examinado, e a partir daí, os profissionais sentiram a necessidade de algo mais, que não fosse apenas a técnica odontológica. Desta inquietação, montaram um programa de educação quanto aos cuidados com a higiene bucal, realizado em audio-visual, composto de 73 slids acoplados a uma fita gravada, narrando os cuidados. O resultado foi gratificante para os profissionais e doentes (desdentados), uma vez que houve um decréscimo, após a educação de:

- 20,35% no índice gengival
- 48,56% no índice de placa dental

- 68,29% no índice de cálculo, que são as três entidades mórbidas responsáveis pela perda dos dentes (69).

Este tipo de preocupação não interessa ao capital, pois tratar de dentes como vem sendo feito, serve ao saldo bancário dos profissionais e às multinacionais do ramo, que para exemplificar vendem no Brasil 25.000 toneladas de creme dental por dia, no país de desdentados (69).

Fica uma pergunta:- Por que todos os profissionais da Saúde não fazem o mesmo na sua área? e se não o fazem, por quê?

Ora, se os desdentados referidos acima não têm acesso à prótese ou dentaduras e mais grave ainda, quando o têm não conseguem se adaptar pois são de péssima qualidade, quanto ao material e a adaptação, por serem mal feitas, talvez porque os profissionais acreditem no adágio popular de que "o pobre não tem medida nem tamanho, usa o que lhe dão", em forma de caridade ou de preços relativos.

Acrescenta-se ainda que estes trabalhadores doentes, doentes de trabalho, não são mais aceitos nas empresas por serem portadores de pneumopatias ocupacionais, como a fome, responsáveis pela diminuição da capacidade de trabalho e da vida, provocada pelo próprio tipo e ambiente de trabalho.

Quando o empregado chega a este estado de miséria social, doença, o empregador não o quer mais, não só pelas razões acima, como também porque este trabalhador representa "um risco" para ele no sentido de acidente, de manifestação mais evidente da doença anteriormente adquirida no trabalho, -

(69). Vinha, Dionísio; Vale, Luiz Vallim do: - Programa de profilaxia e prevenção da placa dental em uma população adulta.
Revista Paulista de Odontologia 9(3) - maio/junho - 1987.

trazendo assim um compromisso do empregador para com o empregado, como também aumenta o número de acidentes de trabalho, uma vez que estas estatísticas não aparecem como acidente do trabalho. Estes mesmos empregadores, quando percebem que o trabalhador está comprometido com alguma espécie de doença, não querendo se envolver socialmente nem juridicamente com o empregado e sua doença, resolve de maneira mais simples (para o empregador) - demite-o.

Vemos ser o interesse do capitalismo e do capitalista capaz de alterar até a legislação; em 1934 surge mais uma lei trabalhista, considerada progressista, porque agora aparece simplesmente usando as palavras "empregador" e "empregado" atingindo a tudo e a todos, entendendo toda doença produzida ou gerada pelo trabalho, além de sua abrangência, incluir agora as domésticas, aprendizes e trabalhadores e trabalhos sem remuneração na categoria de ocupados (b) e (c) e na categoria de desempregados (70), levando, desta forma, à íntima relação do trabalhador com a fome.

Todos nós sabemos que não é por falta de lei que o trabalhador brasileiro não é respeitado no mínimo de sua dignidade, (71) porquanto a lei referente ao empregador não sofre nenhuma vigilância e punição; esta existe, na sua grande maioria, para o empregado que não tem o capital de conhecimento e o de relações sociais.

A lei referente à jornada de trabalho data de 1913 e até hoje o trabalhador luta por este direito como já vimos anteriormente, pois a jornada real impede o trabalhador

(70). DIEESE - Pesquisa de emprego e desemprego - nº 17 de abril de 1986.

(71). Coelho, H.A.L. e Sampaio, Y. - Políticas de alimentação e Nutrição no Brasil. Uma visão geral.
Mestrado em Economia - Recife - 1980.

Filho, Malaquias Batista e Barboza, Nize de Paulo - Alimentação e Nutrição no Brasil 1974 - 1984.
(Pró-Memória) Ministério da Saúde - Instituto de Alimentação e Nutrição.

de procurar outras formas, para minimizar a migalha do salário de miséria, levando a criança à participação na responsabilidade da renda da família com mais uma migalha de salário, levando a criança ao que é pior: a não ter direito a permanecer na escola, embora desde aquela época tenha se iniciado a regulamentação do trabalho da mulher e do menor (72).

A Lei referente ao acidente de trabalho data de 1.919, onde beneficiava só e exclusivamente o "operário", - obrigando o patrão a assumir os seus deveres e responsabilidades pelo acidente.

A legislação existente, face ao problema alimentar criou, em 1918, o Comissariado de Alimentação Pública ' com a vinalidade de atender o trabalhador na "crise de carestia" de 1917, agravada, em grande parte, pela Primeira Guerra Mundial. Desde então foram criadas Comissões, Programas e Serviços podendo-se mencionar alguns como:

- **SAPS** - Serviço de Alimentação da Previdência Social, subordinado ao então Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio - 1940.
- **SUNAB** - Superintendência Nacional de Abastecimento, no governo Quadros e ainda no mesmo governo foi criada a
- **COBAL** - Companhia Brasileira de Alimentos, - bem como inúmeros Programas de alimentação ' por faixas etárias e trabalhadores.

Ressaltamos, porém, que a mancha negra da fome não só aumentou de tamanho como intensificou a sua mácula, chegando a se tornar uma questão de Segurança Nacional (73).

(72). Ribeiro, H.P. - op. cit. - 1984.

(73). Filho, Malaquias Batista - op. cit.

Já a crise do regime de ditadura irrompeu no auge do poder, num período de contrastes e crises que os autores trabalham com dados de 1974 a 1984 e se referem a este período da seguinte maneira: "às distorções estruturais do processo econômico-social somaram-se fatores conjunturais, delimitando, neste período, duas fases distintas:

- a primeira - de euforia (o "milagre brasileiro"), com o produto interno bruto crescendo ao ritmo de 10% ao ano, oferta de pleno emprego e inflação contida em limites bem "comportados" na linguagem comum;
- a segunda - bem adversa da primeira, foi de recessão, desemprego, dívida externa "record" e inflação descontrolada, alcançando 100% em 1981 e 200% entre 1983/1984, patamares até então desconhecidos na história econômica financeira do país - (74).

Para completar as "criações" destinadas a cuidar da alimentação, (aqui diante dos fatos já demonstrados anteriormente dizemos que são criações para alimentar a fome) surge o INAN em 1972 e com ele todos os seus empregos e programas, dentre eles, o considerado mais importante o PRONAN, a realidade denunciada pelos Órgãos, Sindicatos, Congresso de Nutricionistas, Congressos de Pediatria e tantos outros comprovando sua ineficiência.

A indústria da fome passa nos fios que tecem as relações do trabalho com o capital e, muito especialmente, nas questões acima mencionadas: carga horária de trabalho, con

(74). Filho, Malaquias Batista - op. cit.

dições no local e de trabalho, infraestrutura de saneamento bá
sico, salário de miséria, inexistência de Serviços de Saúde (ho
je temos Serviços de Doenças) e tantas outras facetas.

Exploração no Trabalho

OU

A Fome no Trabalho

Trabalhar constitui é dever e direito de todo cidadão, assim como as condições do ambiente de trabalho e sua jornada são de responsabilidade e dever do empregador.

Em nossa realidade, trabalhador é um desnutrido pelo salário que ganha, como vimos acima. Acresce a isto, para agravar a sua condição miserável de vida, as condições inadequadas no ambiente do próprio trabalho. Ali ele está sujeito a uma série de enfermidades que vão se somar à fome e as doenças dela decorrentes: indo desde a surdez, passando pelas dermatoses, saturnismo (intoxicação pelo chumbo) e as enfermidades pulmonares (como abestose que comprovadamente provoca câncer de pulmão, pela aspiração de amianto; bissinose, pela poeira do algodão, linho, cânhamo e sisal; silicose, pela aspiração da sílica, usada em cerâmica; asma, bronquites e outras doenças pulmonares ocupacionais (75).

Agravando a problemática que envolve a fome, todas essas doenças são irreversíveis, de lenta evolução, tornando-se evidentes entre 30 e 45 anos - plena idade produtiva, invalidando a pessoa. Os inválidos sociais e economicamente inativos, de uma forma geral, passam a engrossar as fileiras dos que recebem um mísero benefício da Previdência Social. Eles não são aceitos nas empresas, por serem portadores de pneumopatias ocupacionais, como a fome responsáveis pela diminuição da capacidade de trabalho e de vida, provocada pelo próprio tipo de trabalho.

(75). Ribeiro, Herval Pina; Lacay, Francisco A. de Castro - De que adoecem e morrem os trabalhadores.

DIESAT - Departamento Internacional de Estudos e Pesquisas de Saúde e Ambiente de Trabalho - 1984.

Todos nós sabemos que não é por falta de lei que o trabalhador brasileiro não é respeitado, no mínimo de sua dignidade, visto que a lei referente à jornada de trabalho data de 1913. Desde essa época inicia-se a regulamentação do trabalho da mulher e do menor (76), enquanto que a relativa ao acidente de trabalho data de 1919, onde beneficiava só e exclusivamente o "operário", obrigando o patrão a assumir os seus deveres.

Enquanto o "operário" trabalha em péssimas condições de saúde e de ambiente de trabalho, controle de produção e tempo de serviço, no mesmo local o "patrão" está bem nutrido, em excelentes condições de saúde e ambiente de trabalho, advindos da produção daqueles operários.

É bastante contundente como o interesse do capitalismo muda até a legislação, sendo que em 1934 surge nova lei, agora usando as palavras "empregador" e "empregado" atingindo tudo e todos, prescrevendo que toda doença produzida ou em consequência do trabalho, abrangendo agora domésticas, aprendizes e trabalhos sem remuneração.

Verificamos, todavia, é que a luta dos trabalhadores continua, e junto a ela cresce a indústria da fome.

Mas esta luta do trabalhador por condições de vida e trabalho compatíveis com a dignidade humana não é uma questão regional de pobreza, nem muito menos uma simples posição nacional, sim uma imposição de capitalismo internacional industrializado que controla os países do terceiro mundo com uma dívida, segundo Joelmir Betting em seu livro "Os juros subversivos" que já foi paga, muitas vezes, através do famigerado F.M.I.

(76). Ribeiro, H.P. - op. cit. - 1984.

Em razão destes dados, analisaremos a fome, partindo das implicações que o mundo capitalista e desenvolvido nos impõe.

V

A INDÚSTRIA DA FOME E SUAS SUBSIDIÁRIAS: NÍVEL INTERNACIONAL

Fome e Dependência à Nível Internacional

As restrições de alimentação pela ausência de alimentos, motivando as deficiências nutritivas estão envolvidas num quadro estrutural da sociedade, que estabelece condições desiguais, na participação de seus membros, no processo de produção, e em especial no usufruto dos bens e serviços produzidos.

Evidentemente, que os problemas estruturais que desfiguram o processo de desenvolvimento econômico - social não constituem peculiaridade de um país, mas, muito mais que isto, fazem parte de um contexto universal.

Sabemos que a África ainda apresenta um quadro alarmante, pois das 36 nações mais pobres do mundo, 29 se encontram ao sul do Saara e destas 29 nações, 24 se encontram em "estado de emergência" e a mercê de "auxílios" para combater a fome (77) suas implicações.

A África é o Continente, segundo o UNICEF "que tem as rendas e taxas de crescimento econômico mais baixas e os menores níveis de expectativa de vida e alfabetização, sendo o Continente que possui os mais altos índices de crescimento populacional, além da maior instabilidade política e dos mais sérios problemas ecológicos"., (quando sabemos que - ecologia - não é problema para um povo que, dependendo de seus interesses, rompe as barreiras e vai a outros planetas). Vem, desta maneira, a deter o mais alto índice de mortalidade infantil.

A África, como todos os outros países dependen

(77). UNICEF - op. cit.

tes e aí está o Brasil, aplicam a maioria dos investimentos agrícolas nas culturas de exportação, ao que chamam de "colheitas rentáveis" (78). É o faminto alimentando o saciado, o pobre alimentando o rico, o doente alimentando o sadio, e este estado de coisas invertidas levam as populações de hoje a sofrer danos irreparáveis, comprometendo permanentemente a capacitação do país de manhã, esta a mais grave forma de subversão.

Todos sabemos que uma das conseqüências da fome é a tão estudada e crescente desnutrição, que durante os primeiros anos de vida são conhecidas, tanto por parte dos cientistas como da população.

Para os cientistas, através das suas experiências em laboratório com animais, pode-se observar que certos animais com dietas insuficientes em quantidade e/ou em qualidade, em razão da - fome experimental -, quando comparados a outros, com dieta equilibrada, os primeiros serão desnutridos, tanto em peso e altura bem menor que aqueles que receberam uma dieta adequada ou equilibrada, chamados pois, de sadios.

Alertamos para mais um fato:

- Alcançando o animal um nível de desnutrição por dieta insuficiente, ele poderá vir a crescer se lhe for dada uma dieta balanceada, mas não chegará ao tamanho dos sadios: é o caso concreto de nossos irmãos nordestinos que formaram uma nova raça - **nanicos** - acontecendo o mesmo processo havido com os animais de laboratório na 1ª fase do experimento.

Será que os homens são para os políticos, os animais de laboratório, como o rato é para os cientistas?

(78). Um relatório para a Comissão Independente sobre Questões Humanitárias Internacionais - Fome - Catástrofe provocada pelo Homem? Editora Vozes - Petrópolis - 1986.

Por parte da população, comparando a injustiça social feita com seus membros, segundo a política econômica-social reinante no país, é nítida a diferença entre as duas populações, a carente ou miserável e a rica ou milionária.

As crianças das populações miseráveis vão ter um desenvolvimento físico, mental e emocional diferente daquelas crianças de classe social alta, não só por falta de alimentos, sim pela ausência de condições psíquico-sociais da família, e do seu meio, tornando estas evidências mais sentidas no desempenho escolar e de trabalho.

Estas diferenças são explicadas e reforçadas - pela interação de fatores, não só biológicos, como também sociais, econômicos e culturais.

A fome é chamada no meio científico de desnutrição. Para mim está muito claro que não é por uma questão de semântica, mas de ideologia, considerado um exemplo gritante de multiplas causas, que veremos, em seguida, analisando algumas propostas a nível Internacional.

As propostas dos Órgãos Internacionais

Cabe-nos, no momento, demonstrar nosso desabono aos Órgãos Internacionais e tantos outros no tocante às soluções como seja a da reidratação oral, vacinação em massa, programas de alimentação, programas de aleitamento materno, quando sabemos que, isolados como têm sido, são meramente paliativos.

O problema não é específico da desidratação, das doenças e de uma faixa etária, ele é único e global - é a fome -, pelas desigualdades sociais extremadas. A fome só se resolve com alimentação, baseada num programa global, onde a ideologia político-econômico-social seja outra, pois a que aí está é de manutenção da indústria da fome e não de solução.

Crianças nutridas não estão nos leitos hospitalares com desnutrição, doenças carenciais e não são atingidas pelas sequelas de surtos de doenças como sarampo, paralisia infantil e tantas outras.

É importante lembrar que a fome não está nos edifícios e mansões, ela está na periferia e casebres, de pés descalços, semi-nuas, irmanada com a falta de higiene básica e educação.

Assim, enquanto nos países do terceiro mundo as propostas são as referidas acima, nos países capitalistas a proposta é de "o norteamericano médio pode acrescentar 11 anos à sua expectativa de vida deixando de - fumar, bebendo moderadamente, alimentando-se adequadamente (significando aqui - comer menos -, pois as doenças lá são por excesso - obesidade, arteriosclerose, doenças cardio-vasculares, ...) exercitando-se com regularidade" uma vez que a maioria da população tem como condu

ção o seu próprio carro. (79)

Todos os Órgãos Internacionais descobriram a fórmula mágica para a solução do problema - a família - chegando a chamar a família de guardiã de sua própria saúde, afastando assim de forma maquiavélica, a responsabilidade do Estado, uma vez que esta mesma família continua sub-empregada, pagando impostos altos, quando ganha para isto, e agora mais uma obrigação - guardiã - de que e de quem? (80).

Paradoxalmente, estes Órgãos reconhecem que os serviços de saúde são essenciais (mas aqui eles não deixam claro se os privados ou os públicos) e que são insuficientes; acrescenta, também, que nos países subdesenvolvidos 2/3 da população não têm acesso a modernas instalações de saúde (81).

Com este enfoque, o médico e o hospital estão a serviço da doença e não da saúde, servindo ao sistema capitalista atendendo ao consumo da alta tecnologia ao alcance de poucos, tornando-se servidores da indústria farmacêutica, deixando de ser o "centro" do círculo da saúde, ocupado pela família periférica (o bom seria que realmente o médico deixasse de ser o centro do círculo da doença e a população toda fosse o centro da saúde).

Os pais passaram a ser culpados pela existência da fome, desidratação, sarampo, ... em lugar dos governos, médicos, hospitais, centros de saúde e da própria disponibilidade da política econômica-social do Estado (82).

Não só na África as condições de vida estão insuportáveis. Para se ter uma idéia, em 1985, morreram 5.000.000

(79). UNICEF - op. cit.

(80). Landmann, Jaime - Medicina não é saúde - Editora Nova Fronteira - 2ª edição. 1983.

(81). UNICEF - op. cit. (Situação Mundial da Infância - 1985).

(82). UNICEF - op. cit.

(cinco milhões) de crianças africanas e, das que conseguiram so breviver, outras cinco milhões (5.000.000) ficaram incapacita - das pelas sequelas da fome; na Índia temos outro exemplo: a ca - da 3 crianças que nascem com peso insuficiente, a cada 7 crian - ças 1 morre antes dos cinco anos, e estima-se que três milhões (3.000.000) morrem anualmente. O mais grave é que os Órgãos In - ternacionais como UNICEF, FAO e tantos outros, de que já fala - mos, acham que isto "poderia ser evitado simplesmente com a rei - dratação oral, imunização adequada, programas de alimentação" - além de se orgulhar de algumas medidas e programas como:

- um Código Nacional, regulamentando a comer - cialização de sucedâneos do leite materno que deve ser transfor - mado em lei brevemente...

- foi lançado um Programa Nacional de Preven - ção das Deficiências, incluindo uma distribuição maciça de vita - mina "A" - para "impedir a cegueira nas crianças", quando não questiona as questões maiores e profundas que são as políticas - econômicos-sociais (83).

O exemplo mais gritante no Brasil é do UNICEF, aliado a CNBB. Cria como por milagre a - Cozinha Alternativa - onde mobilizam a comunidade para aprender e ensinar a comer cas - ca de ovo, na forma de farofa; casa de banana frita e tantas ou - tras alternativas, patrocinada a divulgação, como não poderia deixar de ser, pela TV Globo no seu programa - Fantástico.

Ora se esta cozinha fosse para todas as clas - ses sociais e em época das antigas guerras mundiais, mas não, nem uma coisa nem outra; é mais um paliativo, para manutenção - da miséria, submissão, opressão e futura mão de obra barata e explorada.

(83). UNICEF - op. cit. 1985.

A quem estão beneficiando? as multinacionais, uma vez que as pessoas organicamente são iguais, por que os direitos são diferentes? por que umas têm direito à alimentação e outras às cascas e à fome? por que umas têm direito ao leite materno e outras aos sucedâneos do leite materno? por que umas têm direito de ingerir vitamina "A" sob a forma de frutas e verduras e legumes e outras de receber sob a forma de remédio e sob a forma de "distribuição maciça", quando sabemos que:

- **vitaminas** - se compram na quitanda e feira na forma de vegetais e frutas, como recomendam os próprios cientistas, e estudiosos de nutrição;
- **e que a vitamina "A"** em forma de remédio por ser lipossolúvel é teratogênica, produzindo malformações, e os chamados "defeitos de nascimento".

Hoje a ênfase do UNICEF está no acompanhamento do crescimento, na reidratação oral, aleitamento materno e imunização, e com isto "encerra a promessa de uma infância saudável e de vidas adultas mais produtivas" e aqui lanço a pergunta para ser refletida:

- Libertar por estas vias um povo da diarreia, da desnutrição e das sequelas das doenças de infância, verdadeiramente, é um passo definitivo para emancipação política, econômica e social de uma Nação?

Fica agora um esclarecimento de que a diarreia, desnutrição são conseqüências da indústria da fome - e que só aparecem nas classes de baixa renda, uma questão político-econômica que, dependendo do sistema adotado num país, esta diferen-

ça pode não ser gritante, como pode, dependendo do sistema, ser criminosa como é o nosso caso, de um país que a cada dia mais capitaliza a miséria.

Por sua vez, a Igreja absorve estas dificuldades e essa pecha de que a mortalidade infantil é causada pela diarreia, desnutrição, sufocando assim a verdadeira causa - a indústria da fome.

A Santa Fé anuncia "toda a estrutura católica de assistência, nos diversos países do mundo e, especialmente, nas Nações em desenvolvimento, oferece o máximo apoio a estas simples e importantes propostas para melhorar a saúde de centenas de milhões de crianças". Por outro lado é esta mesma Santa Fé que faz calar tantas vozes no mundo da miséria, e tantas outras, como a do Frei Boff e outros.

O próprio UNICEF publicou um estudo sobre recessão, analisando-a, sob o ponto de vista das crianças das comunidades mais carentes do mundo, onde mostra que quanto mais carente é a família, mais alta é a porcentagem de sua renda gasta em bens de primeira necessidade - alimentação, água, combustível e cuidados com a saúde. Conclui que qualquer decréscimo naquela renda representa a queda da capacidade de manter a própria sobrevivência sendo as crianças com menos de 5 anos que correm o maior risco e sofrem os maiores danos.

Paralelamente a esta constatação e as contradições, referenda uma outra de que, na recessão em países desenvolvidos, o peso maior recai naqueles menos capazes de suportá-la, e os gastos governamentais com serviços de educação e saúde sofrem drásticos cortes.

É possível obter melhor visão da saúde na relação entre países ricos e subdesenvolvidos através dos dados aqui expostos:

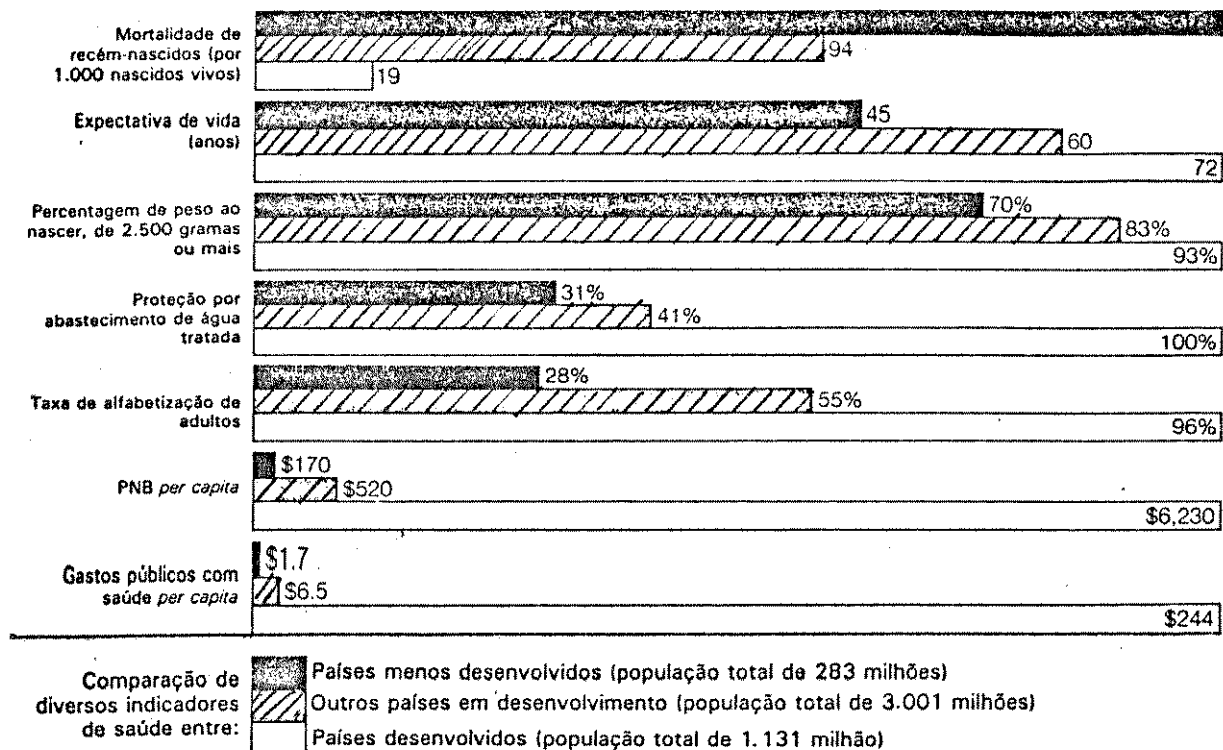
- em cada 10 pessoas, 1 sofre de incapacidade física ou mental;
- em cada 3 pessoas, 4 vivem em países subdesenvolvidos;
- 1/3 têm menos de 15 anos e como consequência desta realidade, o crescimento na maioria é inadequado e gera a forma de incapacitação mais encontrada no mundo atual (84).

No quadro abaixo, podemos ver claramente, que na interminável guerra contra a miséria, pobreza e o subdesenvolvimento, estará sempre na linha-de-frente a luta pela justiça social e pelo real crescimento econômico, onde as questões básicas para esta vitória são as estratégias utilizadas para o respeito aos direitos da mulher, a reforma agrária, o desarmamento nuclear e bélico, a distribuição da renda e geração de empregos, além de políticas mais justas de cooperação e comércio, em decorrência de uma ordem econômica internacional mais equitativa.

Este quadro não só nos motra como nos encontramos, mas também o que fazer para sair desta situação que são os quatro últimos itens; uma vez modificados e equiparados aos dos países desenvolvidos, reverterá, obrigatoriamente, os três primeiros.

(84). UNICEF - op. cit. - 1985.

Saúde e riqueza



Nota: Os números representam médias ponderadas baseadas em dados de 1980 ou do último ano disponível.

Fonte: Global Strategy for Health for All by the year 2000, World Health Organization, Genebra, 1981.

Essa situação é mais alarmante em alguns países e regiões, como no Brasil, a população no Nordeste e Norte, onde existe o nanismo, apesar de ser a forma menos perceptível, enquanto está ocorrendo, das sequelas da indústria da fome.

Isto advém do nascimento, pois dos 21 milhões de bebês nascidos com baixo peso anualmente, mais de 19 milhões se encontram nos países subdesenvolvidos, uma vez que em cada 10 mulheres grávidas, 2 são anêmicas e desnutridas.

Sabemos que estes 21 milhões de crianças são 4 a 6 vezes mais vulneráveis em termos de incapacidade física e mental do que aquelas nascidas com peso normal

Verifica-se também que portando incapacidade física e mental 90% destas crianças dos países subdesenvolvidos não têm acesso a pessoal treinado ou especializado e con-

tinuam vivendo com seu estigma, imposto pela política de seu país, passando de vítima a culpado, pois passam a ser um peso morto em relação aos direitos sociais.

Isso ocorre apensar do Banco Mundial ter concluído que o "tipo correto de investimento é o social, pois em áreas como educação primária e cuidados com a saúde, pode produzir um retorno econômico médio de mais de 25% ao ano, o que é superior ao esperado pela maioria dos investimentos em bens físicos" (85).

Diante desta declaração não tem sentido permitir que as crianças de hoje, o futuro de amanhã, cresçam com uma capacidade física e mental reduzida, conseqüentemente, incapacitados de contribuir e participar do desenvolvimento do país.

A situação do menor no Brasil, segundo o Padre Lancelotti, é a lógica do sistema capitalista que o país possui (86).

Se o UNICEF foi criado para resolver os problemas das crianças européias, vítimas da 2ª Guerra Mundial e ao longo dos anos, 1946 a 1949 ele cumpre com seu papel, ao ponto de ser mantido e prorrogado o seu mandato para solucionar o problema das crianças dos países subdesenvolvidos que embora não tenham sido vitimadas diretamente pela 2ª Guerra Mundial, possuem as mesmas características das crianças européias quanto à - fome - e às doenças. Porque até hoje se limitam a comemorar a sua existência? Não repetiu a mesma façanha com os vietnamitas que também saíram de uma guerra?

(85). UNICEF - op. cit. - 1985.

(86). Pronunciamento do Padre José Lancelotti no programa da Record - São Paulo à tarde - do dia 12/10/1987.

Por que só na Europa ele foi eficiente? como confirma no seu relatório (87).

Outro assunto que não poderíamos deixar de abordar é a "Rede de Segurança", como funciona nos países desenvolvidos e questionar porque não se obtém os mesmos resultados nos países como o Brasil?

(87). UNICEF - Os primeiros 40 anos - 1946 à 1986.

A Rede de Segurança

Fala-se também de uma "rede de segurança" (precisa ficar explícito - de quem e para quem) instituída e instalada desde 1930 nos países industrializados, tecida como diferentes fios como:

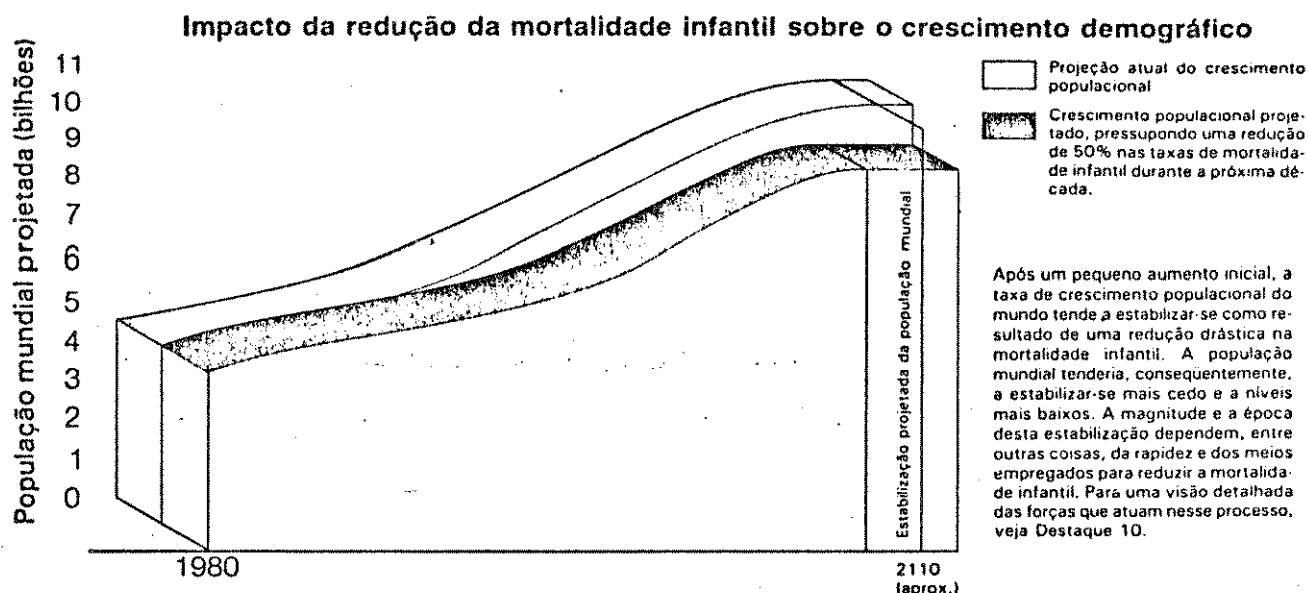
- salário mínimo,
- salário ajuda ao trabalhador desempregado ou enfermo,
- salário família,
- alimentação mínima necessária para todos,
- cuidados primários de saúde,
- serviços sanitários seguros e efetivos,
- estímulo ao aleitamento materno,
- maior nível de escolaridade,
- aumento do intervalo das gestações,
- água potável,
- comércio de Cooperação Mútua Internacional,
- imunização (88).

Os custos no investimento desta "rede de segurança", tanto políticos como financeiros, são significativos em relação aos benefícios que deles provêm.

Vale observar não ser este um plano faraônico, de longo prazo, sujeito a milhares de premissas, dúvidas, como todos os outros até então implementados, mas um plano frente ao qual as Nações, como todo realismo, podem realizar, dentro de poucos anos, com poucas e específicas tarefas.

(88). UNICEF - op. cit. - 1985.

Temos conhecimento de que técnicas de baixo custo podem salvar cerca de 7 milhões (7.000.000) de crianças por ano, o que conduzindo a uma provável queda do crescimento populacional, como podemos ver no quadro abaixo.



A explicação dada pelo UNICEF para o fato de diminuindo a mortalidade infantil não crescerá a população são as seguintes:

- "a morte de um recém-nascido representa o fim do aleitamento materno e o fim da proteção anticoncepcional que ele proporciona.
- quanto maior é a probabilidade de uma criança sobreviver, menor é a preocupação dos pais de gerar outras crianças, pela própria condição financeira que uma criança representa, proporcionando assim,
- um espaçamento entre os nascimentos para evitar a morte, uma vez que se sabe que as

- taxas de mortalidade de bebês e crianças são 1 1/2 a 2 vezes mais altas, quando o intervalo médio entre nascimentos é de 2 anos, do que quando o intervalo médio é de 2 a 4 anos.
- o aumento da escolaridade da mulher, que está intimamente relacionado à queda dos índices de natalidade.
 - a aceitação do planejamento familiar, como sendo a capacidade de poder tomar decisões importantes para melhorar suas próprias vidas" (89).

Esta revolução para sobrevivência infantil provocou uma queda do ritmo de crescimento populacional de alguns países como: China, Sri Lanka, República da Coreia, Cuba, Costa Rica, Cingapura e Kerala segundo relatório do UNICEF de 1985.

Uma coisa muito importante é que nos ténues fios, um deles é o aleitamento materno, uma vez que há 2 gerações atrás, portanto em torno de 1911, aproximadamente, 2/3 dos bebês americanos eram alimentados ao seio até um ano de idade, já em 1973 - 1/4 dos recém nascidos eram amamentados ao seio e só 10% continuavam após 3 meses de idade (90).

Este fenómeno não ocorreu só nos Estados Unidos, atingiu também a Europa com os seguintes dados:

Suécia - a proporção de bebês com 2 meses amamentados caiu de 85% em 1944 para 35% em 1970.

Holanda - a taxa de 1975 de crianças amamentadas até 3 meses caiu para 11% (91).

(89). UNICEF - op. cit. - 1985.

(90). UNICEF - op. cit.

(91). UNICEF - op. cit.

Fica evidenciado que o responsável por este fenômeno, foi a "revolução industrial" e a modernização e a exploração do trabalhador que levou a mulher a trabalhar fora de casa, para ajudar na manutenção da casa, assim como na sua emancipação.

A indústria passa a ser campeã, pois ganha, além do aumento da sua força de trabalho:

- na produção do leite e derivados,
- na produção de mamadeiras,
- na produção de brinquedos (com os quais se compra e paga a ausência dos pais).

Com esses eventos surge para a criança já no hospital na hora que nasce, a separação da mãe, que então passa a ser alimentada, segundo um horário pré-estabelecido em nome da ciência e não mais de acordo com a demanda da criança. Esta antes era atendida em suas necessidades e instintos normais e naturais, resta-lhe agora só a micção e evacuação, pois a alimentação é pré-determinada pelo pediatra.

Por sua vez, ao mesmo tempo, a falsa moral tornou o seio um símbolo exclusivamente erótico, e dar de mamar em público tornou-se um ato embaraçoso para umas e até indecente para outras.

É reconhecendo o mal da "era industrial" que os países mais adiantados estão retornando às práticas de origem, entre elas a de amamentar. Agora, 95% dos bebês são amamentados na Finlândia, Suécia e Noruega, sendo notável a diferença no aumento da produção deste hábito nos Estados Unidos e na Alemanha, onde atinge os índices de 70% em ambos os países.

Estas mudanças se deram pelo alto índice de escolaridade e senso crítico que levaram as mães daqueles paíí

ses a questionar a qualidade do leite industrializado, e posteriormente, à convicção da superioridade do leite materno (92).

(...) surgiram organizações para apoiar mães que queriam amamentar seus filhos, o que partiu das mães mais aquinhoadas financeiramente e intelectualmente para as menos favorecidas, chegando em alguns daqueles países suas reivindicações a favor do aleitamento até a nível ministerial.

Isso comprova que num país civilizado e desenvolvido as coisas funcionam diferente, uma vez que chegaram à conclusão de que amamentar ao seio é um direito de toda mulher e de toda criança independentemente de raça, cor, religião e condição financeira.

Amamentar e ser amamentado além do mais, é um direito de todo mamífero.

Devemos divulgar, e a melhor forma é a "boca-a-boca" e pelos meios de comunicação que amamentar é um direito e um dever do ser humano, e não um privilégio de classes sociais, porque além de ser o alimento ideal para cada espécie é:

- mais higiênico, do que usar água não tratada para preparar o leite em pó (industrializado),
- oferecer proteção nos primeiros seis meses de vida contra as infecções e a desnutrição.

Além de saber - científica e estatisticamente que, nos países subdesenvolvidos, um bebê alimentado com mamadeira tem 2 a 3 vezes mais probabilidade de morrer na infância do que o bebê amamentado ao seio.

(92). UNICEF - op. cit.

É a partir daí que surge em alguns países as concessões, segundo o UNICEF:

- 1 hora de intervalo, no horário normal da trabalhadora para amamentar, até que o bebê tenha 1 ano de idade,

- 90 dias de licença gestante remunerada e facilidade no local de trabalho, para que as mães possam amamentar seus filhos, com a construção de creches.

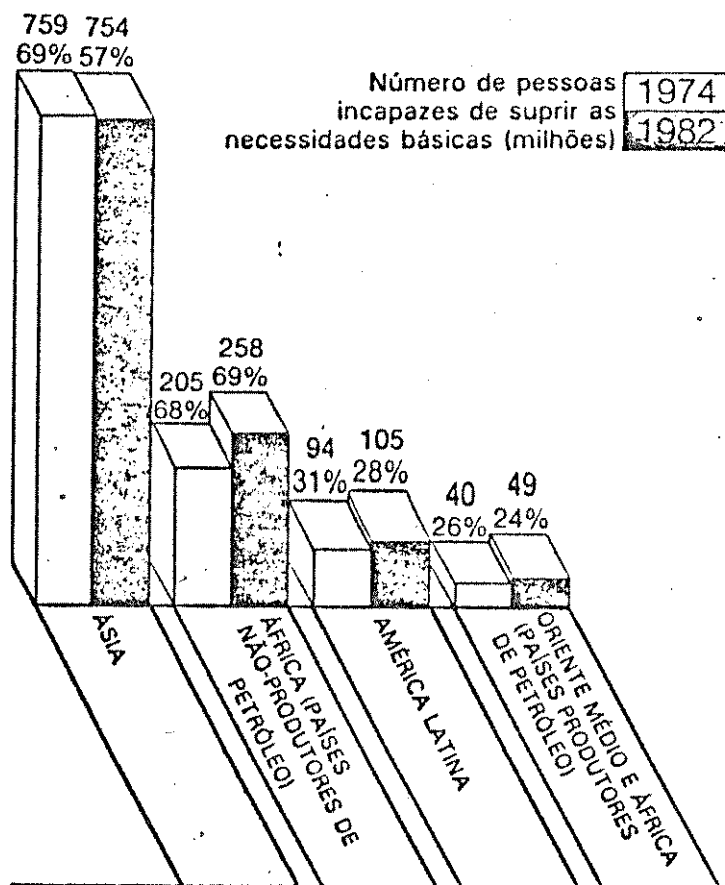
Outro dado importante que é mencionado aqui é o de que na Índia, as mães pobres provaram que são capazes de acompanhar a "curva de crescimento" de seus filhos com o uso de gráficos de crescimento da criança ao qual deram o nome de "caminho da saúde", além de utilizarem melhor os alimentos disponíveis e aumentar a frequência das refeições.

De outro lado lhes foi ensinado a reconhecer os sinais mais sutis da desnutrição - apatia, falta de energia, irritabilidade e ou choro freqüente, sinais estes tratados no início do novo trabalho.

A educação nutricional, como podemos ver, torna-se parte integrante do combate à fome, e em especial da criança que está sujeita às 6 mais comuns e perigosas doenças da infância: - sarampo, coqueluche, difteria, poliomielite e tuberculose. Mas a questão está além da contribuição da educação para solucionar o problema da fome.

Até 1984, menos de 20% das crianças do mundo em desenvolvimento estavam vacinadas contra todas ou quase todas estas doenças, como indica o quadro abaixo, onde o relatório do UNICEF mostra o grande número de pessoas do 3º mundo incapazes de satisfazer suas necessidades básicas: crianças, idosos, desempregados, subempregados, carentes de recursos e famintos de toda espécie.

Número e porcentagem de incapazes de satisfazer necessidades básicas — 1974/82



Nota: Os números mostram a porcentagem do total da população em cada região.

Fonte: Banco Mundial.

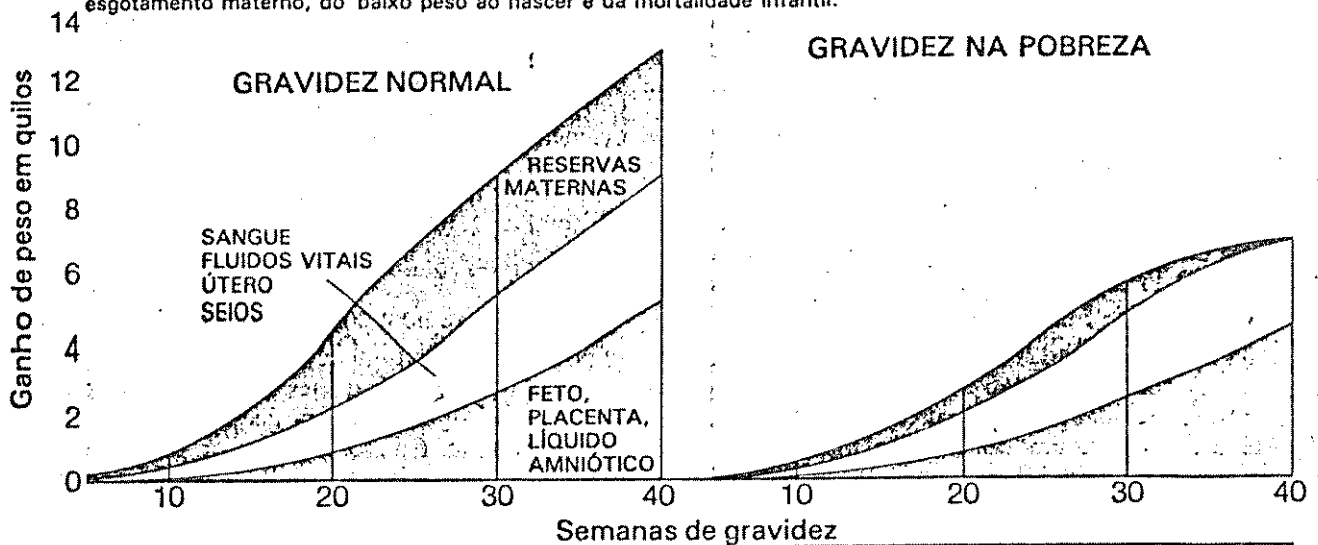
Este quadro faz parte de um artigo que se intitula: "Proteção para a pobreza", do próprio UNICEF.

Tais dados demonstram que 5.000.000 (cinco milhões) de crianças a cada ano estão morrendo, deixando outras tantas física e mentalmente incapacitadas.

Para demonstrar que a vida e a saúde estão diretamente ligadas com a riqueza é que apresentaremos o quadro abaixo o qual dispensa todo e qualquer comentário, quanto à questão da - IMPUNIDADE - daqueles que administram estas questões, e das sequelas que a vítima, família, sociedade e Nação acarretam para si, sendo as duas primeiras personagens vítimas das duas últimas, nesta tragédia coletiva.

Efeito da pobreza sobre ganho de peso na gestação

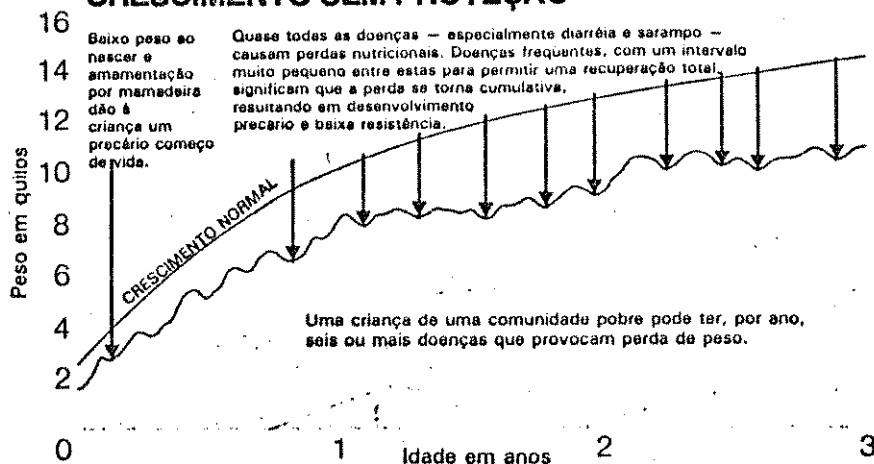
A falta de um aumento adequado do peso durante a gravidez aumenta o risco de esgotamento materno, do baixo peso ao nascer e da mortalidade infantil.



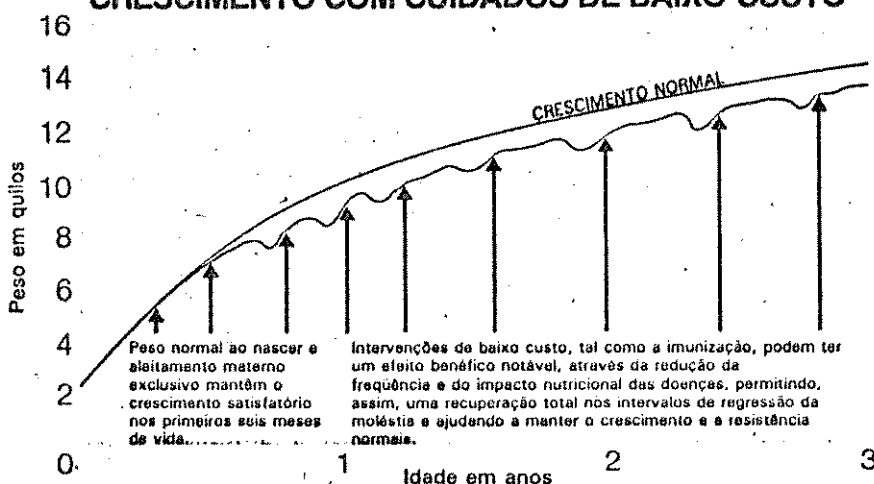
Fonte: *Breast-Feeding, Fertility and Contraception*, edited for the International Planned Parenthood Federation by Ronald L. Kleinmann and Pramilla Senanayake, IPPF, 1984.

A educação tem aqui um papel fundamental. Mostramos um outro quadro onde é comprovado, segundo o próprio UNICEF que é possível proteger o crescimento das crianças, através dos indicadores de saúde daquela faixa etária, com medidas de baixo custo, como imunização e o ensino da higiene das mãos, uma vez que já se tem dados que custam apenas 5 dólares para que se tenha a criança vacinada contra as 6 doenças da infância e a educação pode contar com o trabalho da própria população.

CRESCIMENTO SEM PROTEÇÃO

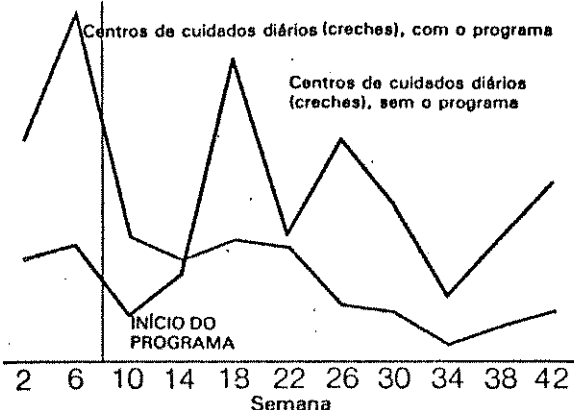


CRESCIMENTO COM CUIDADOS DE BAIXO CUSTO



Impacto da limpeza das mãos na transmissão de infecções diarreicas

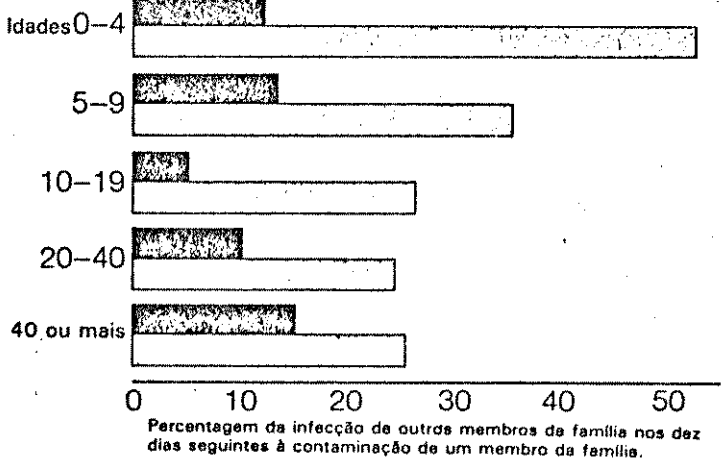
Impacto do programa de lavagem das mãos sobre a incidência da doença diarreica, em centros de cuidados diários (creches) dos Estados Unidos.



Nota: Crianças-semanas representa o número de crianças presentes no centro, pelo menos, por dois dos cinco dias da semana.

Fonte: Handwashing to Prevent Diarrhea in Day-care Centers. Robert E. Black et. al. American Journal of Epidemiology, Vol. 113, No. 4, 1981.

Impacto do programa de lavagem das mãos na transmissão interfamiliar da infecção diarreica em Bangladesh



100 famílias no programa de lavagem das mãos

100 famílias fora do programa de lavagem das mãos

Nota: Diarreias atribuídas a outras causas que não a shigella também foram reduzidas em 37% com uso de água e sabão.

Fonte: Adapted from Moslem Uddin Khan, "Interruption of Shigellosis by Handwashing", International Centre for Diarrhoeal Disease Research, Transaction of the Royal Society of Tropical Medicine and Hygiene, vol. 76, No. 2, 1982.

Necessário se faz seguir o exemplo de Nyerere, Presidente da Tanzânia, que da sua campanha de 1971, prometeu e no seu mandato realizou a sua crença de que - o desenvolvimento dos "recursos humanos" é o fim e o meio do próprio desenvolvimento - com isto, através da campanha da alfabetização, - onde 70% da população era analfabeta, em 10 anos ele estava com a população alfabetizada (adultos) e em processo de alfabetização (crianças e jovens) quadriplicando o número de matrículas, pois acreditava ele que a alfabetização é o começo e não o fim da educação; com ela e a partir dela virão todos os outros benefícios para a saúde e desenvolvimento do país (93). Em 1981 o analfabetismo chegava a 20%, o que significa uma redução de 10% ao ano.

Para que todo e qualquer programa tenha sucesso, 3 fatores são fundamentais:

- que o serviço a ser prestado esteja em local conveniente e adequado, perto da residência de quem vai receber ou dele precisar;
- divulgação permanente, contínua por todos os meios de comunicação e pelos serviços oferecidos;
- que dependendo do serviço, esteja disponível 24 horas por dia, porque não é possível a pessoa adoecer das 8 às 12 e das 14 às 18 horas, ainda mais nos dias úteis, uma vez que na sua maioria domingos e feriados fecham.

Para que um corpo e mente se mantenham saudáveis vai depender, em grande parte, dos primeiros anos de vida.

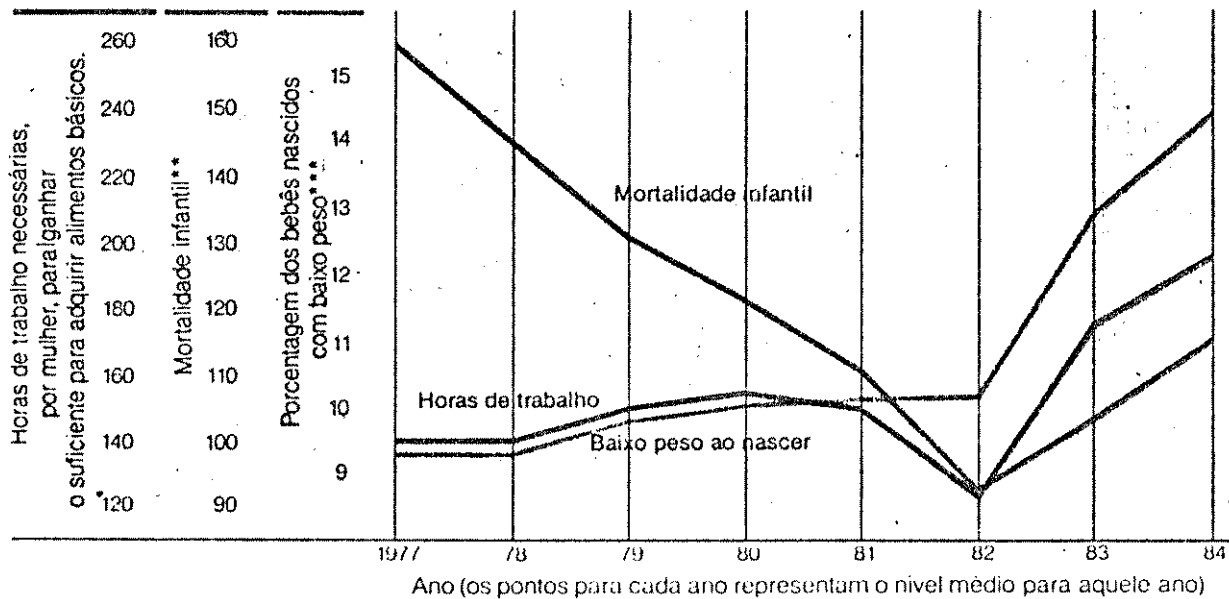
(93). UNICEF - op. cit.

Urge pensar na saúde daqueles que vão gerar, para que gerem pessoas saudias e não com comprometimentos sérios de saúde.

A criança deve ser protegida contra os piores efeitos da pobreza, aqui sempre entendido como miséria e fome. Isso depende de 4 situações básicas:

- 1) POBREZA - em decorrência do desemprego, da exploração do trabalho e do subemprego, a criança e a família são vulneráveis a tudo e a todos.

— Recessão, baixo peso ao nascer e mortalidade infantil no Nordeste brasileiro — 1977-1984*



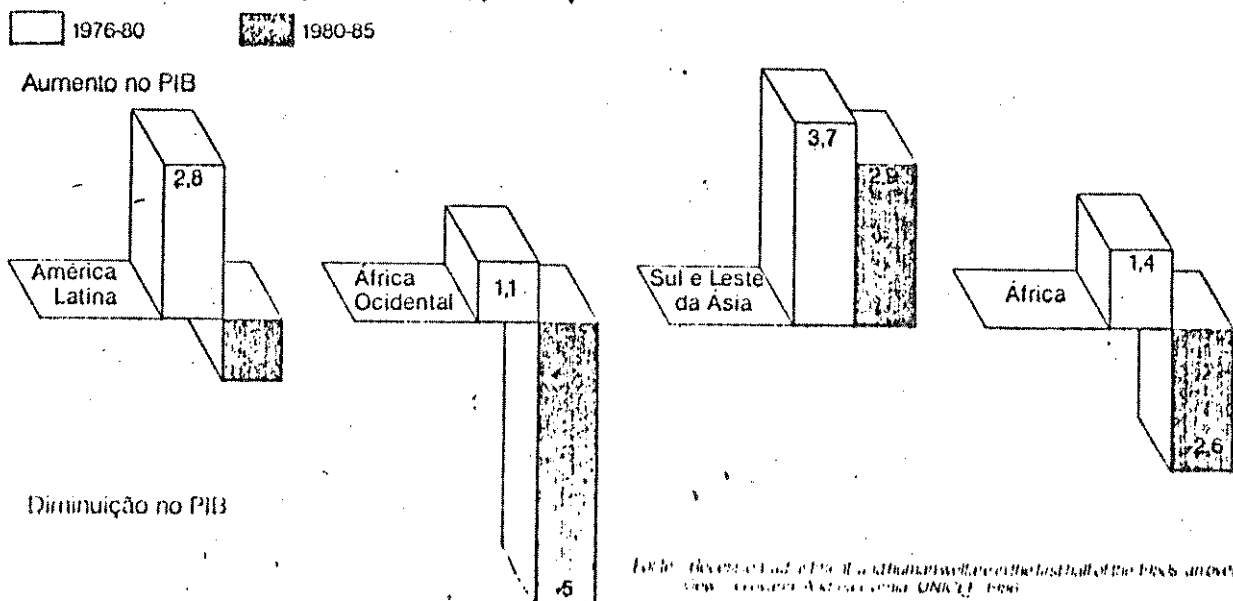
Notas * População coberta = 38 milhões em 1984.

** Mortalidade infantil = mortes de menores de um ano, por 1.000 nascidos vivos

*** Baixo peso ao nascer = abaixo de 2.500 gramas.

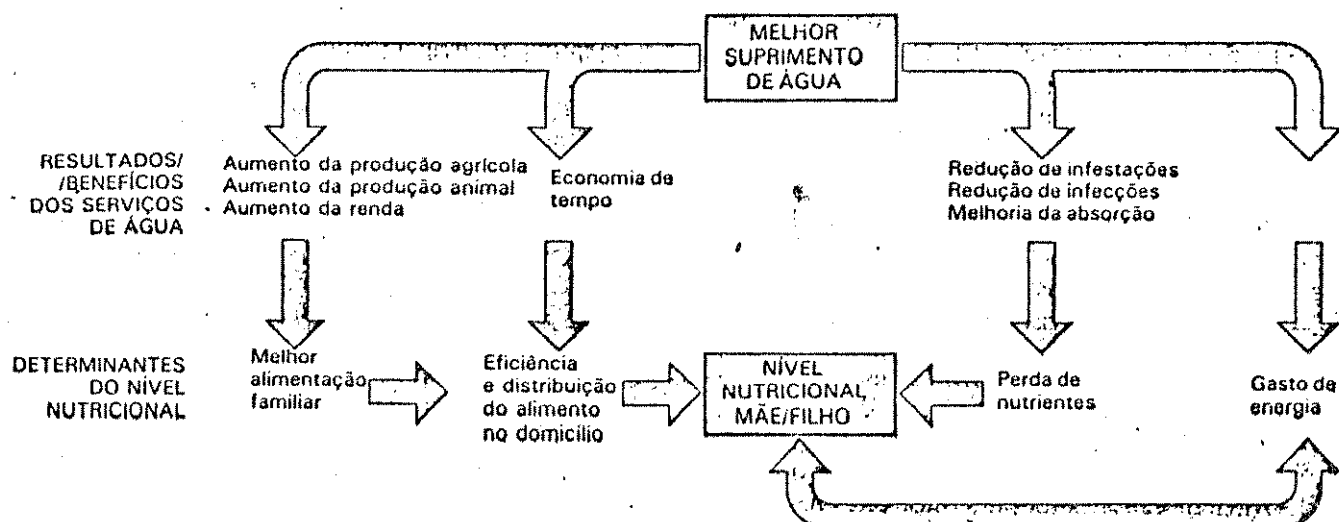
Fonte: R. A. Becker, A. Lechini, "Brasil: Evolução da mortalidade infantil no período 1977-84", Ministério da Saúde, Centro de Documentação Brasília, DF, Brasil

— Modificações no PIB, per capita — 1976-1980 e 1980-1985



2) HIGIENE - pois a falta de higiene do ambiente familiar, local, circunvizinho, região, levam às infecções e infestações parasitárias, como podemos ver no gráfico abaixo.

Impacto do fornecimento de água tratada sobre a saúde e a nutrição



Fonte: L. Chen. Evaluation the Health Benefits of Improved Water Supply through Assessment of Nutritional Status in Developing Countries, unpublished paper, Harvard School of Public Health, Boston, 1980.

3) EDUCAÇÃO - sem capacidade de ler e escrever, uma pessoa não cria nem recria uma consciência crítica e o que é mais grave, desconhece seus deveres e direitos, vegetando para sobreviver.

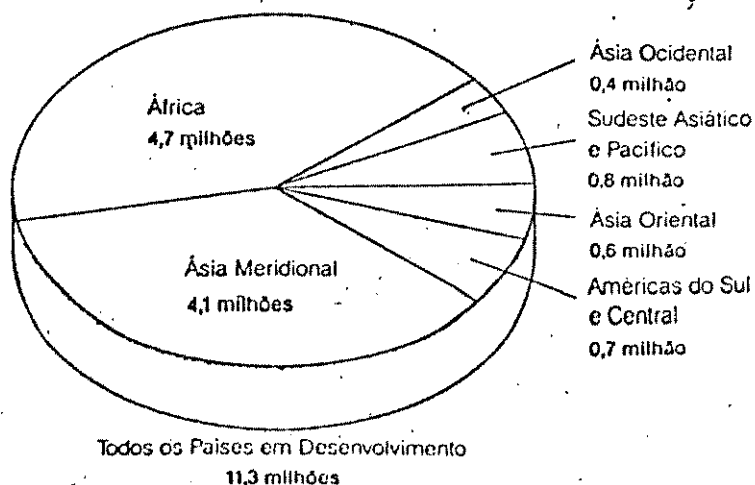
4) OFERTA DE ALIMENTOS E DE ASSISTÊNCIA À SAÚDE - (iguais para todos, independente de classe social, raça ou religião) que ele tenha direito a todos os alimentos e serviços de saúde em quantidade e qualidade. Ao invés de serem escassos ou inexistentes, na grande maioria dos lares dos países subdesenvolvidos, onde eles atendem de maneira sofisticada a uma parcela mínima da população. Para isto se faz necessária uma política social (que é uma questão política) séria e efetiva para modificar a realidade do quadro abaixo:

— Crianças salvas até o ano 2000, se forem alcançadas as metas de sobrevivência infantil

Ao promover o conhecimento atual das técnicas de baixo custo para a proteção da saúde infantil, o UNICEF acredita que é possível atingir, até o final do século, as seguintes metas na sobrevivência infantil:

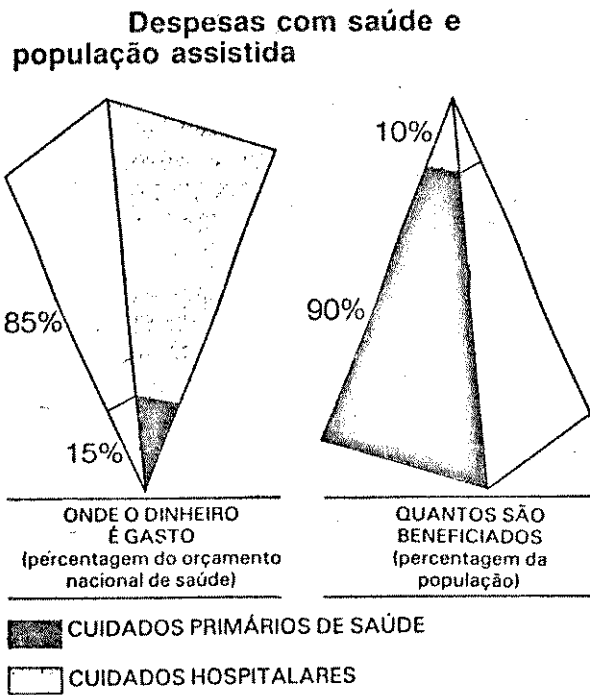
- Redução da TMM5* para 70% ou menos, em todos os países
- Redução de 50% em todos os países onde a TMM5 é normalmente entre 70 e 140.
- Redução da TMM5 a 35 ou menos, em todos os países onde esta taxa é, normalmente, igual ou inferior a 70.

A figura mostra o número de vidas que poderão ser salvas, anualmente, se essas metas de sobrevivência infantil forem alcançadas



Nota *A TMM5 representa o número de mortes de menores de cinco anos, por 1.000 nascidos vivos.

Os governos, mais do que ninguém, sabem da força que os meios de comunicação têm, empregando-os, quando têm interesse, haja visto na Campanha de Vacinação ou no uso das políticas econômicas, como foi feito recentemente às vésperas das eleições de 15 de Novembro, em relação ao plano cruzado.



Fonte: Adaptação de "A Primary Health Care Strategy for Ghana", abril, 1978, Ministry of Health, Accra, Ghana.

VI
ANEXOS

ANEXO I

A B C

DA FOME

Ilmãs Autoridades

Caríssimos Congressistas e colegas de Luta

Meu Cordial Bom-Dia!

Nós trabalhadores Rurais de diversas regiões da Bahia e do Brasil, estamos aqui neste Congresso onde fomos convidadas para participarmos destes eventos. Sentimos honrados e agradecidas pelo convite e queremos expor também nossas idéias.

Idéias estas que nós ainda não tivemos oportunidade de falarmos sobre nossas regiões.

Falam em fome, mas não conhecem a fome.

FOME, é poder político, é autonomia política, é falta de apoio ao pequeno e médio produtor rural.

FOME é a expulsão do homem do campo pelos órgãos do governo nas construções de barragens, etc. é a expulsão do homem do campo pelos fazendeiros e latifundiários onde estes heróis do campo saem dos seus devidos lugares sem a mínima condição para irem morar juntos às feras selvagens ou nas periferias das cidades. FOME, é a violência dos grileiros que buscam soluções com derramamento de sangue dos nossos irmãos em Cristo nas desapropriações das terras.

FOME, é a cobrança exorbitante dos juros dos bancos nos seus custeios agrícolas.

FOME, é o analfabetismo, ou melhor dizendo, pela falta de um ensino digno aos nossos filhos.

FOME, é a falta de terra, moradia digna, água e condições para

nós homens e mulheres rurais trabalharem. Porque dando estas condições evitaria sem sombra de dúvidas, que nossos filhos, netos, sobrinhos, viessem para as grandes cidades estudar, trabalhar e só encontram desilusões e onde a maioria se ingressa no caminho da miséria, do vício e da marginalidade.

Estes problemas se dá: Leite, merenda, INAN não solucionam os nossos problemas

Serve apenas para os Líderes políticos e sindicais criarem nome, fazerem política às custas destes órgãos.

FOME, é olhar e fiscalizar o projeto São Vicente e diminuir a burocracia que existe com o mesmo. E mandar este projeto para as mãos dos pequenos e médios produtores com mais rapidez.

FOME, é o total desrespeito ao homem do campo, onde os seus senhores doutores só lembram de nós às vésperas das eleições.

FOME, é o salário miserável onde nossos velhos que já deram tudo de si e hoje vivem no abandono.

FOME, é a falta de apoio às crianças deficientes onde ninguém lembra-se delas.

FOME, é a falta de assistência médica no campo principalmente para as gestantes.

FOME, é o desrespeito dos funcionários do INAN nas pequenas cidades, onde as mães pobres são humilhadas, nesta área falta material humano.

FOME, é o pequeno produtor derramar todas as suas energias comprando sementes caras e após a colheita vender por tostão seus produtos.

FOME, é a falta de armazéns ou depósitos para guardar nossos produtos quando DEUS manda um bom tempo.

FOME, é a falta de respeito das Prefeituras que pagam um salário miserável e variado de 300 a 750 cruzados aos professores leigos ou titulares.

FOME, é o salário que temos.

FOME, é o descongelamento, com preços triplicados das mercadorias.

FOME, é o desemprego e falta de apoio, nas áreas atingidas pela seca onde nós somos obrigados a abandonar nossa terra natal e sair em busca de alimentos.

FOME, é a dívida externa que até os fetos antes de nascerem começam a lutar para sobreviver. Sendo que nem eles nem as mães não viram sequer um tostão.

FOME, é fazer pagar a dívida externa quem dela se aproveitou.

FOME, é a não participação do povo nas decisões políticas do governo.

FOME, é o povo continuar sendo enganado por um governo que se diz democrático

FOME, é o abandono das crianças menores.

FOME, é a violência das polícias contra os indefesos.

Somando todos os itens da FOME, encontram-se um total de 90% do homem do campo na miséria, fome e na necessidade que transforma tudo isso em doença. Mas não é doença, é FOME.

LÍDER DAS MULHERES RURAIS DA BAHIA

PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA SANTA ROSENSE-IPECAETÁ

A N E X O II

ACADEMIA DE CIÊNCIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

Artigo Edifício da Reitoria - 4.º andar - Salas 411/431 - Caixa Postal 22-297 - 01498 - São Paulo, SP - Tel. 211-5104

ACIESP-289.07/87

São Paulo, 06 de Julho de 1987.

Senhor Professor

Como é de seu conhecimento, devido ao fato de:

- (i) -cerca de oito milhões de crianças em idade escolar não terem escolas em que se possam matricular;
- (ii) -cerca de 50% daquelas que se matriculam na 1ª série do 1º grau se evadem, anualmente;

temos mais de vinte milhões de jovens entre 7 e 14 anos de idade fora das escolas. Desses, mais de três milhões são aqueles que, tendo intelectualidade acima da média, poderiam contribuir, de maneira decisiva, para o desenvolvimento do País, através da política, da administração, da indústria, da medicina, da agricultura, etc., e principalmente participando de pesquisas científicas e tecnológicas.

Além do tremendo déficit, que o não cumprimento do preceito constitucional, referente ao ensino obrigatório, tem causado na produção de recursos humanos qualificados, tão essenciais ao País, a acentuada queda da qualidade do ensino de 1º e 2º graus no Brasil inteiro, nos últimos dez anos, tem dificultado ainda mais, a solução dos graves problemas que assolam nosso País.

A Academia de Ciências do Estado de São Paulo, preocupada com este panorama educacional nacional, além de ter desenvolvido nos últimos dez anos, programas como Olimpíada de Matemática, conferências sobre temas de Ciência e Tecnologia para estudantes do 2º grau, cursos de recuperação de professores de 1º e 2º graus com formação deficiente, etc., está tentando encontrar um caminho que leve o País a implantar, quanto antes,

EDUCAÇÃO PARA TODOS, e EDUCAÇÃO DE BOM NÍVEL,

com a convicção de que, somente assim, embora a longo prazo, o Brasil possa sair definitivamente dessa situação sufocante que tem vivido nos últimos vinte e cinco anos. Além disso, o agravamento da crise, se nenhuma medida de profundo alcance for tomada, como a que está sendo aqui proposta, será incrementado com o rápido crescimento da população, que se dá a uma taxa de 2,3% a.a.

Como início desta iniciativa, a ACIESP realizou, com o apoio do Departamento de Ciência e Tecnologia da Secretaria do Estado de Ciência e Tecnologia, um mini-simpósio sobre "Educação Básica para o Desenvolvimento da Ciência e Tecnologia no País e no Estado" (na prática, os debates giraram em torno da Educação Básica para o Desenvolvimento do País), no dia 30 de abril, p.passado.

A principal conclusão foi a de continuar a campanha pela EDUCAÇÃO PARA TODOS, DE BOM NÍVEL.

Pelo presente, vimos solicitar sua colaboração, não só dando seu apoio à campanha acima, mas, conseguindo adesão de maior número possível de seus colegas e outros cidadãos, convictos de que, a solução final dos problemas do Brasil está na EDUCAÇÃO BÁSICA DE BOA QUALIDADE.

Após completar a(s) ficha(s) anexa(s), com assinatura(s) de apoio, por favor, remete-a(s), até 31/07/87, à

Academia de Ciências do Estado de São Paulo
Caixa Postal 22.297
01498 - São Paulo, SP.

Agradecendo-lhe desde já, pela sua valiosa colaboração, servimo-nos do presente para renovar os protestos de estima e consideração.

Aos Departamentos.
15.07/87

Prof. Dr. José Antunes Rodrigues
Vice-Diretor

Atenciosamente
Shiguelo Watanabe
Prof. Shiguelo Watanabe
Diretor Executivo

CAMPANHA PELAEDUCAÇÃO-JÁ

-
- Considerando que os países avançados são avançados porque colocam o ensino, desde o primário até o universitário, como programa prioritário do país, mantendo seu bom nível;
 - Considerando que a qualidade de vida de uma população é fortemente dependente da escolaridade de seus integrantes;
 - (a) somos pela implantação do ensino obrigatório gratuito do 1º grau, como preceitua a Constituição brasileira, a partir de 1988, começando com a matrícula compulsória na 1ª série do 1º grau de crianças que completarem seis anos de idade até fim de janeiro de 1988, estendendo a obrigatoriedade para 1ª e 2ª séries, em 1989, e assim por diante;
 - (b) somos pela ampliação urgente de cursos que completem a formação mínima necessária para exercício de magistério dos professores leigos e, de cursos de recuperação dos professores licenciados com péssima formação;
 - (c) somos por uma rigorosa fiscalização dos cursos de licenciatura, principalmente daqueles que são conhecidos como "cursos de fins de semanas", a fim de eliminar a fonte de lançamento, no mercado, de professores de duvidosa formação.

ANEXO III

TRECHOS DE CARTA DE 11.02.1987

"... falando um pouco de política, lá em ... em ví um fato que vai ficar na História de minha vida, pois resume tudo que nós vínhamos conversando:

Um dos caminhos para a Usina tem uma ponte que é uma obra de arte, uma obra da engenharia.

Uma ponte antiga, muito antiga, feita em chapas de aço por onde passava o trem.

Hoje passa o carro... (o transporte ferroviário neste País é coisa do passado...)

Mas o que chama a atenção nesta ponte é que ela é toda "rebitada" pois na época não tinha solda, onde não tem "rebite" tem parafuso. É uma ponte inglesa que está em ótimo estado de conservação, só que a bela obra tem um contraste: é uma placa de bronze grande que tem o nome da ponte:

"Ponte Ministro Ibrahim Abi-Ackel"

23.03.1986.

Às vezes eu me preocupo com a história do Brasil...

R.A.F.

ANEXO IV

TRECHOS DE CARTA DE 13.02.1987

"... respondendo sua primeira carta sobre o lado humano da obra.

Sabe Pai, eu não sei o que é isto, eu procuro ser amigo de todos, procuro transmitir um pouco de bondade e talvez até de amizade para com os empregados, eu procuro motivar eles; só que a coisa é preta, nós somos do 3º mundo e vivemos em condições acho que piores do que a do Tempo do Império.

Um servente ganha Cr\$-5,00 cruzados por hora ou seja Cr\$ -1.200,00 por mês, fora os descontos, para um trabalho que eles chamam de braçal e que para mim é um trabalho forçado ou escravo, eles são escravos; é isto mesmo, escravos modernos.

Um servente é um escravo que como escravo tem poucas perspectivas de melhora, tudo que já ouvi falar e li sobre os escravos se encaixa em um servente, a única diferença é que os escravos antigos à noite ficavam presos, e hoje por medida de economia e contenção de gastos visando um lucro maior "nós" e "eles" inventamos um tal de salário - que não dá para pagar a própria despesa dele se ficasse dormindo no cativado - e uma tal de liberdade que nunca entendi que liberdade é esta pois não dá direito a nada que um homem civilizado tem. Para tapear o povo e o resto do mundo civilizado.

Se eu viver 100 anos e este mundo mudar eu vou ter vergonha de fazer parte desta História pois a única evolução que fizemos desde a construção das Pirâmides do Egito é que hoje temos técnicas para construir mais barato e teorias que nos deixam fazer coisas até então impossíveis mas a mão de obra é a mesma..."

R.A.F.

ANEXO V

GESTANTE

Grupo A - 8 meses

- 6:00 h. - 3 bolachas
1 copo de leite puro
1 pão filão com manteiga
- 12:00 h. - 3 colheres de arroz
2 pires de salada de almeirão
- 15:00 h. - 1 pão filão com manteiga
- 18:00 h. - 1 prato de sopa de fubá

Grupo B - 8 meses e meio

- 7:30 h. - 1 copo de água
1 copo de leite gelado com Nescau
2 torradas com geléia de morango
- 10:00 h. - 1 maçã
1 xícara de café
- 12:00 h. - 2 pires de salada - alface e tomate
1 pires de repolho refogado
2 colheres de arroz
4 colheres de feijão
1 filé de carne bovina acebolado
1 copo de suco de laranja
- 16:00 h. - 1 coca-cola
1 esfiha
- 19:30 h. - 1 pires de salada - tomate e vagem
2 colheres de arroz
1 pedaço de frango ao molho com batatas
1 copo de suco de uva

Grupo C - 6 meses

- 7:00 h. - 1 copo de leite desnatado ou iogurte
2 torradas com requeijão cremoso
1 fatia de melão ou mamão
- 10:00 h. - 1 fruta - maçã
1 copo de suco - nectarina ou pêssego
- 13:00 h. - 3 colheres de arroz integral
1 filé com aspargos na manteiga
2 pires - salada de agrião
1 fatia de torta de morangos
- 16:00 h. - 1 danone com mel
- 20:00 h. - q.s. de salada de feijão branco
3 colheres de arroz integral
1 filé de peixe
1 pires de espinafre com molho branco
1 copo de suco de laranja

NOTA: q.s. (quant.suficiente)

NUTRIZ ou LACTENTEGrupo A - 47 anos

- 6:00 h. - 1 copo de leite
1 pão filão com manteiga
- 12:00 h. - q. s. de arroz
q. s. de feijão
q. s. de carne (boi ou frango) ou fígado
laranja
- 18:00 h. - igual ao almoço
- 20:00 h. - 1 copo de leite ou refrigerante
1 pão filão com manteiga

Grupo B - 28 anos

- 7:30 h. - 1 copo de suco de laranja
1 1/2 copo de leite com Nescau e Neston
q. s. bolacha, bolo
1 maçã
1 ovo de codorna cru
- 13:00 h. - 1 prato de sopa
q. s. arroz
q. s. feijão
q. s. salada de - pimentão, alface, cenoura e batata
1 danone
- 16:00 h. - 1 copo de vitamina (frutas, leite, aveia e mel).
- 19:30 h. - 1 copo de vitamina (frutas, leite, aveia e mel).

Grupo C - 34 anos

- 7:30 h. - 1 ovo quente
1 gemada
1 fatia de mamão
1 fatia de queijo
1 copo de leite
1 pão filão com manteiga
- 12:30 h. - q. s. arroz
q. s. feijão
q. s. frango ou bife
q. s. salada de legumes
1 fruta
- 16:00 h. - q. s. arroz doce ou canjica
- 20:30 h. - 1 prato de sopa (feijão branco c/legumes)
- 22:00 h. - 1 copo de leite desnatado
q. s. bolachas

CRIANÇAGrupo A - 3 anos

- 8:00 h. - 1 mamadeira
1 danone (porque vale por um bifinho)
- 11:00 h. - 4 colheres de arroz
1/2 concha de feijão
1 ovo frito (quando tem)
- 18:00 h. - 1 mamadeira
- 19:00 h. - igual as 11:00 horas.

Grupo B - 4 anos

- 9:30 h. - 1 ovo de codorna
1 copo de leite C
pão e bolacha (se tiver)
- 11:30 h. - 3 colheres de arroz
1/2 concha de feijão
1 ovo
carne e verdura (quando tem)
- 20:00 h. - igual as 11:30 horas, mais
2 conchas de sopa
- 22:00 h. - pão com mortadela
- NOTA: Entre as refeições: pipoca, bala, refrigerante quando tem.

GRUPO C - 3 anos

- 7:00 h. - 1 mamadeira
- 9:00 h. - 1 laranja
- 11:00 h. - 1 prato de sopa (carne, mandioquinha, cenoura, chuchu, beterraba, batata, tomate, cebola e arroz).
sobremesa - 1 danone
- 13:00 h. - 1 mamadeira
- 16:00 h. - 1 mamadeira
- 18:00 h. - 1 colher de arroz
2 conchas de feijão
1 bife picadinho
sobremesa - 1 danone
- 20:30 h. - 1 mamadeira com gemada
- 22:30 h. - 1 mamadeira

ESCOLARGRUPO A - 11 anos

- 7:00 h. - 1 xícara de café
- 11:00 h. - q. s. arroz
q. s. feijão
ovo ou linguiça (quando tem)
1 copo de água
- 18:00 h. - q. s. arroz
q. s. feijão
ovo ou linguiça (às vezes)
salada quando tem
1 copo de água

GRUPO B - 9 anos

- 9:00 h. - 1 copo de leite com Nescau
1/2 filão com manteiga
- 12:00 h. - 4 colheres de arroz
2 colheres de feijão
1 bife médio (às vezes)
1 pires de batata frita
1 copo de suco
- 15:00 h. - 1 copo de suco ou
1/2 filão com mortadela
- 19:00 h. - 4 colheres de arroz
2 colheres de feijão
1 ovo frito
q. s. alface
1 copo de suco

GRUPO C - 10 anos

- 8:00 h. - 1 copo de suco de laranja
1 filão com manteiga
frutas
- 10:00 h. - 1 salgado
1 guaraná
- 12:00 h. - q. s. de arroz
q. s. de feijão
q. s. de verduras
q. s. de carne ou frango
q. s. de massas (uma vez por semana)
sobremesa: doces, danone, suco de fruta
- 15:00 h. - 1 filão com presunto
1 fruta
1 taça de sorvete
- 20:00 h. - 1 sanduiche
1 copo de suco
- 22:00 h. - frutas.

ADOLESCENTE

GRUPO A - 17 anos

- 6:00 hs. - 1 filão com ovo
- 9:00 hs. - q.s. de arroz
q.s. de feijão
1 copo de suco (do limoeiro de casa)
q.s. de carne moída (quando tem)
- 13:00 hs. - 1 rosca
1 copo de suco
- 19:00 hs. - q.s. de arroz
q.s. de feijão
q.s. de carne moída ou peixe (quando tem)

GRUPO B - 19 anos

- 7:00 h. - 1 danone de frutas
- 12:00 h. - q.s. de arroz
q.s. de salada de alface
q.s. de mandioquinha
1 bife acebolado
1 refrigerante
- 16:00 h. - q.s. bolachas
1 danone
- 19:00 h. - q.s. de arroz
q.s. de salada
q.s. de peixe com molho
1 refrigerante
- 21:00 h. - 1 filão com presunto com queijo

GRUPO C - 17 anos

- 6:30 h. - 1 copo de leite ou suco
1 fruta
q.s. de bolachas
- 10:00 h. - 1 salgado
q.s. de doces
1 refrigerante
- 12:00 h. - 2 porções do prato principal (massa)
q.s. de carne (5 vezes por semana)
q.s. de peixe (2 vezes por semana)
1 litro de suco
- 16:00 h. - 1 copo de suco de cenoura
2 pílulas de guaraná
1 banana nanica com mel, aveia, germe de trigo.
- 19:00 h. - q.s. de frutas
q.s. de sucos
q.s. de salada de alface
1 copo de leite

NOTA: final de semana é sopa e tortas.

ADULTOGRUPO A - 34 anos

- 5:30 h. - pinga (uma dose = 1/2 copo)
- 11:00 h. - q.s. de arroz
q.s. de feijão
q.s. de chuchu cozido
- 14:00 h. - pinga (uma dose = 1/2 copo)
- 18:00 h. - igual às 11:00 horas (o que sobrou)
pinga (uma dose = 1/2 copo)

GRUPO B - 30 anos

- 7:00 h. - 1 copo de café com leite
1 filão com manteiga
1 fruta
- 12:00 h. - 5 colheres de arroz
4 colheres de feijão
1 bife acebolado
q.s. de cenoura cozida
q.s. de salada de alface
sobremesa: 1 fruta
- 15:30 h. - 1 salgado
1 refrigerante
- 18:00 h. - 5 colheres de arroz
4 colheres de feijão
q.s. de filé de frango
q.s. de batata frita
q.s. de salada de beterraba
sobremesa: 1 doce
- 20:30 h. - 1 copo de leite morno

GRUPO C - 35 anos

- 7:00 h. - 1 copo de leite com Nescau ou
1 copo de coalhada
1 fatia de melão ou mamão
3 bolachas com geléia de frutas ou mel
1 fatia de queijo
- 10:00 h. - 1 copo de suco de laranja
1 fruta (maça, pera, banana maçã)
- 13:00 h. - q.s. de torta de frango ou carne ou
1 bife médio de boi ou porco
q.s. de salada de folhas verdes
3 colheres de arroz
2 colheres de feijão
q.s. de refrigerante
1 fruta ou doce
- 16:00 h. - 1 fruta ou
1 vitamina com mel ou
2 danones
q.s. de chá com torradas puras ou
bolachas de água e sal.

20:00 h. - 3 colheres de arroz
q.s. de salada mista de legumes
(cenoura, vagem, batata, etc.)
q.s. de peixe ensopado ou assado
1 refrigerante
sobremesa: 1 doce.

IDOSOGRUPO A - 80 anos

- 7:00 h. - q.s. de água e pão
1/2 copo de leite às vezes quando tem
1 banana às vezes quando tem
- 12:00 h. - 1 concha de feijão
2 colheres de arroz
q.s. de farinha
carne às vezes quando tem
q.s. de abobrinha
- 15:00 h. - 1 caneca de café com 1/2 filão com man
teiga
1 banana às vezes quando tem
- 18:00 h. - q.s. de arroz
q.s. de feijão
q.s. de farinha
q.s. de verdura

GRUPO B - 84 anos

- 7:00 h. - 1 xícara de café com leite
1 filão com manteiga
- 10:00 h. - 1 laranja
- 12:00 h. - q.s. de arroz
q.s. de feijão
q.s. de carne
q.s. de batata e repolho refogado
q.s. de salada de almeirão e tomate
sobremesa: laranja ou canjica
- 15:00 h. - 1 xícara de café
1/2 filão com manteiga
q.s. de pudim de pão ou canjica
- 18:00 h. - q.s. de arroz
q.s. de feijão
q.s. de carne
q.s. de salada de tomate
q.s. de pão (para empurrar a comida)
- 20:00 h. - 1 copo de leite.

GRUPO C - 82 anos

- 8:30 h. - ovos com bacon
1 copo de suco de laranja com cenoura
ou (melão, abacaxi, tomate, etc.)
torradas com queijo e presunto
bolo ou tortas de fruta
frutas (mamão, melão, maçã, pera, moran
go, uvas, etc.)
- 13:30 h. - 1 prato de caldo (consomê)
q.s. de carne grelhada ou peixe
q.s. de arroz

segue...

q.s. de salada de legumes
q.s. de vinho branco (ou tinto dependen
do da carne)
sobremesa: frutas, sorvete, tortas.

20:00 h. - q.s. de arroz
q.s. de suflê
q.s. de salada de legumes
q.s. de suco

22.00 h. - 1 xícara de chá com torradas e geléia.

VII
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Referencias Bibliograficas

- 1) ABRAMOVAY, R. *O que é fome*. 5a. ed., São Paulo, Brasiliense, 1986. 116 p.
- 2) ALVES, N.G. *A saúde na sala de aula: uma análise dos livros didáticos*. Cadernos do Cedes, 18: 38-53, 1987.
- 3) ALVES, R. *Estória de quem gosta de ensinar*. São Paulo, Autores Associados, Cortez, 1984. 108 p.
- 4) *Conversas com quem gosta de ensinar*. 7a. ed., São Paulo,, Autores Associados, Cortes, 1984. 87 p.
- 5) AMARAL, F.P. *Discriminação e mistificação em alimentação: a FAO, a OMS, etc., contra os povos subdesenvolvidos*. São Paulo, Alfa-Omega, 1986. 169 p.
- 6) *Aproveitar os alimentos: lição de economia doméstica*. Alimentação e Nutrição, 6(29): 34, 1986.
- 7) ARAÚJO, B.J. *A crise da USP*. São Paulo, Brasiliense, 1980. 193 p.
- 8) ARGUELLES VASQUEZ, J.M. et alii *Evolucion nutricional en un grupo de niños y adolescentes con diagnostico clinico y serologico de dengue*. s. l. p. Instituto de Nutricion e Higiene de los Alimentos, s.d. - mimeografado.
- 9) ASSIS, A.M.O. et alii *Expropriação e fome*. Salvador, Empresa Gráfica da Bahia, 1987. 163 p.
- 10) BARROS, J. *A fantástica corrupção no Brasil: mordomias, sinecuras, peculato, os cidadãos acima da lei*. 2a. ed., São Paulo, Edição do Autor, s.d. , 194 p.
- 11) BASBAUM, L. *Uma vida em seis tempos: memórias*. 2a. ed., São Paulo, Alfa-Omega, 1978. 309 p.
- 12) BATISTA FILHO, M. & BARBOSA, M. de P. *Pró-memória alimentação e nutrição no Brasil 1974 - 1984*. Brasília, Ministério da Saúde, Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição, s.d. . 87 p.

- 13) BERGER, P.L. & LUCKMANN, T. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*, 5a.ed. Trad. Flórida de Souza Fernandes, Petrópolis, Vozes, 1983. 247 p.
- 14) BELINGUER, G. *A saúde nas fábricas*. Trad. Hanna Augusta Rothschild e José Rubem de Alcantara Bonfim, São Paulo, CEBES-HUCITEC, 1983. 171 p.
- 15) *Medicina e política*. Trad. Bruno Giuliani, São Paulo, CEBES-HUCITEC, 1978. 199 p.
- 16) BETING, J. *Os juros subversivos*. 6a. ed., São Paulo, Brasiliense, 1985. 302 p.
- 17) BLOCH, P. *Pai, me compra um amigo ?* Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1977. 131 p.
- 18) BOBBIO, N. *Qual socialismo ? debate sobre uma alternativa*. 2a. ed., Trad. Iza de Salles Freaza, Rio de Janeiro, 1983. 111 p.
- 19) BOLETIM DIEESE - São Paulo, Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos, 5, maio de 1986. 79 p.
- 20) BONTEMPO, M. *Relatório Orion: denúncia médica sobre os perigos dos alimentos industrializados e agrotóxicos*, Porto Alegre, L&PM, 1985. 151 p.
- 21) BORNHEIN, G.A. *Introdução ao filosofar: o pensamento filosófico em bases existenciais*. 6a. ed., Porto Alegre, Rio de Janeiro, Globo, 1983. 117 p.
- 22) BOSI, A. *História consisa da literatura brasileira*. 3a. ed. São Paulo, Cultrix, 1984. 582 p.
- 23) BORDIEU, P. & PASSERON, J.C. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 2a. ed., Trad. Reynaldo Bairão, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982. 238 p.
- 24) BRAGA, J.C.S. & PAULA, S.G. de *Saúde e previdência: estudos de política social*. São Paulo, CEBES-HUCITEC, 1981. 226 p.

- 25) BRANDÃO, C.R. *Educação popular*. São Paulo, Brasiliense , 1984. 86 p.
- 26) CAMPOS, M.M.M. et alii *Profissionais de creche*. Cadernos do Cedes, 9: 39-66, 1984.
- 27) CANEVACCI, M. org., *Dialética da Família : gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição por Engels et alii*. 3a. _ ed., São Paulo, Brasiliense, 1984. 282 p.
- 28) CAPISTRANO FILHO, D. org., *Saúde para todos: um desafio ao município - a resposta de Baurū*. São Paulo, HUCITEC-OBORÉ , 1985. 158 p.
- 29) CASTRO, A.M. de, org., *Fome, um tema proibido: Últimos escritos de Josué de Castro*. Petrópolis, Vozes, 1983. 154 p.
- 30) CASTRO, C.M. & COIMBRA, M. *O problema alimentar no Brasil* . São Paulo, UNICAMP, ALMED, 1985. 213 p.
- 31) CASTRO, F. *A dívida externa: seleção temática fevereiro-setembro de 1985*. Trad. de Gabriel Grossi, Gustavo Mello e Jurandir Soares dos Santos. Porto Alegre, L?PM, 1986. 152 p.
- 32) CASTRO, J. de *Geografia da Fome*. 6a. ed., São Paulo, Brasiliense, 1959. 292 p.
- 33) CATANI, A.M. *O que é capitalismo*. 8a. ed., São Paulo, Brasiliense, 1982. 139 p.
- 34) CLAUREUL, J. *A ordem médica; poder e importância do discurso médico*. São Paulo, Brasiliense, 1983. 274 p.
- 35) COMISSÃO INDEPENDENTE SOBRE QUESTÕES HUMANITÁRIAS INTERNACIONAIS. *Fome; catástrofe provocada pelo homem ?* Trad. de Luiz Neto e Mafalda Almeida. Petrópolis, Vozes, 1986. 200 p.
- 36) CONFERÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE. 8a. Boletim Informativo (5) , 1986.
- 37) COSTA, C.T. *O que é anarquismo*. 6a. ed., São Paulo, Brasiliense, 1982. 121 p.
- 38) COSTA, N. do R. *Estado, educação e saúde: a higiene da vida cotidiana*. Cadernos do Cedes, 4: 5-27, 1981.

- 39) COSTA, N.R. *Lutas urbanas e controle sanitário: origem das políticas de saúde no Brasil*. Petrópolis, Vozes, Rio de Janeiro, ABRASCO, 1985. 121 p.
- 40) CUNHA, L.A. *A universidade crítica: o ensino superior na República populista*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983. 260 p.
- 41) *A universidade temporã: o ensino superior da colônia à era de Vargas*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, UFC, 1980. 295 p.
- 42) *Educação e desenvolvimento social no Brasil*. 7a. ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983. 293 p.
- 43) *Uma leitura da teoria da escola capitalista*. Rio de Janeiro, Achiamê, 1980. 80 p.
- 44) CURY, C.R.J. *Ideologia e educação brasileira: católicos e liberais*. 2a. ed., São Paulo, Cortez, Autores Associados, 1984. 169 p.
- 45) DALLARI, D.A. *Elementos de teoria geral do Estado*. 8a. ed., São Paulo, Saraiva, 1982. 263 p.
- 46) DEBRUM, M. *A "conciliação" e outras estratégias*. São Paulo, Brasiliense, 1983. 173 p.
- 47) DICKSON, M. *Onde não há dentista*. São Paulo, Paulinas, 1985. 218 p.
- 48) DONNANGELO, M.C. *Medicina e sociedade. O médico e seu mercado de trabalho*. São Paulo, Pioneira, 1975. 174 p.
- 49) DURAND, J.C.G. org., *Educação e hegemonia de classe; as funções ideológicas da escola*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979. 228 p.
- 50) FAORO, R. *Assembléia constituinte; a legitimidade recuperada*. 2a. ed., São Paulo, Brasiliense, 1982. 98 p.
- 51) FERNANDES, F. *Circuito fechado: quatro ensaios sobre o "poder institucional"*. 2a. ed., São Paulo, HUCITEC, 1977. 224 p.
- 52) *A questão da USP*. São Paulo, Brasiliense, 1984. 117 p.

- 53) FERRARI, B.T. *Desnutrição: a tragédia da fome*. Revista Brasileira de Clínica Terapêutica, 15(3): 4141-48, 1986.
- 54) FLEURI, R.M. *Educar para que ?; contra o autoritarismo da relação pedagógica na escola*. Goiânia, U.C.G., 1986. 117 p.
- 55) FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 4a. ed., Rio de Janeiro, Graal, 1984. 295 p.
- 56) *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1977. 241 p.
- 57) FREIRE, P. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 5a. ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981. 149 p.
- 58) *A importância do ato de ler; em tres artigos que se completam*. São Paulo, Autores Associados, Cortez, 1982. 96 p.
- 59) & GUIMARÃES, S. *Sobre educação (diálogos)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982. 132 p.
- 60) FRIGITTI, G. *Política e financiamento da educação: sociedade desigual, distribuição desigual dos recursos*. Cadernos do Cedes, 5: 3-12, 1981.
- 61) FURTADO, C. *A fantasia organizada*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985. 232 p.
- 62) GADOTTI, M. *Concepção dialética da educação; um estudo introdutório*. São Paulo, Cortez, Autores Associados, 1983. 175 p.
- 63) GALEANO, E. *As veias abertas da América Latina*. 11a. ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980. 305 p.
- 64) GARCIA, C. *O que é nordeste brasileiro*. 2a. ed., São Paulo, Brasiliense, 1985. 92 p.
- 65) GARRAFA, V. *Contra o monopólio da saúde: temas para debate*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1983. 143 p.
- 66) GEORGE, S. *O mercado da fome*. Trad. Eneida Cidade Araújo, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978. 307 p.
- 67) GIANNOTTI, J.A. *A Universidade em ritmo de barbárie*, São Paulo, Brasiliense, 1986. 113 p.

- 68) GIROUX, H. *Pedagogia radical: subsídios*. Trad. Dagmar M. L. Zibas, São Paulo, Cortez, Autores Associados, 1983. 95 p.
- 69) GOÊS, M. de *De pé no chão também se aprende a Ler (1961-1964): uma escola democrática*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980. 209 p.
- 70) GOMEZ, C.M. et alii *Trabalho e Conhecimento: dilemas na educação do trabalhador*. São Paulo, Cortez, Autores Associados, 1987. 92 p.
- 71) GORZ, A. *Crítica da divisão do trabalho*. Trad. Estela dos Santos, São Paulo, Martins Fontes, 1980. 248 p.
- 72) GRAMSCI, A. *Maquiavel, a política e o estado moderno*. 5a. ed. Trad. Luiz Mário Gazzaneo, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1984. 444 p.
- 73) *Os intelectuais e a organização da cultura* Trad. Carlos Nelson Coutinho, ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1982. 244 p.
- 74) GRUPPI, L. *Conceito de hegemonia em Gramsci*. 2a. ed. Trad. Carlos Nelson Coutinho, Rio de Janeiro, Graal, 1980. 143 p.
- 75) GUIMARÃES, R. *Saúde e medicina no Brasil: contribuição para um debate*. 3a. ed. Rio de Janeiro, Graal, 1978. 296 p.
- 76) GUIMARÃES, S. *Como se faz a indústria do vestibular*. Petrópolis, Vozes, 1984. 76 p.
- 77) HARDMANN, F.F. *Nem pátria nem patrão; vida operária e cultura anarquista no Brasil*. 2a. ed. São Paulo, Brasiliense, 1984. 199 p.
- 78) HARPER, B. et alii *Cuidado, escola: desigualdade, domesticação e algumas saídas*. 24a. ed. São Paulo, Brasiliense, 1987. 117 p.
- 79) HOBBSBAWN, E.J. *Revolucionários*. Trad. João Carlos Vitor Garcia e Adelângela Saggioro Garcia. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982. 277 p.
- 80) *História do anarquismo II; o marxismo na época da segunda internacional (primeira parte)*. Trad. Leandro Konder e Carlos Nelson Coutinho, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985. 339 p.

- 81) *História do marxismo III; o marxismo na época da segunda internacional (segunda parte)*. Trad. Carlos Nelson Coutinho, Fátima Murad e Luiz Arturo Obojes, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984. 314 p.
- 82) *História do marxismo IV; o marxismo na época da segunda internacional (terceira parte)*. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio N. Henrique, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984. 319 p.
- 83) HOLANDA, S.B. de *Raízes do Brasil*. 16a. ed., Rio de Janeiro, J. Olympio, 1983. 158 p.
- 84) ILLICH, I. *Sociedades sem escolas*. 6a. ed. Trad. Lúcia Mathil de Eudlich Orth, Petrópolis, Vozes, 1982. 186 p.
- 85) JIMENEZ ACOSTA, S.M. *Estudio sobre el gasto energetico de un grupo de macheteros de alta productividad en la region de Mayabeque*. La Habana, Instituto Nacional de Higiene, Epidemiologia y Microbiologia. Depto. Nutricion & Higiene de los Alimentos, 1978. 55 p. Tese (Primer Grado en Nutricion).
- 86) JORNAL DE SAÚDE DA AMEPAR. Associação dos Municípios do Médio Paranapanema, (0) julho de 1987.
- 87) KLOERZEL, K. *O que é medicina preventiva*. São Paulo, Brasiliense, 1984. 92 p.
- 88) KNAUT, I. *Mapa dos óbitos mostra que fome mata mais na periferia*. Folha de São Paulo, 22/março/1987, p.A-20.
- 89) KONDER, L. *O que é dialética*. 4a. ed., São Paulo, Brasiliense, 1981. 87 p.
- 90) KORCZAK, J. *Quando eu voltar a ser criança*. Trad. Yan Michalski, São Paulo, Summus, 1981. 155 p.
- 91) LANDMANN, J. *Evitando a saúde e promovendo a doença*. 3a. ed. Rio de Janeiro, Achiamê, 1982. 187 p.
- 92) *Medicina não é saúde: as verdadeiras causas da doença e da morte*. 2a. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983. 327 p.
- 93) LASSALLE, F. *Que é uma constituição*. 2a. ed., São Paulo, Kairós, 1985. 62 p.

- 94) LEAL, V.N. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. 4a. ed., São Paulo, Alfa-Omega, 1978. 276 p.
- 95) LOPES, E.M.S.T. *Origens da educação pública; a instrução na revolução burguesa do século XVIII*. São Paulo, Loyola, 1981. 127 p.
- 96) MACHADO, R. *Ciência e Saber; a trajetória da arqueologia de Michel Foucault*. Rio de Janeiro, Graal, 1982. 218 p.
- 97) MARCONI, M.A. & LAKATOS, E.M. *Técnicas de Pesquisa; planejamento e execução de pesquisa, amostra e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*. São Paulo, Atlas, 1986. 205 p.
- 98) MARTIN, P.S. *Agricultura suicida; um retrato do modelo brasileiro*. São Paulo, Icone, 1985. 124 p.
- 99) McLELLAN, D. *Karl Marx; his life and thought*. Granada Publishing Limited, Published in 1976 by Paladin, Trogmore, St. Albans, Herts AL2 2NF. 498 p.
- 100) MEIER, A. *Sociologia de la educacion*, Habana, Editorial de Ciencias Sociales, 1984. 380 p.
- 101) MELLO, G.N. de *Magistério de 1º Grau; da competência técnica ao compromisso político*. 3a. ed., São Paulo, Autores Associados, Cortez, 1983. 151 p.
- 102) MELO, F.H. de *O problema alimentar no Brasil; a importância dos desequilíbrios tecnológicos*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983. 226 p.
- 103) *Prioridade agrícola: sucesso ou fracasso ?* São Paulo, Pioneira, 1985. 200 p.
- 104) MENDER, A. *Lo stato socialista*. Trad. Ida Lerda Olberg, 2a. ed. Milano, Fratelli Bocca, 1902. 292 p.
- 105) MARHY, E.E. *O capitalismo e a saúde pública: a emergência das práticas sanitárias no Estado de São Paulo*. Campinas, Papirus, 1985. 116 p.
- 106) MINAYO, M.C.S., org. *Raízes da fome*. Petrópolis, Vozes, FASE, 1985. 185 p.

- 107) MINISTÉRIO DA SAÚDE. Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição. Divisão Nacional da Saúde Materno Infantil, Delegacia Federal de Saúde em Pernambuco. Instituto Materno Infantil de Pernambuco. Atividade de atendimento à criança com desnutrição severa à nível da rede de saúde. Mimeografado.
- 108) MINISTÉRIO DA SAÚDE *Saúde: direito de todos*. Brasília, Secretaria Geral do Ministério da Saúde, 1986. 29 p.
- 109) NIDELCOFF, M.T. *Uma escola para o povo*. 14a. ed., São Paulo, Brasiliense, 1982. 102 p.
- 110) NOVAES, H.M.D. & ZUCCOLOTTO, S.M.C. *A saúde do escolar*. Caderno do Cedes, 15: 17-29, 1985.
- 111) OLIVEIRA, F. de *Elegia para uma re(li)gião*; SUDENE, Nordeste, planejamento e conflito de classes. 4a. ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985. 137 p.
- 112) PAIVA, V.P. *Educação popular e educação de adultos*. 2a. ed., São Paulo, Loyola, 1983. 367 p.
- 113) *Paulo Freire e o nacionalismo desenvolvimentista*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, UFC, 1980. 208 p.
- 114) PAOLI, N.J. *Ideologia e Hegemonia: as condições de produção da educação*. 2a. ed., São Paulo, Cortez, Autores Associados, 1981. 103 p.
- 115) PAULA, S.G. de & BENJAMIN, C.Q. "... e o sertão de todo se apropriou à vida ..."; um estudo sobre a fome e a seca no Nordeste. Petrópolis, Vozes, 1986. 182 p.
- 116) PEREIRA, L. & FORACCHI, M.N. *Educação e sociedade*. 6a. ed., São Paulo, Nacional, 1971. 449 p.
- 117) PEREIRA, W.C.C. *Dinâmica de grupos populares*. 3a. ed., Petrópolis, Vozes, 1985. 159 p.
- 118) PÉREZ MARÍN, E. & ROSALES ALVAREZ, R. *Algunas consideraciones a la producción de alimentos de origem agropecuario en Cuba*. Cuba, Ministério da Agricultura, 1986. 9 p. (mimeografado)
- 119) PISTRÁK, *Fundamentos da escola do trabalho*. Trad. Daniel Aarão Reis Filho, São Paulo, Brasiliense, 1981. 170 p.
- 120) PROGRAMA DE ESTUDOS DA FOME. *Fome: em debate*. Brasília, NESP, UNB, out/dez 1987, nº 1. 20 p.

- 121) PROGRAMA DE ESTUDOS DA FOME. *Fome: em debate*. Brasília, NESP, UNB, Julho/set. 1987, nº 2 . 20 p.
- 122) RAMALHO, J.P. *Prática educativa e sociedade: um estudo sociológico da Educação*. Rio de Janeiro, Zahar, 1976. 183 p.
- 123) RAMOS, A.G. *A nova ciência das organizações; uma reconceituação da riqueza nas Nações*. Trad. Mary Cardoso, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 198 . 209 p.
- 124) REZENDE, A.L.M. de *Saúde; dialética do pensar e do fazer*. São Paulo, Cortez, 1986. 159 p.
- 125) REZENDE, A.M. *O saber e o poder na universidade: dominação ou serviço ?* 2a. ed., São Paulo, Cortez, Autores Associados 1983. 88 p.
- 126) REYDON, B. et alii *Reforma agrária na Nova República; contradições e alternativas*. São Paulo, Cortez, EDUC, 1985 . 120 p.
- 127) RIBEIRO, H.P. & LACAZ, F.A. de C. org., *De que adoecem e morrem os trabalhadores*. São Paulo, DIESAT, 1984. 236 p.
- 128) RODRIGUES, N. *Lições do príncipe e outras lições; o intelectual, a política, a educação*. São Paulo, Cortez, Autores Associados, 1984. 111 p.
- 129) ROMANELLI, O. de O. *História da educação brasileira (1930 - 1973)*. 6a. ed., Petrópolis, Vozes, 1984. 267 p.
- 130) ROSSI, W.G. *Capitalismo e educação*. 2a. ed., São Paulo, Moraes, 1980. 160 p.
- 131) ROUANET, S.P. *Teoria crítica e psicanálise*. Rio de Janeiro , Tempo Brasileiro, 1983. 377 p.
- 132) RUBÉN MARICONDA, P. *Teoria da mais-valia: os fisiocratas Karl Marx; reflexões acerca da formação e distribuição das riquezas Turgot*. São Paulo, Global, 1978. 191 p.
- 133) SÃO PAULO. Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. *Pesquisa de emprego e desemprego*. São Paulo, SEADE, DIEESE, 1986. (Grande São Paulo, 15, 16, 17)
- 134) SARUP, M. *Marxismo e educação; abordagem fenomenológica e Marxista da educação*. Trad. Waltensir Dutra, Rio de Janeiro, Zahar, 1980. 191 p.

- 135) SAVIANI, D. *Escola e democracia*; teoria da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. São Paulo, Autores Associados, Cortez, 1983. 96 p.
- 136) *Educação*; do senso comum à consciência filosófica. 4a. ed., São Paulo, Autores Associados, Cortez, 1984. 224p.
- 137) SEMINÁRIO INTERNACIONAL EM ATENÇÃO PRIMÁRIA DE SAÚDE. Havana, Cuba, 09/12 jun. de 1986. São Paulo, Instituto de Saúde, 1986. 71 p.
- 138) SEVERINO, A.S. *Metodologia do trabalho científico*: diretrizes para o trabalho didático-científico na Universidade, 11a. ed., São Paulo, Cortez, Autores Associados, 1984. 195 p.
- 139) SILVA, J.G. da *O que é a questão agrária*. 13a. ed., São Paulo, Brasiliense, 1986. 144 p.
- 140) SILVA, L.J. da *Desbravamento, agricultura e doença*: a doença de Chagas no Estado de São Paulo. Cadernos de Saúde Pública, 2(2): 124 - 140, 1986.
- 141) SINGER, P. et alii. *Prevenir e curar*; o controle social através dos serviços de saúde. 2a. ed., Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1981. 166 p.
- 142) SPINDEL, A. *O que é comunismo*. São Paulo, Brasiliense, 1981. 86 p.
- 143) *O que é o Socialismo*. 2a. ed., São Paulo, Brasiliense, 1980. 79 p.
- 144) TRAGTENBERG, M. org., *Marxismo heterodoxo IV*. Trad. Beatriz Berg, Daniel Aarão Reis Filho, Horácio González, São Paulo, Brasiliense, 1981. 228 p.
- 145) UNICEF. *Situação Mundial da Infância 1985*. Brasília, Fundo das Nações Unidas para a Infância, 1985. 80 p.
..... *Situação mundial da Infância 1987*. Brasília, Fundo das Nações Unidas para a Infância, 1987. 98 p.
- 146) VALENTE, F.L.S., org. *Fome e desnutrição*: determinantes sociais. São Paulo, Cortez, 1986. 107 p.
- 147) VEIGA, J.E. *O que é reforma agrária*. 2a. ed., São Paulo, Brasiliense, 1981. 87 p.

- 148) VIACAVA, F. et alii *A desnutrição no Brasil*. Uma análise do estudo nacional da despesa familiar (IBGE 74-75) para o Nordeste, Estado de São Paulo e Estado do Rio de Janeiro. Petrópolis, Vozes, FINEP, 1983. 199 p.
- 149) VIEIRA, E. *Estado e miséria social no Brasil de Getúlio a Geisel - 1951 a 1978*. São Paulo, Cortez, 1983. 240 p.
- 150) *O que é desobediência civil*. São Paulo, Brasiliense, 1983. 93 p.
- 151) VINHA, D. et alii *Frequência de perdas dentais em adultos-jovens do sexo masculino*. Revista da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Ribeirão Preto, 14(2): 121-128, 1977.
- 152) VINHA, D. & VALE, L.V.do *Programa de profilaxia e prevenção da placa dental em uma população adulta*. Revista Paulista de Odontologia, 9(3): 2-14, 1987.
- 153) VANDERLEY, L.E.W. *O que é Universidade*. São Paulo, Brasiliense, 1983. 83 p.
- 154) WEBBER, M. *Ciências e políticas: duas vocações*. Trad. Leonidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota, São Paulo, Cultrix, s.d. . 124 p.
- 155) ZALUAR, A. *A máquina e a revolta; as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo, Brasiliense, 1985. 265 p.